



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**MULHERES DO LER: FIOS-ESCREVIVÊNCIA QUE ENSINAM A
TRANSGREDIR E FORMAM TEIAS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL
NO MUNICÍPIO DE QUEIMADOS**

VERONICA DA CUNHA ANDRADE SANTOS

*Sob a Orientação da Professora
Sandra Regina Sales*

Tese submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de **Doutora em
Educação**, no Programa de Pós-
Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares,
Área de Concentração em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Dezembro de 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237m

Santos, Verônica da Cunha Andrade , 1977-
Mulheres do Ler: fios-escrevivência que ensinam a
transgredir e formam teias de transformação social no
município de Queimados / Verônica da Cunha Andrade
Santos. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2024.
154 f.: il.

Orientadora: Sandra Regina Sales.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2024.

1. Mulheres do Ler. 2. Escrevivências. 3.
Transgressão. 4. Educação de Jovens e Adultos. 5.
Queimados. I. Sales, Sandra Regina, 1968-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares III. Título.

TERMO Nº 1235 / 2024 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.072169/2024-70

Seropédica-RJ, 23 de dezembro de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS
POPULARES

VERONICA DA CUNHA ANDRADE SANTOS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 09/12/2024

Membros da banca:

SANDRA REGINA SALES. Dra. UFRRJ (Orientadora/Presidente da Banca).

ADILBENIA FREIRE MACHADO. Dra. UFRRJ (Examinadora Interna).

FABIANE FROTA DA ROCHA MORGADO. Dra. UFRRJ (Examinadora Interna).

JONÊ CARLA BAIÃO. Dra. UERJ (Examinadora Externa à Instituição).

LUIZA RODRIGUES DE OLIVEIRA. Dra. UFF (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 24/12/2024 11:31)
ADILBENIA FREIRE MACHADO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1230788

(Assinado digitalmente em 26/12/2024 12:09)
FABIANE FROTA DA ROCHA MORGADO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)
Matrícula: 2200105

(Assinado digitalmente em 24/12/2024 09:15)
SANDRA REGINA SALES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1649545

(Assinado digitalmente em 23/12/2024 20:22)
JONE CARLA BAIÃO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 972.474.057-91

(Assinado digitalmente em 17/01/2025 08:23)
LUIZA RODRIGUES DE OLIVEIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 927.050.817-04

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **1235**, ano: **2024**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **23/12/2024** e o
código de verificação: **9a42f8c38c**

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese ao meu amado pai Gabriel Arcanjo de Andrade, in memoriam, afinal ele partiu durante o processo desta pesquisa, poucos dias após gravar um depoimento lindo em frente à UFRRJ, lugar que ele ajudou a materializar através da luta social na Baixada Fluminense. Àquele que sempre acreditou e me incentivou em minha caminhada acadêmica, àquele que amou profundamente a minha mãe e a mim, ensinando-nos que o mundo seria escrito por nós e por todas as mulheres negras que fizessem parte da nossa teia de afetos e lutas: as escrevivências aqui tecidas são para honrar o seu legado no movimento social e florescer Veronicas e Gabréis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus: aquele Deus do amor que abraçou a menina preta de apenas 13 anos na Igreja do Evangelho Quadrangular de Ponte Preta, Queimados-RJ e a fez enxergar, pelos olhos das líderes negras que existiam por lá, que ela podia “sair do lugar que limitava a sua visão! ”, que ela “não era uma fraquejada” e que a história dela importava.

Agradeço às Linas da minha vida: nelas estão todas as mulheres incríveis que conviveram e convivem comigo, pavimentando a estrada para que eu pudesse caminhar e me ensinando todos os dias que uma teia é feita de muitos fios.

Agradeço aos Gabriéis da minha vida: neles estão todos os homens que não me sufocaram com o seu machismo, não soltaram a minha mão e compreenderam que um mundo outro poderia ser construído por mãos-mulheres e pretas.

Agradeço à Prefeitura da Municipal de Queimados pela licença remunerada para estudos por seis meses e a liberação das minhas licenças-prêmio adquiridas pelos ininterruptos serviços prestados a cada cinco anos: seguiremos lutando pelo plano de cargos e salários do funcionalismo municipal.

Agradeço à professora Sandra Regina Sales, minha orientadora, que me presenteou com algo muito raro em minha experiência acadêmica: você realmente aprendeu com Freire sobre o respeito ao discente ser um saber indissociável à prática educativa.

Por último, mas não menos importante, agradeço a cada estudante que passou pela minha vida nestes 30 anos como professora da/na educação básica: vocês, sem dúvida nenhuma, foram meus maiores mestres e mestras nesta trajetória tão cheia de boniteza.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

Se ao menos o medo me fizesse recuar, pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção desse medo. É como se o medo fosse uma coragem ao contrário.

(Conceição Evaristo)

CUNHA, Veronica. **Mulheres do Ler: Fios-escrevivência que ensinam a transgredir e formam teias de transformação social no município de Queimados.** 2024. 154p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024.

RESUMO

Este trabalho nasce do encontro com um grupo de mulheres negras em processo de alfabetização (ou pouco escolarizadas) e letramento, em uma turma da Educação de Jovens e Adultos na cidade de Queimados, Baixada Fluminense. A turma de mulheres, após o debate em aula por ocasião da frase temerosa “bela, recatada e do LAR” vinculada em consequência do golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff, decidiu denominar-se Turma Mulheres do LER. O grupo demandou debates sobre problemas sociais existentes no território no qual habitam, em articulação com a leitura e a escrita, construindo um encontro mensal que agregou a discussão sobre inúmeras especificidades, a partir dos elementos trazidos por outras mulheres negras professoras, merendeiras, trancistas, yalorixás, estudantes e outras educadoras do território que, posteriormente, construíram conosco o que se consolidava como o Coletivo Mulheres do Ler. Nas oficinas de leitura e escrita, a partir do livro Olhos d’água da escritora Conceição Evaristo, surgiu a ideia de fazermos um livro, reunindo as escrevivências dessas mulheres. Em um país construído com bases racistas, classistas e sexistas, a formação de mais de uma centena de autoras, publicando coletivamente um livro por ano entre 2020 e 2024, é uma espécie de vingança, parafraseando a própria Evaristo. O objetivo geral deste trabalho é identificar nos fios-escrevivência alinhavados nos cinco livros publicados pelas Mulheres do Ler em coletâneas autofinanciadas, possíveis transformações pessoais e sociais que reverberam no território no qual habitam as escrevientes. Tomando a escrevivência como o nosso caminho teórico-metodológico e, revisitando o material produzido no Instagram do Coletivo, a partir da leitura de cerca de 150 textos publicados pelas Mulheres do Ler, observamos os fios-escrevivência tecidos pelas mulheres que passaram pela EJA e, em algum momento, se sentiram tocadas pela oportunidade de dizerem a sua palavra coletivamente, a partir da leitura de outras autoras negras, publicando as suas escrevivências. Destarte, escolhemos dialogar com quatro mulheres negras componentes do Coletivo que são egressas da EJA, seja como alunas ou educadoras, prestaram ou prestam serviços de limpeza domiciliar, buscando as percepções que elas têm sobre ensinar a transgredir e formar teias na escrita-vida como possibilidade de transformação social no município de Queimados, haja vista que um outro critério de escolha também foi a atuação no território em entrelaçamento de fios com a pesquisadora. Refletimos sobre as possibilidades de construção de um outro mundo possível, onde o pronunciamento de mulheres negras e mais pobres construa propostas que anunciem possibilidades de uma transformação social, como preconizou Lélia Gonzalez. Nesta construção de pesquisa junto com as Mulheres do Ler, percebemos como as mulheres produzem os seus trabalhos, narram sobre as suas realidades, alinhavam o conceito de transgressão em bell hooks, buscam o inédito viável em Freire. É uma tese que anuncia um movimento de insubordinação, a partir de uma escrita que conta outras histórias. A História da construção de uma pedagogia da teia, onde as escrevivências anunciam um rompimento com história única: patriarcal e branca.

Palavras-chave: Mulheres do ler; Escrevivências; Transgressão; Educação de Jovens e Adultos; transformação social; Queimados; Literatura negra.

CUNHA, Veronica. **Women of reading: Writing-threads that teach how to transgress and generate social transformation webs in the municipality of Queimados**. 2024. 154p. Thesis (Doctorate in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024.

ABSTRACT

This work comes from the meeting with a group of black women called “Mulheres do Ler” literature collective. Women who are in the literacy process or had poor schooling experience in a Youth and Adult Education class in the city of Queimados, Baixada Fluminense. The group of women, after the debate in class on the occasion of the fearful phrase “beautiful, modest and from HOME” linked as a result of the blow suffered by the president Dilma Rousseff, decided to call itself “Mulheres do Ler” (women of reading). The group demanded debates on social problems existing in the territory they live, in conjunction of reading and writing, building a monthly meeting that brought together the discussion on numerous specificities, based on elements brought by other black women teachers, school cooks, hair stylists, “valorixás”, students and other educators from the territory who, later, built with us what was consolidated as the “Coletivo Mulheres do Ler” (women of reading collective). In reading and writing workshops, based on the book “Olhos d’água” by the writer Conceição Evaristo, the idea came up of writing a book, bringing together the writings of these women. In a country built on racist, classist and sexist foundations, the formation of more than a hundred female authors, collectively publishing one book per year between 2020 and 2024, is a kind of revenge, to paraphrase Evaristo herself. The general objective of this work is to identify, in the writing threads outlined in the five books published by “Mulheres do Ler” in self-financed collections, possible personal and social transformations that reverberate in the territory in which the writers live. Taking writing as our theoretical-methodological path and, revisiting the material produced on “Mulheres do Ler” Instagram, from the reading of around 150 texts published by “Mulheres do Ler”, we observe the writing-threads woven by the women who went through EJA and, At some point, they felt touched by the opportunity to say their word collectively, based on reading other black authors, publishing their writings. Therefore, we chose to talk to four black women members of the Collective who are graduates of “EJA”, whether as students or educators, have provided or provide home cleaning services, seeking the perceptions they have about teaching transgression and forming webs in life-writing as a possibility of social transformation in Queimados, given that another selection criterion was also the activity in the territory in intertwining threads with the researcher. We reflect on the possibilities of building another possible world, where the statements of poorer black women build proposals that announce possibilities for social transformation, as advocated by Lélia Gonzalez. In this research construction together with “Mulheres do Ler”, we realized how women produce their work, write about their realities, align the concept of transgression in Bell Hooks, search for the viable innovation in Freire. It is a thesis that announces a movement of insubordination, based on writing that tells other stories. The History of the construction of a “pedagogy of the web”, where writings announce the end of a patriarchal and white history.

Keywords: Women of reading; Writings; Transgression; Youth and Adult Education; Queimados; Social Transformation; Black Literacy

LISTA DE SIGLAS

COMLER	Coletivo Mulheres do Ler
COPENE	Congresso de Pesquisadores Negros
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPSJV	Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FLIBA	Feira Literária da Baixada
FLIC	Festival Literário e Cultural
FLIPA	Feira Literária de Paracambi
FLIQ	Feira Literária de Queimados
GEPEJA	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MNU	Movimento Negro Unificado
PPGEDUC	Programa de pós-graduação em educação, contextos contemporâneos e demandas populares
SESC	Serviço Social do Comércio
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNIG	Universidade de Nova Iguaçu
USP	Universidade de São Paulo
TEN	Teatro Experimental do Negro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. A mestra-vó Irene e suas seis irmãs	32
Figura 2. Atividade feita pela aluna PAS Queimados: Estado do Rio de Janeiro 1999	61
Figura 3. Envelope: Ecos de outros Brasis	62
Figura 4. Identidade Dona VitaLINA: avó da autora	67
Figura 5. Sessão: O menino que descobriu o vento.....	72
Figura 6. Convite para o IV Seminário étnico-racial 2022.....	74
Figura 7. II Encontro virtual Mulheres do Ler 2020.....	77
Figura 8. Mulheres do ler e artesãs Andréia Araújo e Isabel Almeida: conclusão da formação pelo SEBRAE	77
Figura 9. Capa Edição I do livro Mulheres do Ler	79
Figura 10. Livro Mulheres do Ler II.....	81
Figura 11. Cafés literários virtuais do COMLER	82
Figura 12. Lançamento Mulheres do Ler.....	83
Figura 13. Livro Mulheres do Ler III	84
Figura 14. Livro “As faces de Lélia em mim”.....	86
Figura 15. Mulher do ler Isabel Cristina representando o COMLER na UFF-Niterói	88
Figura 16. Livro Cartas para Conceição Evaristo: Mulheres do ler V.....	89
Figura 17. Mulheres do Ler no CIEP 341 de Formação de Professores – Queimados.....	94
Figura 18. Mulher do Ler Isabel Almeida recebendo, das mãos da Coordenadora de Igualdade Racial Gisele Maria, a Moção de Aplausos na Câmara Municipal de Vereadores de Queimados	97
Figura 19. 1º Fórum Municipal de Artesãos de Queimados	99
Figura 20. Filha e neta de Vanda Cristina na oficina Belezinha Negra.....	101
Figura 21. Vanda Cristina na aula de Alfabetização da igreja.....	103
Figura 22. Vanda Cristina recebendo uma Moção Honrosa, das mãos da Coordenadora de Relações Etnicorraciais Sandra Remígio, na Câmara Municipal de Vereadores de Queimados	107
Figura 23. Vanda Cristina no Lançamento do Livro Mulheres do Ler V.....	108
Figura 24. Mulheres do COMLER com Vanda Cristina: A história de uma mulher são os escritos de muitas	109
Figura 25. Mural Lambe-lambe na Praça CEU	112

Figura 26. Mulher do Ler Marli Esteves.....	112
Figura 27. Mulher do Ler Grace Kelly representando o COMLER na inauguração da Biblioteca Luiz Gonzaga de Macedo em Queimados	113
Figura 28. É Natal no São Roque: ação do Instituto Marli Esteves.....	115
Figura 29. Inauguração da Nova FAETC de Queimados 2022	116
Figura 30. Mulher do Ler Maria Jussara Evaristo (Tia Ju).....	117
Figura 31. Maria Jussara Evaristo apresentando as suas duas publicações nos livros Mulheres do Ler I e II.....	119
Figura 32. Maria Jussara Evaristo na Semana da Consciência Negra – Queimados	120
Figura 33. Participação do COMLER no ENCCULT – UFAL.....	136
Figura 34. Lançamento de livro na Editora África e Africanidades	136
Figura 35. COMLER na FLIPA	137
Figura 36. COMLER na FLIPA	137
Figura 37. Sarau COMLER na FLIPA	138
Figura 38. COMLER na Bienal	138
Figura 39. COMLER na UFF - Angra dos Reis	139
Figura 40. Dinâmica no Lançamento do livro	139
Figura 41. Roberta Renoir, cofundadora do COMLER	140
Figura 42. COMLER homenageando Nilma Lino Gomes	140
Figura 43. COMLER no Projeto Consciências SESC	141
Figura 44. COMLER no COPENE Sudeste	141
Figura 45. COMLER na FLIC BF	142
Figura 46. Conceição Evaristo recebendo os livros Mulheres do Ler	142
Figura 47. Lançamento Edição V Mulheres do Ler.....	143
Figura 48. COMLER na Bienal	143
Figura 49. COMLER na Marcha das Mulheres Negras RJ	144
Figura 50. COMLER na Foto Histórica SP	144
Figura 51. COMLER na FLIQ.....	145
Figura 52. COMLER na FLIQ.....	145
Figura 53. COMLER na FLIQ.....	146
Figura 54. CONVITE para a FLIPA.....	147
Figura 55. Roda de Conversa com a Escritora Nilma Lino	147
Figura 56. Participação COMLER.....	148
Figura 57. Participação COMLER.....	148

Figura 58. Participação COMLER.....	149
Figura 59. Participação COMLER.....	149
Figura 60. Campanha 21 dias	150
Figura 61. Convite da pré-marcha das mulheres negras	150
Figura 62. Convite Mulheres do ler	151
Figura 63. Dia da defesa de tese da mulher do ler Neuza Oliveira.....	151
Figura 64. COMLER Dia da Mulher	152
Figura 65. COMLER na Marcha das Mulheres Negras.....	152
Figura 66. COMLER na roda de conversa com a jornalista Luciana Barreto	153
Figura 67. COMLER na foto histórica Escritoras Negras	153

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO.....	27
1 POR QUE A ESCRITA DA MULHER NEGRA É TRANSGRESSORA?	34
1.1 Conceição Evaristo: Nós também combinamos de não morrer	38
1.2 bell hooks: Sim! É sobre o amor	41
1.3 Lélia Gonzalez: Mirando nos sonhos	44
2 QUEIMADOS: “DE ESCRAVOS, LEPROSOS, IMPERADOR”	48
2.1 Queimados: “Nossa história é de luta”	55
2.2 Queimados: “não importa a sua origem”	60
3 UM COLETIVO LITERÁRIO NA CIDADE: “QUEIMADENSES, EIA AVANTE!”	66
3.1 Semeando Sorrisos: um fio-semente que cria outros mundos possíveis	69
3.2 “Bellas, recatadas e do lar?”: um fio-conversa que provoca Mulheres do Ler	71
3.3 Criar teia é exercício: os fios-mulheres formam a teia dos livros Mulheres do Ler	75
4 “MUITO PRAZER, SOMOS MULHERES DO LER”: A TEIA	91
4.1 Eu escrevivo: o fio-Veronica Cunha	92
4.2 Escrevivendo com o fio-Isabel Cristina Almeida.....	96
4.3 Escrevivendo com o fio-Vanda Cristina Damasceno.....	102
4.4 Escrevivendo com o fio-Marli Esteves	111
4.5 Escrevivendo com o fio-Maria Jussara Evaristo.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
ANEXO A – Mulheres do ler.....	137
ANEXO B – Convites para eventos	148

**MULHERES DO LER: FIOS-ESCREVIVÊNCIA QUE ENSINAM A TRANSGREDIR
E FORMAM TEIAS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO MUNICÍPIO DE
QUEIMADOS**

APRESENTAÇÃO

Não nos sonharam.

Sandra Remígio

Sou Veronica Cunha. Tenho 47 anos. Filha de Gabriel e Lina, nasceu em casa pelas mãos da Dona Ana, uma parteira que atuava na cidade. Muitas meninas da minha geração tiveram esse privilégio aqui no município de Queimados, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, onde moro até o momento em que teço os fios-linha desta tese. E, em nome delas, reafirmo que redijo uma tese, bem no primeiro parágrafo.

Costumo apresentar-me como a neta das mestras. Mulheres fortes que, ainda analfabetizadas (Souza, 2022) forjaram o meu ser mulher preta e pobre. Elas já dialogavam sobre a interseccionalidade, nos ensinando que era preciso compreender e compreender-se numa perspectiva de legitimar a nossa negrura (Akotirene, 2021).

Para falar de mim, criar a memória da minha existência nesta apresentação é importante que apresente também as minhas mestras: Dona Irene, Dona Vitalina e Dona Lina. Eis Dona Irene, a mãe de minha mãe, a minha mestra-lavadeira¹: Dona Irene saía duas vezes por semana para enfrentar aquele monstrinho interessante com vários gomos: o trem. Ainda era escuro. Tudo preto na madrugada, combinando com sua pele e com seus olhos. Os cabelos já tinham raios brilhantes que destoavam. A pele também já apresentava o brilho das marcas-linha de quem tem muita história e escrevivência. Dona Irene andava o mais rápido que suas perninhas podiam e então começava a maratona semanal própria dos que nasceram com um carimbinho identificando que sua territorialidade é bela e dura. Dona Irene era linda! Mais linda ainda era sua aula. Todas as netas eram as primeiras alunas da classe que se formava a cada banco-gramado. Era lá que ela estendia os lençóis das madames para quarar. Seu quadro-negro era o céu nada negro. A aula precisava de sol. Afinal, as brancas que terceirizam suas intimidades, precisavam cobrir a sua nudez e mudez. As peças listadas e contadas precisavam encantar após a viagem-arte Queimados-Centro do Rio de Janeiro. Todos os rebentos da terceira geração de Irene perguntavam-se intrigados como a mestra-vó-lavadeira engendra a proeza de devolver toda aquela trouxa ouriçada de forma tão alvejada e sem nenhuma ocorrência. Trouxa alvejada

¹ Texto originalmente publicado no livro de *Crônicas Pirulito: crônicas para professores e admiradores*.

e ocorrência eram palavras do nosso cotidiano, em outra aula-vida, é claro. Sabemos bem como são construídas historicamente os processos de genocídio (Nascimento, 2016).

Dona Irene era linda. A mais linda. Sabia contar histórias como ninguém. As dela e as alheias. Mas o que seria uma coisa ou outra? Voz calma que fazia as palavras saírem como bolhas de sabão. Sem compromisso, mas com o traço certeiro. Com o tempo-precisão para encantar (Gomes, 2023). Dizia-se não saber ler e escrever. Impossível. Era mestra. Dona Irene também tinha outra sala de aula: o quadro era sua tábua de passar e seu giz fazia-se num ferro pesado, onde colocava-se carvão. Dava para ver a vermelhidão das brasas. O importante era que o coração de Irene e o nosso permaneciam quentes e perigosos como carvão bem preto do giz-passador. Seja no gramado-carteira ou banco-cabide, as aulas eram sempre encerradas com visto de muito bom! Tínhamos que permanecer leves como as bolhas de sabão (Cunha, 2019).

A segunda mestra que eu preciso apresentar é minha mestra-lavradora² Dona Vitalina (Dona Lina), especialista em almas-semente. A terra sergipana, que ela irrigava também com suas lágrimas, gerou 22 sementes. Aquele que 25 anos depois seria o meu pai, era a mais nova delas e foi quem me apresentou a história carregada de muita força e dor. Força que Dona Vitalina sabia usar para arar com destreza e acariciar os cabelos das pessoas-mundo que ela jardinava no anúncio da hora de ir à escola. Sim, a escola para ela era fundamental. Os filhos deveriam sair ainda no escuro, caminhar pelas picadas. Ela achava isso fundamental. Ela tinha certeza.

Com os olhos marejados, papai conta que perdeu a conta das vezes que a viu chorar porque a aridez da roça e do coração do meu avô fazia trovejar palavras que não traziam a chuva esperada à alma-flor da vovó. Ele insistia que não precisavam estudar. A minha Vitalina fazia doces para guardar o dinheirinho dos cadernos. Para Seu Isaac, o meu avô, a roça era tempo útil, a escola tempo inútil. Homens como ele foram ensinados assim. Dona Lina, não. Para ela, com seus braços fortes que faziam queijadas, cocadas e tantos outros quitutes, a escola era doce. Dona Vitalina confiava e dizia para o seu Gabinho (assim ela chamava Gabriel, meu papai) que o espaço escolar era o lugar de adoçar a vida árida. Os seus longos cabelos que aos poucos iam perdendo a cor e ganhando raios brilhantes junto com a pele tão cheia de viço, mostravam as marca-linha daquelas que trazem muitas escrevivências. Tinha um andar firme, ágil. Contudo, quando sentava com as pernas abertas, jogava a saia entre elas e, ralando seus cocos, cozia sonhos.

² Texto originalmente publicado no livro *Mulheres das Letras*.

O Gabinho dela veio para o Rio de Janeiro com 17 anos. Não deu mais pra driblar o vovô. Fez ginásial como ele diz, depois supletivo e, enfim, chegou à Educação de Jovens e Adultos: um insistente, antes de tudo! Fez família na Baixada Fluminense, terra de desafios! A região ganhou um combativo filho do coração. Tinha um sonho de não decepcionar a mestra-lavradora. Trabalhou duro. Ah, aqueles ombros. Tantas vezes calejados pelas caixas no mercado São Sebastião. Ombros explorados, maltratados para que não nos faltasse o pão. Os ombros carregavam o mundo, pois ainda encontravam forças para lutar pelos moradores numa associação do bairro onde morávamos. Ombros que eu nunca vi balançar desdenhando uma peleia. Nunca deixou para trás um irmão. Ombros que serviram a muitos como colo, lenço e/ou abrigo.

Voltei a Aracaju alguns anos depois, levando a minha outra Lina, a Liberalina, a minha valente maezinha para a família conhecer. Vovô não gostou. Chamou a gente de tizi. Eu sugiro que você pesquise e descubra o porquê tizi. Eu só te digo uma coisa: era um codinome racista. Vovó não. Sempre doce, nos acolheu e disse que sempre soube que o seu Gabinho seria um grande homem! Sabia das coisas, Dona Vitalina. Por falar em saber das coisas, minha mãe parece um pouco com a sogra. Ela é forte, corajosa. Decidiu que nunca mais veria meu avô. Voltou lá não. Nem quando a vovó morreu. Lamentou, chorou e consolou o papai. Ele foi. Ela não. Só eu, depois de adulta, a convenci e viajarmos à terra fértil para que as minhas filhas soubessem bem sobre nossas raízes de mulheres determinadas e que rejeitam o racismo e o sexismo, pois aprenderam que “o passado está intimamente ligado ao presente” (Kilomba, 2019, p. 81).

Ainda que o sistema marginalizante desta sociedade excludente não tenha permitido que papai prosseguisse com sua escolarização, ele seguiu firme na ideia da nossa mestra de que a educação transforma pessoas (Freire, 1996). Ele nunca leu Paulo Freire, mas sabia que essas mesmas pessoas são as que constroem um mundo novo. Um novo mundo onde mais ninguém seja chamado de tizi e onde crianças nordestinas, sertanejas (ou qualquer uma) não tenham suas infâncias roubadas. Um novo mundo onde mulheres não sejam subjugadas numa cultura judaico-cristã que transforma o conceito de submissão numa mordaça.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) sempre fez (de maneiras diversas) parte da minha vida. Cresci ao lado desse pai branco que escolheu uma mulher preta e que sempre teve o trabalho como a sua realização pessoal. Ainda que fosse um trabalho expropriado, ele não se entregava. Foi sindicalista, presidente de associação de bairro, eleito para a CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) da empresa de refrigerantes Coca Cola em Nova Iguaçu. Sempre envolvido em muitas frentes de lutas sociais, nos ensinou a ter como meta a melhoria

da qualidade de vida daqueles que estavam ao redor, a pensar no coletivo. A ausência de políticas públicas na cidade de Queimados, especialmente em nosso bairro (que era a periferia da periferia), levou-me a compreender bem cedo que a luta por uma vida com mais dignidade seria tecida por várias mãos (Freire, 1992).

Nesse contexto, ainda na infância, eu acompanhava a Dona Ana Vargas, a parteira do bairro. Aquela que me ajudou a estrear no mundo. Ela visitava doentes, sarava suas feridas do corpo e da alma. Fazia nascer e fazia morrer. Tudo isso em um bairro onde as mulheres sequer se enxergavam. 1984. Não é um detalhe, um marco temporal. A casa dela era um lugar de acolhimento e de escolha reprodutiva nos seus moldes possíveis. Tudo isso eu só compreendi anos mais tarde. Contudo, o que demarco aqui são os princípios da existência em rede (hooks, 2017). O ano de 1984 também marca o início da minha alfabetização. Passo a frequentar os bancos debaixo das árvores de uma de nossas vizinhas. Nessa época ainda não tínhamos o direito à educação pública garantido. A professora Edyr reunia algumas crianças a fim de complementar a renda. É histórica a desvalorização do trabalho docente (Freire, 1996).

Cabe aqui destacar que não podemos nos furtar ao pensamento da estrutura social. Não estamos encapsulados. Para tanto, voltemo-nos a Santos (2012), que nos convida à reflexão quanto ao desvelamento do jogo maquiavélico subjacente à ideologia burguesa, jogo de fazer as relações de subordinação passarem por dados naturais da existência humana. Não era natural que crianças estivessem fora da escola. Não é natural que um pai saísse pela madrugada e só voltasse na outra noite. Considero que é imprescindível um movimento onde os intelectuais politizados portem-se como agentes da consciência, desvelando relações de poder onde normalmente elas não são percebidas. A atividade do trabalhador, como alienação da atividade produtiva, deixa de ser uma manifestação essencial do homem, para ser um “trabalho forçado”, não voluntário, mas determinado pela necessidade externa, estudos que aprofundei anos mais tarde no mestrado em Educação e Trabalho na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV-FIOCRUZ).

Voltemos a outra mestra. Agora a minha mestra-mãe Dona Lina³, a filha da mestra-lavadeira Irene. Sempre exigente com os estudos. Lembro-me inclusive de um dia em que chovia muito. Era uma quarta-feira. Choveu o fim de semana inteiro e não parava de chover. Não sei o porquê, mas em dias de chuva minha mãe começava a relembrar muitas histórias e, neste dia, fazendo os deveres da escola (neste momento já era 1985 e papai havia participado de um mutirão na escola estadual e conseguido uma vaga para mim), ouvia a mestra dizer pela

³ Texto originalmente publicado no livro *Mulheres das Letras*.

milésima vez que ela não estudou e que a gente tinha que estudar. A gente tinha. Ela falava dos problemas domésticos, afinal, a louça se avolumava junto com as gotas-pensamento que insistiam em cair lá fora e por dentro. Não tínhamos pia em casa. Havia uma tábua em cima de quatro pés engenhosos. Ao lado havia uma velha banheira que usávamos para reservar água. Por falar em água, tínhamos poço, corda e caçamba.

Então, eu já disse que chovia lá fora e, como se em um tosquenejar, começou a chover dentro da minha casa. Não. Não eram as goteiras. As danadas por hora estavam contidas, refiro-me aquelas que insistiam em fugir dos pequenos olhos de minha mãe. Àquela que foi (e é) a minha mestra-do-lar, toda a minha reverência. Dona Lina não era muito de expressar emoções não. Sempre firme. Parecia temer que fôssemos frouxos às lutas que se avizinhavam. Ela sabia o que era ser uma preta. Minha mãe também tinha Olhos D'água (Evaristo, 2016).

Naquela tarde de vários tipos de chuva, ela começou a narrar uma das aulas recebidas nos bancos-gramados da mãe dela, a mestra-lavadeira. Ela olhou mais uma vez para a nossa pia peculiar e nos contou como era lavar as vasilhas (assim, vó-mestra chamava os utensílios) agachada. Sim. Ela, com saia entre pernas, lava a louça agachada. A água, que se buscava em outro terreno na lata de vinte, ficava no grande balde de alumínio que a Irene tinha pagado em um carnê. Ainda lembro desses carnês. Ela tinha uma coleção. Abro um parêntese para falar da curiosidade que nos rodeava quando aquele senhor bem apresentado e branco; estacionava seu carro, o que era bem inusitado naquela rua, chegava batendo palmas e gritando dona Irene toda semana. Era o vendedor. E ela se orgulhava da coleção de carnês que ele confiou. Aquele era um tesouro que só as mulheres bem-sucedidas tinham, haja vista que era um certificado de boa pagadora. Era o diploma da mulher que transforma a consciência, que trabalha, que vislumbra novas formas de conhecer e que vão contra a corrente (hooks, 2020).

Ainda com as jabuticabas brilhando e tentando segurar o orvalho que brotava, minha mestra-do-lar voltou a olhar a pia engenhosa, as vasilhas empilhadas e a chuva insistente. Fitou-me com a terna bravura de sempre e disse: “Você precisará ser engenhosa! Entendeu? As lutas se empilham e chove sempre.”

E minha irmã bell hooks me reconcilia com a minha mãe em quase toda a sua obra. Entretanto, Ensinando Comunidade constrange-me.

Anteriormente, mencionei a minha impaciência em relação à minha mãe. Refletindo sobre a vida dela, fui surpreendida pelo quanto serviu aos outros. Ela me ensinou, e a todos os seus filhos, o valor e o significado de servir. Na infância, testemunhei seu cuidado e paciência com os doentes e os moribundos. Ela lhes dava abrigo e cuidava deles sem reclamar. Com suas ações, aprendi o valor de dar sem esperar retribuição. Lembrar desses atos é importante. É muito fácil para todos nós esquecer dos serviços que as mulheres oferecem aos outros todos os dias — os sacrifícios que as mulheres

fazem. O pensamento machista com frequência obscurece o fato de que essas mulheres fazem a escolha de servir, que elas se doam a partir de um lugar de livre-arbítrio, não porque seja seu destino biológico (hooks,2021, p.173)

Em 1990, com apenas 12 anos, sou eu que passo a lavar as louças. Todavia, as louças não eram minhas. Elas pertenciam as mulheres dos bairros próximos. Eu as ajudava e elas me ajudavam. A menina na sexta série do ginásio precisava comprar cadernos e canetas e as mulheres mais velhas precisavam colocar comida na mesa. Assim, enquanto eu pensava em todos os ensinamentos das minhas mestras, esperava o dia em que, assim como Cristiane Sobral (2022), poderia dizer que não iria mais lavar os pratos. Até que aconteceu um fato decisivo, eu sempre me atrasava para a entrada na escola. Não era nada fácil cuidar de tudo na “casa de família” e chegar às 13h no turno. E, como minha mochila era pesada, um de meus irmãos esperava à porta para entregar o meu material. No tal dia decisivo, meu pai tinha voltado mais cedo do trabalho, não me lembro o motivo. Lá estava ele e olhando sério me disse: “É assim que você me prometeu que nada ia atrapalhar os seus estudos? Está faltando comida pra você?” Ele não queria que eu entrasse na triste estatística que comprova a massificação da população negra em condições laborais aviltantes, subemprego ou desemprego, condições que irão gerar desdobramentos em outras áreas da vida, tais como educação, habitação e saúde (Nascimento, 2021).

Papai não abria mão! Seguia à risca a máxima da mestra-vó: estudo é fundamental! Como afirmou a Professora Doutora Luiza Rodrigues, membra da banca, por ocasião da qualificação desse trabalho: “seu Gabriel foi educado e germinou no chão feminino. As mulheres são as responsáveis pelo seu eu-mulher. Ele aprendeu”.

Compungida pelos ideais do mestre-pai, ainda na adolescência, lancei-me também ao desafio de participar de um grupo de professoras de reforço que atendiam aos jovens com dificuldade na aprendizagem. Logo depois, encorajada por vizinhos, surge a primeira experiência com a alfabetização de adultos: ensinar um porteiro do bairro a assinar o seu nome. Desde então, eu não sei o que é apenas estudar. É sobre isso também a vida das netas das mestras-lavadeiras. Contudo, vamos nos movimentando e lutando pelo reconhecimento do nosso trabalho intelectual.

Ressalto, ainda, que a experiência como aluna trabalhadora proporcionou-me a oportunidade de viver, através da prática e da observação, uma gama diversa das dificuldades enfrentadas pela maioria das alunas-trabalhadoras da EJA. Trabalhadoras que, cotidianamente, precisam viver árduas batalhas para manter a si e a família, escolarizar-se e que, devido às jornadas de trabalho exaustivas, ao longo tempo no trânsito e a precariedade das condições de

vida, encontram inúmeros obstáculos para alcançar estes objetivos, que podem ser considerados básicos. A escola passa então a ser mais que um caminho para a escolarização. É a conquista de um direito. O direito de ler e ler além da palavra.

Em 1993, por incentivo de uma das professoras para as quais eu prestava serviços “domésticos”, adentro o Curso de Formação de Professores. Era um período efervescente em relação às discussões da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) (Brasil, 1996). A vivência neste cenário pulsante permitiu meu envolvimento com textos de autoras e autoras que discutiam a EJA e sua reconfiguração como modalidade de ensino. Desde então, aguçada a curiosidade, passei a observar o cotidiano dos estágios no contexto do ambiente escolar, tendo como norte as orientações expressas na LDBN. Como ponto de reflexão, levada pela instigação do tema, quis pensar, estudar sobre como as alunas e professoras, sendo trabalhadoras numa situação de exploração, se relacionavam com a leitura literária e como ela os fazia perceber o trabalho como categoria fundamental do ser humano e com a construção dos projetos político-pedagógicos.

O curso de formação de professores inegavelmente fez toda a diferença em minha vida. Entretanto, a força das minhas mestras foi decisiva. Evaristo (2018) disse que não tinha muitos livros na infância, porém as palavras lhe rodeavam sempre. Ouso dizer que comigo não foi diferente. Elas povoavam a minha cabeça e, no de 1996, passei no vestibular de pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro carregando todas essas palavras no meu coração. Resgato agora, pensando em como foi difícil manter as raízes queimadenses, uma memória afetiva: a Coleção Vagalume. Livros que fizeram parte da minha inserção no universo literário e, apresentados pelas professoras Vera Pinheiro, Vera Ribeiro e Vera Vilma (sim, as Veras da minha vida) despertaram para a possibilidade de, como diz Freire (1996), criticar a malvadez neoliberal e tirar a máscara do cinismo de uma ideologia fatalista que insiste em fazer com que os nossos sonhos e utopias sejam assassinados. Compartilho um trecho de Cabra das Rocas, um dos que mais marcaram este processo e que ajudam até hoje na escolha diária do meu pertencimento:

_ você é um canguleiro, João, e canguleiro continuará a vida inteira. Leio isso em seus olhos. Mas para que possa continuar canguleiro, você deve lutar, tem que aprender a permanecer “cangulo”. E uma das suas formas de sua luta, João, é ir à aula. Eu o escolhi por isso, ou melhor, você se escolheu quando me procurou naquele dia pedindo-me para lhe ensinar [...]. Você é mais canguleiro do que eles, qualquer um deles. Você é um canguleiro que vai à aula. Ao passo que os outros, que jamais irão à escola, esses nunca serão canguleiros [...] serão o que os xarias quiserem que eles sejam (Homem, 1973, p.38).

Doravante o impacto que a leitura deste livro me causou, ainda na sétima série do 1º grau em um clube de leitura promovido pela minha então professora de língua portuguesa, percebi o quanto toda essa teia fazia parte da reinvenção da minha existência, como forjava a minha trajetória e fazia com que eu me percebesse como sujeita. Integro-me ao Grupo de Mulheres na Igreja do Evangelho Quadrangular e esse movimento trazia aos meus dias um orgulho do pertencimento às minhas raízes e a convicção de que, a cada dia que me aprimorasse na formação pessoal, seria mais capaz de intervir em minha realidade, afirmando-me como sujeita cognoscente (Freire, 1996).

Sempre inquieta, em 1998, passei a integrar a iniciação científica no IOC- Oswaldo Cruz e a participar da pesquisa sobre saúde reprodutiva das mulheres de Manguinhos, sob a orientação da professora doutora Isabela Cabral Félix de Sousa. Uma experiência complexa e enriquecedora para a moradora da Baixada que ousava ser pesquisadora viajando duas horas para ir e duas para voltar, mas feliz por estar no Castelo. Sim. O castelo Mourisco. No ano seguinte, entrei no Programa Alfabetização Solidária – Projeto Grandes Centros Urbanos e, junto às mulheres da minha comunidade, participei de um dos momentos mais encantadores da minha formação: ser a professora da minha mestra-mãe.

Em 1999, conclui o curso de Pedagogia, habilitando-me em Educação de Jovens e Adultos. Passamos por uma formação importante, onde o projeto de EJA considerava o trabalho como realidade concreta da vida dessas pessoas, aprendemos a perceber as pessoas da Educação de Jovens e Adultos como sujeitos de direitos, considerando-os numa proposta que não entendesse a EJA como preparação para o trabalho, em uma dimensão econômica, reduzindo o sujeito ao fator econômico, mas considerando o trabalho como princípio educativo e elemento constitutivo da essência dos seres humanos (Freire, 1996).

Ainda que não conhecêssemos nenhuma autora ou autor negra e nem mesmo os dados que dissessem que a EJA é negra, saímos com o desafio de tecermos uma rede de trabalho que não aliene o direito dessas pessoas de se reconhecerem e se realizarem plenamente como seres humanos. Anos mais tarde, Thatiana Barbosa da Silva(2019) produziria um trabalho importante na Baixada Fluminense e ratificaria a afirmação.

Em 2000, tornei-me mãe. Nasce a mestra-filha Elisa, que recebe esse nome em homenagem à multiartista Elisa Lucinda, da qual preciso dizer: foi a primeira mulher negra artista poderosa que conheci. Estive sempre envolta pela poesia. Que sorte a minha encontrar com a arte através dos olhos de Elisa Lucinda e aprender bem cedo que toda lágrima que eu vertesse, deveria se transformar em palavra escrita (Lucinda,2016).

Por falar nas vozes que nos obrigam a guardar e em lágrimas que viram palavras, sinto a necessidade neste momento de honrar a escritora Elisa Lucinda, fazendo uma breve apresentação desta mestra, dentro da minha apresentação. Preciso agradecer no corpo desta tese, no momento em que falo da minha Elisa, à Luz Lucinda que iluminou os meus caminhos de menina preta. Preciso dizer que, a primeira mulher negra multiartista que conheci, fez Comunicação Social na Universidade Federal do Espírito Santo, atuou como jornalista até 1986, mas a capixaba vem para o Rio de Janeiro e impregna-o com a sua força ancestral. Escritora, atriz, cantora, jornalista, professora atenta às questões sociais brasileiras, demonstra a sua capacidade ímpar de expressar verbalmente o que já fazia com a palavra escrita. Lucinda trabalha em peças de teatro e filmes nacionais, recebe prêmio e, em 1989, estreia na TV com a novela Kananga do Japão. Elisa nos enfeitiça com o brilho-esmeralda de seus olhos e a palavra-ouro que sai de sua boca.

Mais uma vez me vejo com uma tarefa que parece impossível. Sou confrontada com uma responsabilidade que se soma a tudo aquilo que já fazia e percebo na prática o que as minhas alunas da EJA sempre disseram em seus textos em sala de aula. É muito cruel viver em uma sociedade onde o papel do cuidado não é valorizado⁴ e onde as crianças são sempre os filhos e filhas da mãe. Ainda que eu tenha um companheiro, considero importante destacar aqui o conflito que quase sempre se vive entre o maternar e o sentir-se mulher, amante, a pessoa por traz da mãe da Elisa. Entretanto, a menina que foi gerada durante os meses do PAS - Programa Alfabetização Solidária, vinha para me abraçar e me ensinar. Peço-vos licença aqui para compartilhar os versos que fiz para a minha Elisa...

Elisa

Todo mundo fala que somos parecidas não.
 És a minha melhor versão
 Tomas a decisão que perdi
 Falas da canção que não soou
 Andas as trilhas que não existiram
 E segue nas gotas que marcaram a estrada,
 Mas com seus próprios pés.
 Não. Não somos parecidas!
 Só somos...

⁴ Enem 2024.

Obrigada, fruto meu que não é meu.
 Fizeste-me amãesser e sigo tentando ser!
 Obrigada. Fizeste-me mais eu.

(Cunha, 2020, p. 241).

Elisas trazem a esperança de que “a noite não adormecerá jamais nos olhos das mulheres” (Evaristo, 2017a, p. 26). Compartilhando sabores e dissabores da maternidade, acontece a convocação para tomar posse em minha primeira matrícula como servidora pública municipal de Nova Iguaçu: assumo a orientação educacional na Escola Municipal Kerma Moreira Franco. Desde então sou forjada pelo olhar-escrita daquelas alunas, em especial, que insistiam na escola. Àquelas que pegavam o direito à força e não largava de jeito nenhum: toda a minha gratidão. Elas me fizeram. Toda esta trajetória descrita faz o bordado-vida do/com o meu território marcado pela exclusão e achatado entre o processo de povoamento e a exploração da globalização. Não posso perder de vista a poesia, contudo preciso encontrá-la no cotidiano de mãos trabalhadoras. Insistimos em olhar para esses sujeitos e sujeitas como pessoas que precisam resgatar a formação humana e, ainda, desenvolver conhecimentos e habilidades adquiridos no processo educacional a fim de atender às necessidades do processo de racionalização do sistema produtivo (Santos, 2012).

Em se tratando de EJA, a escolarização passa a ser uma peça indispensável ao desenvolvimento das pessoas, já que tem como público-alvo aquelas que não tiveram oportunidades educacionais ou as que as tiveram de forma insuficiente, não contemplando o seu direito constitucional de desenvolvimento pleno. Como diria Jessé de Souza, um grupo de cidadãos não premiados, não marcados para vencer na vida (Souza, 2009).

Em 2007, ganhei mais uma missão: nasceu a segunda filha. Luisa. Quero dar honras a Luisa Mahin, mãe de Luiz Gama, grande advogado negro e abolicionista. Arde o desejo-necessidade de saudar as mulheres pretas. Só hoje comprehendo isto. Entretanto, a boniteza do esperançar freireano caminhava comigo e abraçava forte a menina-mulher que sonhava com outro mundo para as suas crias e para as crias de tantas outras que se achegaram. Trago novos versos que nasceram no Museu do Rio-MAR, em uma exposição sobre o compositor e intérprete Martinho da Vila:

O mundo fala do padecer
 Eu prefiro falar do ser
 Do ser feliz

Do ser melhor
 Do ser humano
 Do vir a ser.
 Obrigada, Luisa
 Você me fez renascer
 Devagar
 Devagarinho

Martinho da Vila

Tudo isso me faz a educadora que sou. A educação vai me deslocando do lugar pensado para mim. Eu posso sonhar. Posso escrever. Posso ter carreira sendo mãe. Conceição Evaristo (2017b) nos diz que quando os subalternizados são colocados frente às leituras literárias eles se deslocam, ou seja, saem do lugar que anteriormente foi pensado para este grupo. Sinto-me a cada dia mais envolvida pela literatura e, assim, concluo a segunda graduação: Letras. Instigame conhecer melhor o processo de leitura e escrita dos meus alunos e alunas da EJA. Havia a necessidade de estudar mais. Uma lacuna não era preenchida. Eu não conseguia compreender quando os professores e professoras diziam que esses alunos e alunas não sabiam escrever, que não gostavam de ler. Sempre encontrei escritores e escritoras nas escolas. Professoras-poeta, alunas-poeta, gente-poesia que insistia a despeito do projeto de sucateamento da educação pública.

No mesmo ano, 2011, as discussões são efervescentes na especialização em EJA no Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB-UFRJ). Pesquisei o papel da afetividade no trabalho com a minha turma de EJA. Vamos construindo tessituras. Sigamos aprendendo e ensinando. Organizamos um projeto a partir da produção de textos deles e delas que mostram o quanto a turma era protagonista da sua própria história. Era tão lindo perceber os compartilhamentos de vida e a construção de um caminho em comunhão (Freire, 1996).

No ano seguinte, 2012, sou aprovada no mestrado da EPSJV/Fiocruz e prossigo em meus aprofundamentos sobre a educação como direito fundamental da pessoa, defendendo o acesso e a permanência dos sujeitos da EJA como fator indispensável à cidadania e para a ampliação da compreensão de mundo (Paiva, 2005). Aprendi desde cedo que é através do pronunciamento que as pessoas vão existindo e nutrindo a sua humanidade. Cada vez que o ser humano pronunciar o mundo, modifica-o. Os sujeitos, fora da relação de dominação, falam a sua palavra, comprometem-se com a sua causa e isso é um ato de coragem (Freire, 1996).

Carolina Maria de Jesus (2015) um dia disse que não gostava do mundo como ele era e que iria transformá-lo. Eu também não gosto. Modificá-lo tem sido meu desafio. Fazendo perguntas, pesquisando, lendo, ainda que a asfixia social seja uma barreira cotidiana desde que eu nasci lá na casa da dona Ana parteira (Carneiro, 2019).

Em 2019, ouso publicar o meu primeiro livro de poesia, *Coração em palavras*. Era um desejo antigo e, após todo esse percurso de fortalecimento da autoestima, consegui realizar. Em 2020, escrevo um livro infantil: *Lina, a menina que insistia em poesia*, um livro infantil onde a personagem negra nos ajuda a discutir a questão da luta antirracista e mais uma vez me reaproxima das minhas mestras. Neste percurso nada linear, após sete anos me recuperando do racismo sofrido enquanto mestranda, onde tive que ouvir que eu deveria estar em outro lugar, pois ali não cabia uma pedagoga e que talvez precisasse procurar espaço apropriado para falar de negros (os olhares falavam mais que as palavras e não consigo reproduzir), vejo a possibilidade de andar pelo estado do Rio de Janeiro conversando com professores e professoras, vendo olhos brilhantes pela e com a leitura literária. Desde então, paralelo a minha carreira docente e acadêmica, tenho atuado na literatura. São 4 livros publicados, 3 organizações, alguns prefácios e posfácios e 17 com coautorias.

A leitura sempre me salvou. Não poderia ser diferente no período pandêmico. Pensar nisto transformou todo o meu projeto de doutoramento, pois ao longo do processo junto às escolas virtualmente, por ocasião das aulas remotas, encontrei outras meninas-mulheres que puderam dialogar comigo sobre o processo de transgressão a partir da leitura e da escrita. Ardia dentro de mim a necessidade de ver a poesia de outras netas de mestras-lavadeiras da/na Baixada Fluminense. Não era possível ser um trabalho solitário, afinal ouvi mulheres durante toda a minha vida. As professoras liam *Lina* e compartilhavam a gravação com as crianças. Agarraram a boneca da personagem e resgataram o direito sonegado da menina preta que foram um dia. Recebemos inúmeros relatos emocionados no *WhatsApp*, contando o que a leitura estava causando nelas e nas crianças. Não podia mais fugir, precisava organizar as ideias. Os fios se entrelaçam e eu precisava olhar epistemologicamente toda essa teia que se apresentava.

Desta maneira, lanço-me ao desafio de pensar sobre o processo de transformação social a partir da literatura e sou aprovada para o doutoramento no PPGEDUC/UFRRJ na perspectiva de reunir outras escrevivências, de ouvir (através da leitura de seus textos) outras mulheres da EJA, de compreender como textos de autoria de mulheres negras tocam seus corações, como a poesia, a arte, reverbera e tira meninas-mulheres dos quartos de despejo da vida. Assim aconteceu comigo. Assim eu percebia que estava acontecendo ao meu redor ao longo de duas décadas na educação de jovens e adultos.

INTRODUÇÃO

Conceição Evaristo nos convoca a pensar sobre como se dá o processo em que determinadas mulheres, que nascem e crescem em ambientes não letrados, rompem com o lugar não sonhado e criam espaços de insubordinação. A provocação nos levou ao projeto de pesquisa de doutoramento que deseja, a partir do conceito de escrevivência, pensar a escrita de alunas e de suas professoras na educação de jovens e adultos não como apenas a escrita de si, mas como um entrelaçamento das suas vivências com as vivências das irmãs, sejam elas Marias-Nova ou Marias-Velha (Evaristo, 2017b).

São muitas Marias silenciadas pelo patriarcado e ousamos desenvolver um trabalho que convoque, dizendo

Fia, Maria

Marias artesãs

Marias irmãs

Marias mães

Fios-Maria fazedoras de amanhãs

Marias corajosas

Marias lavadeiras

Marias doutoras

Fios- Maria tecelãs de outras histórias

Marias de ontem

Marias de hoje

Marias de agora

Fios-Maria de todas as horas

Marias de fé

Marias de graça

Marias de luta

Fios-Maria que ousam

E quando não conseguir fiar, lembra de Carolina Maria
 Descostura, fia
 A vida é feita de fios
 E está por um fio

(Texto produzido por Veronica Cunha na ocasião da aula sobre escrevivência, ministrada no
 GEPEJA pela Professora Dra. Adilbênia Machado)

O desafio teórico é identificar nos fios-escrevivência das Mulheres do Ler, visitando os cinco livros produzidos por elas e dialogando com quatro escrevientes egressas da EJA, possíveis transformações pessoais e sociais que reverberam no território no qual habitam as escrevientes. Fios que contam histórias de mulheres que, lidando com o racismo e o sexism, repensam o papel da escola e reescrevem o mundo. Chimamanda Ngozi Adiche (2010) alerta-nos quanto aos males que a sonegação de histórias pode causar. Uma história contada apenas pelo ponto de vista de uma parte da população cria estereótipos, mostra cenários incompletos, rouba memórias. Contudo, podemos resgatar outras histórias que importam. Muitas outras histórias são importantes. O resgate dessas escrevivências - Maria pode reparar uma dignidade silenciada pelo epistemicídio (Carneiro, 2023).

Essa pesquisa se debruça sobre o trabalho desenvolvido pelo Coletivo Mulheres do Ler, um coletivo que nasceu a partir de uma turma de alfabetização e letramento de mulheres na Igreja do Evangelho Quadrangular, no bairro São Roque no município de Queimados, Baixada Fluminense. A turma recebeu esse nome na discussão em grupo, tendo como ponto de partida o impeachment da presidente Dilma Rousseff e o pseudo protagonismo da primeira-dama Marcela Temer, que era chamada de “bela, recatada e do lar”⁵. Do lar passou a ser uma grande provocação e, instigadas por isso, as mulheres começaram a apresentar a necessidade de outros encontros para além dos dois dias de aula acordados. Nasce um encontro mensal que agregou outras mulheres interessadas na discussão e, posteriormente, a partir da entrada de uma moradora do bairro, a professora Giselle Maria, o grupo começou a se identificar como Coletivo Mulheres do Ler, publicando pela primeira vez seus textos em 2020, reunindo 26 mulheres. Nos anos seguintes, outras mulheres foram chegando, outras atividades de assistência às mulheres em situação de vulnerabilidade foram acontecendo e hoje elas são mais de cem mulheres, publicando um livro por ano.

⁵Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>

Vivemos ainda em uma sociedade pensada e construída a partir da escravização, onde os colonizadores impõem a sua maneira de ser e viver no mundo. A trajetória histórica de negação de direitos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos no município de Queimados, na Baixada Fluminense, é, portanto, parte disto. No entanto, as escrevivências narradas no Coletivo Mulheres do Ler são elementos instigadores que estimulam a nossa vontade de conhecer, com maior profundidade o desenvolvimento deste trabalho de leitura e escrita iniciado no território queimadense, tão marcado pela exclusão e achatada entre este processo de povoamento e globalização, devido ao êxodo rural e o inchaço demográfico na cidade do Rio de Janeiro. A impossibilidade de se fixar na capital fez com que parte dessas pessoas se dirigissem à periferia. O espaço foi marginalizado não só fisicamente, mas em sua produção de conhecimento (Torres, 2004).

Interessa-nos compreender como se desenvolve um trabalho literário, a partir da autoria de mulheres negras e dialogar com o que as mulheres que leem e escrevem produzem, com o objetivo de romper a marginalização e resgatar a formação da pessoa, como ser de direitos. As mulheres desenvolvem conhecimentos e habilidades adquiridos no processo educacional, a fim de atender às necessidades do processo de racionalização do sistema produtivo que prioriza a produtividade, a eficiência e a eficácia. O que não podemos negar, tendo em vista que elas precisam sobreviver na esfera capitalista (Santos, 2012). Contudo, elas não escrevem para isso. Não nos parece um fim em si mesmo.

Observa-se na educação de jovens e adultos escolares, inicialmente, a necessidade de um projeto de EJA que considere o trabalho como realidade concreta da vida dessas pessoas, sujeitos que produzem sua existência com bases em relações contraditórias e desiguais. E isso também se dá pela leitura e a escrita, quando as mulheres da EJA são colocadas frente ao conceito de escrevivência, isto é, quando são convidadas a ler e escrever sobre as suas próprias vidas, entrelaçadas com os fios-vida de tantas outras e compreenderem que isso é maior que a decodificação de signos que a escola propõe. As realidades dessas sujeitas não podem ser dadas como imutáveis porque à medida que vão tecendo novos fios na teia da nossa existência junto com elas, percebemos como cada uma delas já movimentam mudanças em si e em conjunto em seus territórios (Sales; Paiva, 2014).

Instiga-nos o desenvolvimento de uma proposta que não alienie o direito dessas pessoas de se reconhecerem e se realizarem plenamente como seres humanos. Uma proposta que não entenda o trabalho de leitura e escrita somente em sua dimensão escolarizante, reduzindo o sujeito ao fator econômico, ao estudar para, mas considere-o como princípio, elemento constitutivo da essência dos seres humanos (Freire, 1996).

Bicudo (1989) afirma que a educação deve ser um bem comum que possibilita homens e mulheres, independente da classe social, a ter condições de articular as transformações sociais necessárias. Doravante à reflexão proposta, a escola exerce um papel de extrema relevância e não podemos nos furtar à responsabilidade de defender o direito à educação para a redução dos contrastes sociais do país, ainda Em se tratando de EJA, a escolarização passa a ser uma peça indispensável ao desenvolvimento das pessoas, já que tem como público-alvo àqueles que não tiveram oportunidades educacionais ou que as tiveram de forma insuficiente, não contemplando o seu direito constitucional de desenvolvimento pleno. Como diria Jessé de Souza, a EJA é para este grupo de cidadãos que não nasceu premiado, marcado para vencer na vida (Souza, 2009).

Contudo, é um desafio para a nossa pesquisa também pensar que EJA é essa, pois a experiência de alunas na turma de alfabetização e também das demais mulheres educadoras que se unem ao grupo nos inquietou, ao ponto de desejarmos visitar a trajetória e buscar conhecer como se deu a dinâmica entre as mulheres negras autoras ao serem colocadas frente às leituras literárias. Coube-nos consequentemente detalhar como elas se deslocaram, ou seja, como saíram do lugar que anteriormente foi pensado para este grupo, em um mundo criado para elas, como já nos convocou Carolina Maria de Jesus (2015).

Quando Duarte, Côrtes e Pereira (2018) fala de escrevivência, o caminho da nossa pesquisa, diz que diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar a fala e a escrita, anunciar e provocar a denúncia. É preciso que a educação libertadora, aquela que se movimenta no sentido de promover a ruptura com um sistema eurocêntrico, promova uma quebra do pacto com práticas educativas que insistem em dizer a palavra do outro e não permitir que os sujeitos se inscrevam no mundo. Pensar essa educação como prática de liberdade é criar possibilidades de engajamento (hooks, 2017).

É preciso que ouçamos o que as nossas mulheres têm a dizer. Faz-se necessário um compromisso com um ato de ler e escrever vinculado a uma forma de se inscrever no mundo. Um mundo onde possamos resgatar a fé na educação libertadora, onde todas as pessoas do/no processo de educação sejam tocadas e realmente tenhamos um corpo docente, onde não se reforce os sistemas de dominação existentes e se reacenda a busca pela autoatualização (hooks, 2017).

O diálogo entre hooks e Evaristo nos permite criar um incômodo e provocar uma educação literária que saia dos moldes da casa-grande, haja vista a subalternização da ralé brasileira (Souza, 2018). “As autoras nos colocam um presente marcado pelo passado que precisa ser reescrito. É uma história silenciada, um não dito. A escrevivência talvez provoque

esse engajamento que bell hooks apregoa. Essa denúncia de que haverá um lugar na História para a escrita, enquanto existir alguém motivado à leitura” (Cunha, 2020, p. 134).

Em um momento de grandes incertezas, a organização de um movimento de “aquilombamento” pela e com a leitura nos desafia. Beatriz Nascimento (2021) nos desafia neste entendimento quando afirma que o quilombo é uma expressão de resistência e não depende de configuração geográfica, mas se configura pela união de pessoas marginalizadas que reposicionam a sua atuação e passam a ser o centro. Ainda, segundo a historiadora, o quilombo como instituição africana traz para nós uma herança de luta em coletivo.

Retomo a autora Conceição Evaristo (2017b) quando provoca-nos dizendo que nasceu rodeada de palavras. Livros ela não tinha. Muitas de nossas alunas vivem assim, sem livros, mas com muitas palavras. São muitas as aprendizagens e leituras de mundo que acontecem dentro e fora da escola. Reunir algumas experiências potentes no desafio de uma tese vem na perspectiva de, além de construir um documento que materialize e dê condições de socialização, apresentar a educação de jovens e adultos na perspectiva de uma dinâmica para além da leitura e escrita para escolarização.

Desejamos, visitar as escrevivências apresentadas nos volumes I, II, III, IV e V dos livros pelas Mulheres do ler, no período de 2020 a 2024, lendo os 150 textos produzidos ao longo deste processo, ouvi-las e dialogar com elas. É preciso buscar o que dizem sobre racismo, ausência de serviços públicos, feminicídio, aumento de renda, ampliação de escolaridade, dentre outros. No entanto, interessa-nos muito mais saber como essas novas autoras se veem como mulheres, como os processos de mudança vivenciados reverberam nas mulheres que estão à sua volta. As Mulheres do Ler; mulheres da/na Educação de Jovens e Adultos fora da escola que escrevem ao serem confrontadas com os textos potentes de outras autoras negras. Entretanto, é importante salientar que elas também dialogam com Paulo Freire, à medida que a proposta do coletivo é anunciar a educação como uma prática de liberdade. Tornar-se escrevivente, saindo do lugar de subalternidade que a História havia reservado para as suas bisavós, avós e, consequentemente, para elas também, é o anúncio que já trazemos para a degustação dos leitores e leitoras deste trabalho. Para essas mulheres que leem, o encontro com Conceição Evaristo, bell hooks e Lélia Gonzalez é uma explosão de vida.

Instiga-nos compreender como se dá a dinâmica de escrita dessas mulheres e se, a partir da inserção nesse coletivo, há relevantes apontamentos nos textos produzidos que indiquem possíveis transformações pessoais e sociais que reverberam no território. Vale lembrar que, dentro da ação de um Estado racista e misógino, frente às leituras literárias e detalhar como elas

se deslocam, ou seja, como saem do lugar que anteriormente foi pensado para este grupo, um mundo criado para elas, como já nos provocou Carolina Maria de Jesus (2015).

É importante salientarmos que não buscamos uma narrativa redentora, como nos alertam Fishman e Sales (2010). Entretanto, apesar de não apresentarmos a leitura literária e/ou a organização de um coletivo com e pelas escrevivências em uma perspectiva redencionista, não podemos nos furtar a defesa de que com o histórico que temos de silenciamentos entre as mais pobres, sobretudo mulheres, pobres e negras, é desafiador pensar na formação de um coletivo em pleno momento pandêmico, lendo e escrevendo com Evaristo, hooks e, posteriormente, Gonzalez.

O samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira⁶ no ano de 2020 trouxe a convocação: A História que a História não conta e mostra-nos que de todos os sujeitos que sofrem algum tipo de preconceito ou discriminação, as mulheres negras são as mais afetadas. Isso fica bem mais específico quando observamos uma hierarquia em que as negras estão sempre na base da pirâmide. É um lugar pré-estabelecido onde os homens brancos estão no topo, as mulheres brancas estabelecem-se abaixo deles, os homens negros estão abaixo delas, e bem na base encontramos as mulheres negras. É preciso uma transformação do pensamento (Reis, 2022). É urgente que uma outra História Negra Feminina seja apresentada e que as subalternizadas pela desigualdade mostrem que a educação de jovens e adultos trabalha, sim, com um grupo que sofreu (e sofre) um processo de analfabetização (Souza, 2022). Contudo, somos muito mais que isto, temos sobrevivido vivendo em comunidade com e pelas nossas irmãs do inhame, sejam elas consanguíneas ou tecidas nos fios diários da teia da vida (hooks, 2023).

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JMSBisBYhOE>.

Figura 1. A mestra-vó Irene e suas seis irmãs



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

Tendo dito isto, a tese se organizará da seguinte maneira: no primeiro capítulo desejamos apresentar a importância da escrita negra e feminina e como ela se constrói em uma perspectiva de transgressão, à medida que desloca as mulheres negras e pobres do lugar pensado, ou seja, coloca as subalternizadas em um lugar de protagonismo, na centralidade, movendo as estruturas. Para tanto, dialogaremos com Conceição Evaristo, bell hooks e Lélia Gonzalez, autoras potentes que com suas escrevivências transgressoradas nos ajudam na perspectiva de pensar que a literatura negra feminina não é uma ferramenta. Ela é a forma de viver, de existir e resistir de muitas mulheres e, para além disso, a produção intelectual delas também provoca a transformação do seu território.

No segundo capítulo, lançamo-nos ao desafio de construir um panorama detalhado do território de Queimados, na Baixada Fluminense, a fim de apresentar como um espaço pensado periférico, sem estrutura e para os mais pobres, pode formar mulheres insubordinadas que, através de seus fios-luta, fazem uma teia de mudanças em aquilombamento.

No terceiro capítulo, apresentamos o coletivo Mulheres do ler, a sua trajetória desde o início da turma de alfabetização de mulheres em 2018, enfrentando a ideia da “bela, recatada e do lar”, as ações de atendimento às mulheres em situação de vulnerabilidade, a publicação do primeiro ao quinto livro, a participação na primeira Bienal internacional do livro e demais eventos que oportunizaram as mulheres negras e pobres a ocupação de espaços que sempre

foram delas por direito, mas que se mantinham sonegados pelo racismo e por outras estruturas de opressão como o patriarcado e a desigualdades sociais. Contamos também a dinâmica de coordenação colegiada, bem como a escolha das escritoras homenageadas em cada volume *Mulheres do Ler*, a formação continuada promovida e a produção dos livros de 2019 a 2024.

No quarto capítulo, escreviveremos com as quatro mulheres do ler, escolhidas por seu envolvimento com a EJA e entrelaçamento de escrevivências no processo de formação do Coletivo, bem como uma representação de mulheres que, ainda no serviço de limpeza domiciliar, saltaram para um processo de emancipação. E, a partir da leitura dos cinco volumes publicados e a visita ao repositório do Instagram do Coletivo, buscaremos compreender como desenvolvem a sua produção literária e percebem o movimento com e pela escrita em suas vidas, tendo como categorias de análise os conceitos de escrevivência, transgressão e transformação social, em Conceição Evaristo, bell hooks e Lélia Gonzalez, respectivamente.

1 **POR QUE A ESCRITA DA MULHER NEGRA É TRANSGRESSORA?**

Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro. Tenho fome, outra fome (...). Quero contagiar de esperança outras bocas.

(Conceição Evaristo)

A escrita da mulher negra há muito tempo desafia e anuncia. Não por acaso Maria Firmina dos Reis é a primeira mulher a lançar, em 1859, um romance. O livro *Úrsula*, revolucionário para a sua época, marca a História como o primeiro romance abolicionista de autoria feminina e negra em língua portuguesa. Outrossim, é importante registrarmos que a escritora maranhense foi presença marcante na luta para que as mulheres tivessem seu espaço, usando sua intelectualidade no jornalismo, nas composições musicais e na educação primária. Inclusive, em 1880, Firmina fundou uma das primeiras escolas mista e gratuita do país, sofrendo perseguição e sendo obrigada a terminar com as atividades algum tempo depois. Contudo, podemos nos perguntar: quantas pessoas conhecem Maria Firmina dos Reis? Certamente já ouvimos falar de “Escrava Isaura” de Bernardo Guimarães, publicado em 1875. Sueli Carneiro (2023) conseguiu nos ajudar a denominar este fenômeno cruel: epistemicídio (Carneiro, 2023).

A escrita que se pretende libertadora, também dói e traz medo e, ao mesmo tempo, serve como vingança, como “um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança” (Evaristo, 2005, p. 202). É uma construção cotidiana tomar a discursividade como referência; pois para nós, mulheres negras, não é algo dado. Neusa dos Santos Souza (2022) nos ajuda na compreensão de que saber-se negra é viver a experiência de ter sido avassaladoramente acachapada em sua identidade, desorientada em suas perspectivas e submetida a responsabilidades que alienam o ser. Contudo, é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Conceição Evaristo nos auxilia na busca por um levante de mãos escritoras com/na educação de jovens e adultos que mostre um outros fazeres literários:

A ideia de escrevivência talvez possa trazer algo novo para a teoria da literatura pensar. Parece-me que o conceito de autoficção, de escrita de si, de narrativas do eu, e até de ego-história, quando um historiador resolve, por meio do aparato da ciência que ele conhece, narrar a sua vida, como sujeito histórico, como sujeito da história de seu tempo, o conceito de Escrevivência pode ser pensado por parâmetros diferentes dos colocados para pensar as categorias citadas anteriormente (Evaristo, 2020, p.38).

Acompanhando ao longo de décadas mulheres negras na educação de jovens e adultos, alunas e professoras, percebemos que inúmeras mulheres não se sentem competentes com as palavras. O racismo faz com que pensem que são menos capazes que outras pessoas. Mulheres que dizem não saber ler, escrever, não ter o que falar. Por isso, assumir a escrevivência como opção teórico metodológica tem a ver com olhares estéticos outros comprometidos com a partilha de vivências e experiências que reivindicam, não só outras vozes e histórias, mas também outras temporalidades, visto que “que não contém numa linearidade progressiva, em direção a um fim”, mas se movimenta num tempo espiralar “simultaneamente retrospectivo e prospectivo no qual incluem todos os seres e todas as coisas” (Martins, 2021, p. 206-207).

A produção de saberes destas mulheres, alunas e professoras, ainda que oriundas de famílias que ao longo da vida reafirmaram a negação delas como produtora de conhecimento e posicionando-as a partir dos trabalhos subalternizados, transgride. O que precisamos fazer é saber como isto se dá. O movimento da mulher frente ao mundo promove o engajamento na comunidade e produz novas perspectivas de vida com as próprias mulheres para além da escolarização, a partir da autoria. Sabemos dos resultados que a educação promove, contudo, nos aguça a curiosidade entender que histórias não escritas as histórias escritas estão produzindo. Doravante a intencionalidade deste trabalho não é ser um tratado que demonstre a experiência pessoal de cada uma das alunas e professoras autoras, é conhecer o pessoal na busca pela politização do eu, como nos ensina bell hooks (2019).

Cunha (2020) afirmou que haverá um lugar na História para a escrita enquanto existir alguém motivado para a leitura. É preciso criar um incômodo. É preciso fazer a denúncia e potencializar situações na escola, a fim de que todos se sintam capazes de escrever as suas linhas-vida. Para tanto, a escrevivência e as suas possibilidades como caminho metodológico, ainda que marginalizado e em suspeita pelo racismo estrutural e a tentativa de epistemicídio doloso⁷, precisa dar com pé na porta das monografias, dissertações e teses para que as histórias de VitaLINAS sejam consideradas e as suas netas anunciem: insubordinando-nos.

Engendramos fazer parte de um movimento que explode nesses Brasis, onde inúmeros trabalhos, nas mais diversas áreas do conhecimento, se apresentam como escrevientes. Isto quer dizer, que o conceito cunhado pela professora doutora Conceição Evaristo baliza o nosso olhar sobre uma escrita que traz junto com ela uma cadeia de sentidos, onde a imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta. Não a mulher preta que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande, mas a mulher que gingava (Rufino, 2023). Ousamos falar dessa mulher que vive um processo constante de rompimento da escravização múltipla. Ela não quer mais ser forçada (nunca quis, na verdade) a cuidar da família colonizadora, dar seu próprio leite para os filhos das outras, alimentar o resto da casa e dormir com fome. Essa mulher deseja e realiza o ensinar palavras, as primeiras, mas não na condição de escravizada. Esse corpo se liberta pelas palavras. Explode na condição de um corpo livre, onde a sua vontade de falar, gritar, cumpre uma tarefa insubordinada prometida às ancestrais: as suas histórias, as suas palavras não vão mais “contar histórias para adormecer os da casa-grande” (Evaristo, 2020, p. 22-30).

Oliveira (2023) afirma que cabe às mais velhas buscarem as mais novas, mulheres que recolhem as vozes emudecidas de suas ancestrais, criam mecanismos de resistências e interferem na sociedade. As publicações das Mulheres do Ler nos trazem essa possibilidade e é urgente que a abracemos, pois fala-se em demasia sobre a importância do protagonismo destas sujeitas, por conseguinte, é necessária e urgente que a palavra-mundo desses grupos minorizados seja organizada a fim de ser revisitada. Podemos ilustrar a afirmação que fazemos apresentando o resultado que o sistema nos oferece quando colocamos na pesquisa o recorte trabalhos desenvolvidos na perspectiva de escrevivência, em um mapeamento nos bancos de dados de dissertações e teses do PPGEDUC/UFRRJ. Ele nos traz Aline Botelho (2022) e Lilian do Carmo Cunha (2023), mulheres negras pesquisadoras que, com suas escrevivências de potência, apresentam um trabalho de muita envergadura que visibilizam tantas outras mulheres negras. Contudo, é preciso ampliar o número de trabalhos acadêmicos onde as mulheres negras

⁷ O conceito doloso vem do código civil penal quando há intenção de matar.

falem das mulheres negras. É preciso pesquisar as escrevivências da EJA na Baixada Fluminense, dialogar com àquelas que escrevem “palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda-bamba da vida” (Evaristo, 2018, p. 108).

Do ponto de vista teórico, autoras e autores como Conceição Evaristo (2009), bell hooks (2017), Paulo Freire (1996) e Lélia Gonzalez (2020) apoiam a construção desse estudo porque nos convocam a discutir a escrita numa perspectiva contra hegemônica. É a transformação social que nos interessa. Provocar o debate sobre como cada mulher se move dentro dos seus espaços de atuação quando escreve; é o que impulsiona este estudo.

A escrevivência, como afirma Conceição Evaristo (2016), é mais do que escrever sobre si. É a escrita de nós. É um chamamento para que todas e todos tenham as suas escritas-vida marcadas na sociedade e com elas possam reescrever suas histórias. Ela conclama outros e outras ao protagonismo. O que Freire (1996) já chamou de pronunciamento e hooks (2017) chama de transgressão, podem conversar neste trabalho, a fim de construir um caminho teórico metodológico que vislumbre a organização de uma pedagogia da teia na Baixada Fluminense.

Paiva (2005) afirma que a educação é um direito fundamental da pessoa e vem ao longo de décadas defendendo que não basta lutar pelo acesso, é preciso que os sujeitos da EJA permaneçam na escola e exerçam sua cidadania aprendendo ao longo de suas vidas. Este exercício de cidadania perpassa por sair da invisibilidade. Grada Kilomba (2019) nos ajuda a compreender um pouco sobre essa questão quando fala sobre outridade. Segundo ela, não basta conhecer o universal. Os sujeitos precisam ser respeitados em suas singularidades. A escrita cria essa possibilidade.

Paulo Freire (1996) já nos chamava para pensar neste movimento ao dizer que o diálogo não pode se dar sem um encontro com o outro. Pensar a educação é pensar em rupturas, desconstruções, em um fazer-se e desfazer-se constante. Duarte, Côrtes e Pereira (2018) quando fala de escrevivência, que é o caminho da nossa pesquisa, diz que diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar a fala, provocar essa escrita e provocar a denúncia, anunciando que uma nova história de sonhos possíveis é possível.

Retomamos o pensamento de bell hooks (2017, p. 50) quando diz que: “para nos comprometer com a tarefa de transformar a academia num lugar onde a diversidade cultural informe cada aspecto do nosso conhecimento, temos de abraçar a luta e o sacrifício.” Não podemos nos desencorajar facilmente. Não podemos nos desesperar diante dos conflitos. Temos de afirmar nossa solidariedade por meio da crença num espírito de abertura intelectual que celebre a diversidade, acolha divergência e se regozije com a dedicação exclusiva à verdade, ou seja, se alegre com a possibilidade de dizer-se.

Toda investigação da realidade tem como ponto de partida um interesse de conhecimento ou de saber da pesquisadora. Nenhum interesse de conhecimento pode ser resolvido na forma como se manifestou espontaneamente à mente do investigador e foi formulado como tema de investigação. Por isso, necessitam ser concretizados e delimitados para serem acessíveis ao questionamento científico.

Nesse sentido, por entender que somente com uma interação próxima, dialogal e que evoque a confiança desses sujeitos, será possível perceber as leituras de mundo produzidas por elas a partir do contato com os textos literários, considerar a escrevivência como método, isto é, como maneira de ler, se ler e se inscrever no mundo com os seus, é um chamamento para que todas tenham as suas escritas-vida marcadas na sociedade e com elas possam reescrever suas histórias (Duarte; Côrtes; Pereira, 2018).

A presente experiência busca percepções e sentidos na relação mulheres-literatura-empoderamento, aprofundando o olhar sobre as publicações e perseguindo o movimento de ir e vir na análise dos fatos estudados, onde “o todo se cria a si mesmo na interação das partes” (Kosik, 1976, p. 42). Como pesquisadoras dos estudos da educação de jovens e adultos há algumas décadas, buscamos uma formação em rede. Uma teia que reúna educadores e educadoras dispostos ao comprometimento com um ato de escrever não vinculado a uma forma de se inscrever no mundo, de se emocionar com a leitura, com o conhecimento deles mesmos e a reconstrução de novos mundos possíveis e necessários.

Neste estudo pesquisamos as escrevivências em Queimados, Baixada Fluminense, ou seja, buscamos escritas carregadas da ancestralidade de mulheres negras que, alinhavadas com as escritas da pesquisadora tecem uma teia que promove a denúncia e o anúncio. A pesquisa envolvendo a autoria literária feminina negra subverte a ordem e reposiciona as protagonistas. As Conceições, como ousamos chamar as sujeitas que dialogam conosco, contam histórias silenciadas da/na educação básica da e na periferia e fazem nascer novas protagonistas, rompendo a alienação do seu direito de ser, de ser mais.

1.1 **Conceição Evaristo: Nós também combinamos de não morrer**

A filosofia banto, da força vital, permaneceu até hoje no modo de ser do brasileiro (...), impõe que se desempenhe a vida, fortalecendo-a no corpo físico e na mente, como instrumento de luta.

(Beatriz Nascimento)

Conceição Evaristo é o nosso principal referencial teórico, já que tratamos de uma tese acadêmica que comprehende a escrevivência como conceito metodológico. No entanto, devido ao que nos propomos, preferimos dizer que a professora doutora escreve conosco. Vejamos o questionamento que Evaristo nos apresenta e, também, responde com maestria: o que leva mulheres negras e pobres ao ato de escrever? A urgência de insubordinar-se! Percebemos que Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma mulher negra, desfavelizada e insubordinada(Evaristo, 2020). A menina criada com suas quatro irmãs e depois com mais cinco irmãos da parte do padrasto, vai morar com os tios, devido a pobreza da família. Passa a ajudar nos serviços domésticos e viver com as coisas dadas pelos mais ricos. Conceição vai estudar e na escola observa que os andares de cima são para os abastados e os andares de baixo, tais como nos porões dos navios negreiros, era para os pobres. Contudo, como menina-mulher insubordinada, transgride e em 1958 ganha o primeiro prêmio de literatura na escola, com o tema: Porque tenho orgulho de ser brasileira.

Nascida em Minas Gerais na década de 1940, veio para o Rio de Janeiro na década de 1970 onde graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mulher professora da/na rede pública, torna-se mestra em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro e doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. A escritora mineira escolhe a poética em suas pesquisas. Na década de 1990 estreia em *Cadernos Negros*, trabalho desenvolvido pelo Quilombhoje, grupo criado por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros em 1980. O objetivo era discutir sobre a literatura e cultura negra, bem como fomentar a leitura e incentivar pesquisas. No início, as reuniões eram informais, contudo ao longo do tempo as ações se diversificaram e, com a entrada de Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa, Miriam Alves e Oubi Inaê Kibuko, diversas rodas de poemas aconteceram, inclusive o Sarau Afro Mix. Também foram organizados palestras, cursos e debates sobre literatura afro-brasileira.

O Quilombhoje organizou livros de biografias e um vídeo documentário (Bailes). Com o passar dos anos, muitos dos integrantes começaram a se dedicar aos seus trabalhos individuais, encorajados pela união do grupo e a promoção da autoestima. Outros colaboradores foram chegando e inúmeras atividades foram se fortalecendo com a iniciativa. Lázaro Ramos afirmou, assertivamente, que *Cadernos Negros* e seus movimentos de coletivididade precisam ser celebrados pelo trabalho feito há mais de quatro décadas (Ribeiro; Barbosa, 2020).

A herança do grupo Quilombhoje é inescrutável, todavia podemos afirmar que a série *Cadernos Negros*, sua primeira ação, marca a história do coletivo e a história de muitos

pesquisadores negros e negras. Desde o primeiro número, lançado em 1978, provoca e inquieta trazendo reflexões importantes como a necessidade “de “renascer” e “limpar o espírito”; de “arrancar as máscaras brancas” e “pôr fim à imitação”; de denunciar a “lavagem cerebral” e a “poluição”. Ao longo de quase cinco décadas, Cadernos Negros consolidou-se como um quilombo de resistência literária, social e política, reunindo autores e autoras negras de potência em âmbito nacional, relevando grandes nomes, como a escritora Conceição Evaristo. Ela publicou pela primeira vez na edição número 12, no ano de 1990, assim como inúmeros escritores e escritoras que se encorajaram a partir desta iniciação literária.

Conceição Evaristo seguiu encantando, falando e demonstrando brilhantemente em seus textos a relação com a sua família. Destaco aqui o seu tio Osvaldo Catarino Evaristo que, segundo ela, era poeta, desenhista e artista plástico e sempre foi um consciente questionador da situação do povo negro brasileiro. Deu-lhe lições de como é e por que ser negro. É importante para o nosso trabalho a centralidade que Conceição dá a sua família e, em especial, às mulheres negras que povoam a sua vida e a sua mente. São mulheres que ocupam um espaço onde não há apenas opressão, segregação, racismo. É um lugar onde os corpos femininos pretos passam a ter nome, idade e singularidade. Corpos que passam a fazer parte de rodas de conversas literárias, produzindo textos e publicando-os em uma espécie de estratégia de espelhar outra educação, dando visibilidade a uma mulher calada, mas que sempre teve voz. Fora silenciada.

Nesta perspectiva de ‘não desaparecer em meio à dor do racismo e do sexismo’, vamos observando na escrita destas mulheres muitos olhares, muitas lutas e conquistas que nos desencaixotam. Muitas tecnologias ancestrais como o autocuidado e o cuidado mútuo, são referenciadas. Percebemos que, à medida que visitamos as escrevivências das mulheres, as ervas que curam estão ali nos quintais, os aromas de outrora nos levam aos Becos da Memória do agora, as comidas das mais velhas estão ali nas mesas das mais novas, as músicas que expulsam os banzos estão ali soando de dentro de fora. Não há, apesar da dor, apenas narrativas de sofrimento. Ainda que ele esteja ali por meio do racismo, da invisibilidade e tantas outras negações de direito de ser, as mulheres seguem escrevendo e forjando outros fios e construindo redes que contam outras histórias de potência na educação de jovens e adultos (Nascimento, 2018).

E, desta maneira, Conceição vai nos convocando à insubordinação e ecoamos:
PRESENTE!

1.2 bell hooks: Sim! É sobre o amor

Quando acabamos com nosso silêncio, quando falamos com uma voz libertadora, nossas palavras nos conectam com qualquer pessoa que viva em silêncio em qualquer lugar.

(bell hooks)

Convidamos o pensamento de bell hooks (2017, p. 50) quando diz que: “para nos comprometer com a tarefa de transformar a academia num lugar onde a diversidade cultural informe cada aspecto do nosso conhecimento, temos de abraçar a luta e o sacrifício”, a fim de nos ajudar a refletir sobre porque algumas mulheres não desistem. A despeito de todo fardo imposto por uma sociedade perversa, elas não se desencorajam facilmente. Doravante, assim como bell hooks, acreditam que a educação, neste caso especificamente a educação de jovens e adultos como efervescente acolhedor de diferenças, deve posicionar-se de forma transformadora e libertadora, se movimentando no sentido de promover a ruptura com um sistema eurocêntrico de práticas educativas que insistem em dizer a palavra do outro e não permitir que os sujeitos se inscrevam no mundo. Pensar essa educação como prática de liberdade é criar possibilidades de engajamento, como também afirma a própria autora (hooks, 2017).

Erguer a voz, como convida bell hooks (2019), tem a ver com esse processo de romper o silenciamento pelos sistemas de opressão que insistem em violar os nossos corpos. Escolher a escrevivência como método tem a ver com uma forma de erguer nossas vozes; as vozes de muitas “netas de lavadeiras” que constroem e afirmam outros mundos possíveis.

bell hooks nasceu no sul dos Estados Unidos, em Hopkinsville. Em 1952 estreou no mundo a mulher “que não teve medo de erguer a voz”, mesmo em uma época de segregação. Optou pela grafia do nome em minúsculo (o que obviamente respeitamos no texto) na perspectiva já transgressora de enfatizar mais o que a escrita denúncia e as suas reflexões do que a sua figura de autora. Seu nome é uma homenagem à bisavó Bell Blair Hooks que, segundo ela, foi uma mulher à frente do tempo e que inspirou a sua capacidade de falar mais alto que as pressões machistas e racistas. bell hooks, ferrenha crítica ao academicismo, estudou língua inglesa na Universidade de Stanford, na Califórnia, concluiu o seu mestrado na Universidade de Wisconsin Madison e, posteriormente, o doutorado pela Universidade da Califórnia Santa

Cruz, onde desenvolveu a sua pesquisa dialogando com a também escritora negra estadunidense Toni Morrison.

O livro *Erguer a voz*, dividido em 23 capítulos e mais uma entrevista por Yvonne Zylan, é fundante em nossa busca por um diálogo com a autoria de mulheres negras, ainda que hooks não seja uma brasileira. A sua obra faz parte do nosso referencial porque suscita questões que permearam sua vida desde a infância e que são comuns a nós. Para compreendermos melhor essa afirmação, é importante revisitar os fios-diálogo entre ela e o educador brasileiro Paulo Freire. É um reafirmar da educação como compromisso de uma práxis com e para liberdade. É um entrelaçar de fios-vida freireanos e hookeanos numa perspectiva sempre emancipatória; portanto coletiva e comprometida com a mudança. bell hooks declarou que a sua trajetória de formação mudou ao tomar contato com as obras do brasileiro Paulo Freire.

bell hooks afirmou que sentiu profunda identificação com as ideias de Paulo Freire, uma vez que ela própria possuía origem rural e creditou parte da sua emancipação à ligação profunda com professoras negras do secundário e a educação como prática da liberdade. A autora conheceu pessoalmente Freire em um seminário e pode criticar a linguagem sexista em seus textos. Paulo Freire, como bom aprendente, acatou as críticas e se comprometeu no cuidado para as próximas obras. Freire mais uma vez nos deu uma lição, sendo coerente na teoria e prática. Sentimo-nos profundamente tocadas pela troca dessas duas grandes pessoas educadoras: bell hooks e Paulo Freire. Transgressão é possível de ser ensinada e assim se dissipa a opressão na inauguração de outros mundos possíveis, como já sinalizamos neste trabalho de pesquisa.

É instigante conhecer uma mulher negra, vivendo numa sociedade segregada, que supera as dificuldades de ser mulher e negra na pós-graduação e se denomina uma jovem soldada da revolução, lutando contra a dominação e dedicando a sua vida a fim de que outras vozes-mulheres pudessem ter uma voz libertadora, irrompendo silêncios. Em diálogo com nosso escrever, hooks defende a importância da linguagem para o oprimido se recuperar, quando afirma que “a linguagem é também um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo – para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação – uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta” (hooks, 2020, p. 58).

bell hooks nos convoca a uma agenda teórica radical para uma educação feminista libertadora e discute questões importantes, tais como: a inclusão de escritoras negras nos cursos de teoria feminista, nos romances, nas escritas confessionais autobiográficas e tensionar a escrita acadêmica. Para ela era importante que qualquer mulher pudesse ler e dialogar sobre ela

mesma. Não era aceitável que o elitismo acadêmico atravancava a compreensão e impedisse que as mulheres negras mais pobres e que estivessem fora da academia, ou mesmo àqueles que “furassem a bolha”, permanecessem marginalizadas pela falta de comunicação. Outro aspecto que muito nos interessa na escrita de bell hooks é o uso da primeira pessoa do plural: o “nós”. A autora nos convida a uma reflexão importante e que se entrelaça com a proposta desta pesquisa. A luta coletiva precisa estar materializada na linguagem. Isto posto, desejamos perceber como as mulheres negras engajadas em defender os direitos no enfrentamento contra o racismo e o machismo anunciam isso em suas escrevivências. Supomos que bell hooks possa nos auxiliar nesse processo de análise. A autora defende que a teoria feminista é plural e, assim sendo, precisa vir de lugares diversos e não apenas do ambiente acadêmico (hooks, 2017).

O encontro com hooks durante a pandemia de covid-19 nos trouxe a reflexão: como seria possível fazer pedagogia, trabalhar com mulheres pretas e pobres durante duas décadas e não ser apresentada a essa autoria? Agrava-se a conjuntura quando se soma a isso mais quatro anos em uma faculdade de língua portuguesa e literatura e concomitantemente bodas de prata de formações continuadas nas redes públicas municipais de educação. Não é um acaso; a mestra Sueli Carneiro (2023) já nos ensinou a respeito. Apesar do epistemicídio, somos todas convocadas ao aprofundamento das leituras com bell hooks e nos livrarmos da dominação. É preciso compreender-se oressora, isto é, saber que todas nós somos capazes de reproduzir atitudes que cerceiam, trazem dor, silenciam. À medida que olhamos o/no espelho e enxergamos a “opressora em potencial dentro de nós”, seguimos caminhantes em direção à liberdade (hooks, 2019, p. 60).

bell hooks afirma que ao ler *A pedagogia do oprimido* de Paulo Freire, melhorou a sua atuação como professora. A professora estadunidense nos conta que a leitura freireana mudou seu diálogo com as alunas/os e a sua percepção do que era potencial na sala de aula. Não seria possível lutar pelas oprimidas, mas com as oprimidas. Ela se percebeu dominadora ao não ouvir as estudantes tanto quanto deveria. O diálogo em hooks nos permite criar um incômodo: provocar uma educação literária onde o pessoal auxilia na busca pela politização do eu. O que vivemos, o que vivemos juntas com as nossas, o que as nossas vivem é político e pode ajudar a pensar as transformações que o mundo precisa.

Assim, compartilhando a luta da intelectual negra feminista e as reflexões que impactaram muitas mulheres pelo mundo, acreditamos que as escrevivências sejam um catalizador importante de leituras, de diálogos e de pensamentos coletivos para construções singulares-plural. Ousamos dizer que o amor é o caminho. O amor por si mesma, o amor pelas outras e pela palavra. Esse amor não pode se expandir em um espaço de silenciamento e outras

violências. É esse um dos desafios coletivos de mulheres que trabalham sob a ética amorosa: escrever linhas que falem tudo sobre o amor, pois já falaram demais da nossa dor (hooks, 2020).

1.3 Lélia Gonzalez: quando o lixo fala

Essa identidade negra não é uma coisa acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo.

(*Lélia Gonzalez*)

Em primeiro de fevereiro de 1933, nasce Lélia de Almeida. Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais, nos presenteia com mais uma mulher negra com uma contribuição intelectual brilhante. Filha de um pai operário e de uma mãe que se dividia entre a educação dos dezoito filhos (Lélia foi a décima sétima) e os trabalhos de limpeza domiciliares em outras casas mineiras. Em 1942 a família se muda para o Rio de Janeiro, acompanhando um dos irmãos que veio como jogador de futebol profissional, buscando novas oportunidades para melhorar de vida. Percebemos, mais uma vez, como a teia da coletividade é importante e fundamental para que negros e negras mudam as suas realidades.

Lélia, assim como os seus irmãos, precisou trabalhar cedo, situação muito comum entre as pessoas negras e pobres. A despeito da complexidade que é trabalhar e estudar desde tão cedo, Lélia agarrou com muito afinco a cada oportunidade educacional que teve, tais como fazer parte de sua formação no Colégio Pedro II, cursar Filosofia da Universidade Estadual da Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, na qual a ex-babá lecionaria anos depois (Bairros, 2019). Ainda no ambiente universitário, Lélia conhece e se casa com Luiz Carlos Gonzalez, de quem recebeu o sobrenome. A união foi marcada com muita cumplicidade, mas também gerou em Lélia marcas profundas do racismo, devido à rejeição da família europeia do marido. Sobre isso Lélia Gonzalez afirma que “quando eles descobriram que nos casamos, ficaram furiosos. Me chamaram de preta suja. Era isso que eu tinha me tornado aos olhos deles, apesar da minha educação, apesar da minha posição” (Gonzalez, 2020, p. 283-284).

Assim como muitas outras mulheres negras que são confrontadas pelo racismo, Lélia transforma a experiência de dor em trabalho intelectual para ajudar a compreender como se processa a violência. Como intelectual e ativista, Gonzalez participou de muitas reuniões,

encontros, campanhas frente às investidas de repressão do Regime Militar. Inclusive o Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS, a observava. O corpo de Lélia falava. Tinha um riso marcante e as cores vibrantes em suas indumentárias. Foi a responsável pelo primeiro curso de cultura negra na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em 1976 (Literafro, 2018).

Lélia nos apresenta a partir de suas pesquisas o lugar que a sociedade racista e misógina reserva para a mulher negra e a representatividade construída por meio do olhar colonizador ocidental. Entretanto, com muita força e assertividade, ela constrói uma narrativa e reposiciona as personagens, descrevendo a verdadeira participação das mulheres negras na resistência e nas revoluções, ainda que ocupando os trabalhos de mucama, bem como outros lugares subalternizados (Gonzalez, 2018).

Lélia Gonzalez foi fundadora do Movimento Negro Unificado-MNU, bem como participou da formação do Partido dos Trabalhadores (PT), candidatou-se por ele, migrando posteriormente para o Partido Trabalhista Brasileiro, o PDT, onde também se lançou ao pleito como deputada. Ela atuou nas mobilizações civis brasileiras contra o Apartheid na África do Sul, fundou a organização Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras e participou de inúmeros encontros feministas e de mulheres negras no Brasil e em outras partes do mundo. Lélia Gonzalez esteve nas mobilizações pela constituinte e colaborou ativamente com as comissões parlamentares entre 1986 e 1988. Além disso, integrou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e não se furtava ao compromisso de estar nas ruas, nos protestos e inúmeras mobilizações que se organizavam a fim de denunciar o racismo e as desigualdades de gênero⁸.

Lélia, inclusive, esteve na cidade de Queimados participando das mobilizações do movimento negro local, segundo relato da historiadora e mulher do ler Maria Elvira de Oliveira na edição III do livro Mulheres do Ler (Oliveira, 2023).

Destacamos como fundamental a difusão do pensamento da intelectual brasileira Lélia Gonzalez a iniciativa do coletivo Pan-africanista, que organizou em 2018 uma significativa parte da produção da autora em ordem cronológica, com o título Primavera para as Rosas Negras. É válido relembrarmos que em outubro de 2019, milhares de pessoas se reuniram no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, para assistir à intelectual marxista Angela Davis, que conheceu pessoalmente Lélia Gonzalez. Davis fez um grande e importante chamamento para que os brasileiros e brasileiras conhecessem intelectuais racializadas como ela.

O pensamento da autora foi discutido por intelectuais de diferentes partes da América Latina e dos Estados Unidos, em 2020, no maior encontro acadêmico do mundo voltado para a

⁸Disponível em:

<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/leliagonzalez/#:~:text=Ela%20atuou%20nas%20mobiliza%C3%A7%C3%B5es%20civis,em%20outras%20partes%20do%20mundo.>

produção científica sobre a América Latina. Além de homenagear a intelectual e ativista, o evento da Associação de Estudos Latino-Americanos (LASA) chamado “América Ladina”, termo que Lélia Gonzalez usava para provocar a reflexão sobre a formação do continente, destacando as influências indígenas e africanas, além da ibérica. Outrossim, as rupturas com o pensamento ocidental e novas formas de olhar, viver e falar, haja vista o pretuguês, termo cunhado por Lélia para explicar como sofremos o racismo também na língua, que desrespeita as nossas origens e marginaliza os falares pretos. A autora afirma que as mulheres negras, sobretudo a mãe preta, transmitiram o pretuguês no Brasil, ou seja, não assumimos a língua portuguesa passivamente. A reprodução social da vida e a iniciação ao mundo da linguagem nas “canções para ninar meninos grandes”, combinavam a africanização da linguagem (Rios; Lima, 2020).

Por fim, desejamos que Lélia Gonzalez nos ajude a discutir sobre o quanto as ações políticas e culturais podem contribuir para a transformação social, tendo em vista que suas colaborações com grupos culturais, artísticos e intelectuais é vasta. O termo “pretuguês” também nos interessa, pois, as mulheres negras que foram furtadas em seu direito à leitura e a produção de suas escrevivências, tinham por certo a sua incapacidade de falar e escrever a sua própria língua. A partir da nossa participação no Congresso de Pesquisadores Negros (COPENE) em 2023, no Quilombo dos Palmares, compreendemos que a comunicação nos quilombos e nas senzalas durante a escravização é fundante para refletirmos sobre esse processo e que os coletivos que abraçam e fomentam a escrita não canônica (outro termo a ser revisto) de autoria negro brasileira precisam urgentemente discutir a escrita nessa perspectiva. Beatriz Nascimento (2021) nos auxilia nesta missão quando afirma que onde fica o nosso pé contra a dominação ali se faz o nosso quilombo. Aprofundaremos esse tema no capítulo III, quando anunciamos as escrevivências aquilombadas das Mulheres do Ler.

Lélia Gonzalez, que marcou também a história de Palmares na subida à Serra da Barriga, é referência para diversos coletivos antirracistas (inclusive para o Coletivo Mulheres do Ler) e organizações feministas no Brasil. Todavia, como já afirmamos com relação a bell hooks, a sua obra ainda é pouco aprofundada na academia. Tivemos o privilégio de conhecer a ativista Angela Davis em 2023, por ocasião de sua participação, junto com a ministra da igualdade racial do Brasil Anielle Franco, no Congresso Internacional de Literatura Comparada na cidade de Salvador-Bahia e mais uma vez fomos lembradas da importância de Lélia Gonzalez como, mais que um ícone do feminismo negro brasileiro, mais como a materialização do que a mulher negra brasileira (ameficana) é capaz, no tocante a influência em toda a América Latina e no mundo.

2 QUEIMADOS: “DE ESCRAVOS, LEPROSOS, IMPERADOR”⁹

Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo)

Paulo Freire fala de uma pedagogia situada. Seguindo os princípios freireanos, precisamos dizer por que é relevante construir uma pesquisa junto com mulheres que residem e/ou desenvolvem atividades de leitura e produção textual em uma cidade como Queimados, município da Baixada Fluminense.

O título escolhido para este capítulo é fragmento do hino da cidade¹⁰, demonstrando a construção social e política deste território. Considerando que o município de Queimados, sendo a Agenda 2030 da Casa Fluminense, possui um dos menores Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado do Rio de Janeiro¹¹, surgiram algumas questões que perpassam este trabalho na perspectiva de pensarmos sobre a participação das mulheres negras longo de décadas na cidade de Queimados e a articulação da educação de jovens e adultos como modalidade.

É importante salientar que a definição utilizada por muitos geógrafos para situar a Baixada Fluminense corresponde à região de planícies que se estendem entre o litoral e a Serra do Mar, indo do município de Campos, no extremo Norte, até o de Itaguaí, próximo à cidade do Rio de Janeiro (Oliveira, 2004).

Prefere-se, entretanto, considerar que esses limites, demasiado extensos, falam de uma população. Estes limites contam uma História. Assim, precisamos analisar os processos históricos que constituíram este lugar onde desenvolvemos a nossa pesquisa. Os municípios que atualmente compõem a Baixada Fluminense são Duque de Caxias, São João de Meriti, Guapimirim, Seropédica, Itaguaí, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Queimados, Paracambi e Japeri. As unidades administrativas referidas anteriormente faziam parte da chamada Vila de Iguaçu, criada em 1833. No começo da República, a sede da Vila foi transferida para a localidade situada nas margens da estação ferroviária que era denominada de Maxambomba, recebendo posteriormente o nome de Nova Iguaçu (Oliveira, 2004).

⁹ Disponível em <https://www.letras.mus.br/hinos-de-cidades/941169>.

¹⁰ O hino da cidade de Queimados foi composto por Nivaldo Cavallari e música de Marília Pevidor de Carvalho Cavallari.

¹¹ Disponível em <https://casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2024/05/Agenda-Queimados-2030.pdf>

A Baixada Fluminense sempre nos instigou e, desde a pesquisa por ocasião da dissertação de mestrado na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, buscamos compreender como este lugar muito rico, em se tratando de recursos naturais, onde os rios eram responsáveis pelos limites das terras, gradativamente, foi sendo devastado pela ganância capitalista, haja vista a ocupação para o cultivo da cana-de-açúcar, do café, da mandioca, do fabrico de tijolos e da criação de gado e, posteriormente, a descoberta do ouro nas Minas Gerais no fim do século XVII, induzindo o deslocamento do eixo político e econômico da colônia do nordeste para o sudeste (Santos, 2014). Um lugar que sempre foi marginalizado e organizado a fim de atender os interesses de exploração dos recursos, solapando o território e sonegando direito aos moradores da região (Araújo Filho; Costa, 2019).

Nos estudos de Santos (2014), trazemos uma importante contextualização que mostra a chegada dos primeiros trilhos que cortam essa região, em 1840, procurava dinamizar e integrar o território iguaçuano à Corte, sempre visando facilitar o transporte da produção do café, produto responsável pela dinâmica da economia brasileira durante o Segundo Reinado. Apesar das proposições de ‘modernização’ inseridas no contexto mundial da Revolução Industrial percebe-se um gradual processo de perda do vigor da Vila de Iguaçu, balizada pela crise do café fluminense, pelo término da escravidão e pelo deslocamento do eixo de circulação, a partir da construção da Estrada de Ferro D. Pedro II. O abandono experimentado após o apogeu da atividade canavieira, o desmatamento e o rápido empobrecimento do solo foi o que sobrou após breve experiência com o café e a extração de carvão vegetal. Devido ao assoreamento dos rios, em um processo acelerado, fez com que as planícies, antes utilizadas para o cultivo da cana e outros gêneros que visavam ao abastecimento da capital, se transformam rapidamente no celeiro de males como o cólera-morbo e o paludismo (Torres, 2004).

Em 1858, em aparente contradição ao estado de abandono verificado no local, chegam os trilhos da ferrovia que permitiria a circulação de D. Pedro II e seus interesses. A chegada dos trens à Baixada Fluminense acabou por sepultar de vez as localidades que haviam se desenvolvido às margens desses caminhos ou portos fluviais, uma vez que as mercadorias agora tinham essa nova via de escoamento mais rápida e econômica. Por outro lado, a inauguração da linha férrea significou o deslocamento do eixo da ocupação humana para núcleos urbanos às margens dos trilhos. Data de 1862 a transferência da sede da Vila de Iguaçu, de Cava para Maxambomba, uma das estações da nova ferrovia. Quase 30 anos depois, enquanto a “Velha Iguaçu” se esvaziava, Maxambomba foi elevada à categoria de cidade, já sob a República Brasileira em 1889. Em 1916, teria seu nome alterado para Nova Iguaçu, homenageando a antiga e decadente vila (Torres, 2004).

A partir do exposto acima, que descreve as mudanças na cidade devido ao “progresso” deste espaço urbano, pode-se notar que o que se leva em conta sempre é a ganância econômica, não importa à custa de quem ou do que o “progresso” chegará. Não se respeita o meio ambiente, seus limites, sua estrutura. Não se pensa em como os moradores de determinada região se organizam frente às mudanças. A única coisa que realmente importa é se os “donos do poder” de alguma maneira conseguirão obter mais lucro, ganhar mais dinheiro, ter maior acesso aos seus objetivos. Custe o que custar. Freire já nos dizia: “Ninguém pode ser, autenticamente, proibindo que os outros sejam. Esta é uma exigência radical. O ser mais que busque no individualismo conduz ao ter mais egoísta, da forma de ser menos. De desumanização [...]”. (Freire, 2011, p. 105). Registra-se neste momento a dificuldade pela busca por dados que auxiliasse a pesquisa a compreender as ações relativas à Educação dos Jovens e Adultos neste período, o que encontramos são registros de iniciativas isoladas de homens “de boa vontade” que organizavam grupos de alfabetização. Estes registros encontram-se nas paróquias de Nova Iguaçu, nos relatos dos movimentos eclesiais de base (Oliveira, 2004).

O desenvolvimento do trabalho era sempre realizado por leigos que, muitas vezes, utilizavam-se da fé para organizar a sua ação e, o que era para ser uma atividade de alfabetização, acabava se tornando uma ação de catequização à fé cristã, como vimos ao longo da História do Brasil. O trabalho docente especializado permanecia destinado a corte e aos filhos dos donos das terras, legitimando, desde então, o lugar de cada um nesta sociedade e os cidadãos vão sendo colocados em “compartimentos separados” (Mészáros, 2008, p. 69).

Vejamos que o cultivo de laranja surge como alternativa para a extensão das terras erodidas por séculos de cultivo desregrado e desmatamento indiscriminado de considerável área verde, com intuito de expandir as áreas cultiváveis, comercializar madeira e fabricar carvão. Os grandes proprietários rurais eram aqueles que davam as cartas, ou seja, determinavam o que seria ou não feito. A república brasileira, que difundia o modelo econômico de base agrário-exportadora, cria junto às esferas municipais medidas que favoreçam o cultivo da laranja (Simões, 2004).

Simões (2004), diz que sendo Queimados uma das estações da Estrada de Ferro Central do Brasil, o seu núcleo populacional e a sua importância econômica atrelam-se ao escoamento da produção da laranja pela via ferroviária. Entretanto, apesar dos investimentos, o esplendor da laranja estava com seus dias contados, pois uma série de fatores levaria à ruína da citricultura iguaçuana. A chegada da chamada ‘mosca do Mediterrâneo’, um parasita que ataca os laranjais, principiou a brusca derrocada da citricultura no período assinalado como o auge da produção. A Segunda Guerra Mundial, em 1939, contribuiu com a derrocada da citricultura. A paralisação

do tráfego marítimo entre Brasil e Europa e os racionamentos de combustível e energia geraram um “encalhe” das laranjas. O grosso da produção era voltado para o mercado externo e não encontrava saída satisfatória no mercado interno. Além disso, os órgãos federais criados anteriormente visando à proteção dos interesses dos produtores se mostraram inaptos até mesmo para as medidas de combate à mosca. O resultado era degradante e fechava o ciclo de destruição da economia citricultora: as laranjas apodrecem nos pés, aumentando ainda mais a proliferação das larvas da mosca do Mediterrâneo (Oliveira, 2004).

Torres (2004) sinaliza que muitos agricultores, após perceberem que seu capital havia sido perdido com a decadência das plantações, optaram pela transformação dos laranjais em loteamentos, cujos lotes vendiam em longas prestações aos mais pobres, acelerando a urbanização de vários distritos de Nova Iguaçu. Essa fragmentação espacial foi uma das forças propulsoras dos processos de emancipação dos distritos iguaçuanos, iniciados ainda na década de 1940, como já foi mencionado anteriormente. É importante considerar que devido ao êxodo rural, houve um inchaço demográfico na cidade do Rio de Janeiro e, na impossibilidade de se fixarem na capital, parte dessas pessoas se direcionava à periferia da capital, como a Baixada Fluminense, território limítrofe ao município do Rio de Janeiro.

O espaço, contudo, não estava preparado (e, em 2024, ainda não está) para dar conta de seus habitantes, cidadãos que foram explorados nesta leva de transformações da Baixada Fluminense e, cada dia mais, eram desamparados pelo poder público. A industrialização foi chegando, tomando o lugar que os trabalhadores não podiam ocupar pelo fato de não se ter oferecido nenhuma educação para este fim. É a perfeita imperfeita lógica do capital. Consideremos o que nos diz Aparecida Tiradentes:

Historicamente as classes dirigentes têm acesso ao saber sistematizado, formação geral e intelectual, que lhes permite manter a condição hegemônica (o papel de direção política, cultural e ideológica da sociedade), legitimando e reafirmando sua posição na economia. Às classes trabalhadoras é reservada, quando muito, uma formação precária, profissionalizante, instrumental, aligeirada, que lhes aprisiona e conforma na condição de subalternas (Santos, 2012, p. 38).

Em Queimados, sede do Segundo Distrito de Nova Iguaçu, as primeiras articulações a partir da década de 1950 em prol da emancipação começaram a se delinear. Em 1954, foi criado a Sociedade Pró-Melhoramentos de Queimados congregando comerciantes e lideranças políticas locais, que consequentemente funcionou como porta-voz desse movimento. A definição de paradigmas históricos que sustentam a necessidade da implantação de um governo autônomo e desvinculado do município de Nova Iguaçu era de suma importância. Era necessário recortar do passado e euforizar, os fatos que se desejavam lembrar. Além disso, era

necessário dar a esses fatos, uma leitura que atendesse às aspirações colocadas em evidência e, sob tal aspecto, a presença da ferrovia sempre foi um marco da história local (Torres, 2004).

Neste processo, consegue-se identificar um movimento de transformação de uma sociedade rural, frente à urbanização galopante. Entretanto, não observamos nenhuma medida efetiva para a educação de seus cidadãos. A formação continuava restrita somente para aqueles mais favorecidos e os mais pobres precisavam recorrer à caridade de igrejas, que contavam com voluntários leigos ou professores não atuantes (Araújo Filho; Costa, 2019).

Queimados foi impactada pela abertura da Avenida Brasil, em 1946, e da Rodovia Presidente Dutra, em 1951, encurtando as distâncias e proporcionando o contato entre várias localidades de dentro e de fora do estado do Rio de Janeiro, nesse processo são justapostos valores tradicionais, inerentes às típicas sociedades patriarcais rurais, aos valores introduzidos constantemente pela nova convivência urbana. Somando-se a esse cenário de novas e múltiplas confluências, recortado pela Dutra, o território de Queimados torna-se mais acessado. O novo corredor rodoviário torna-se atraente para novos investimentos industriais e serviços (Araújo Filho; Costa, 2019).

Inserido nessa perspectiva, destacamos a instalação do Parque Industrial de Queimados, às margens da Rodovia Presidente Dutra, em 1978. A presença desse polo atraiu, para o local, indústrias de grande porte, aumentando a arrecadação do município e elevando o seu orçamento. Ainda nos anos 1970, é inaugurada uma linha de ônibus ligando Queimados ao Rio de Janeiro, em 1973, pavimentada a Estrada de Carlos Sampaio, em 1975, é instalado o reservatório de água, em 1976, visando ao abastecimento da localidade (Araújo Filho; Costa, 2019). A inauguração do reservatório e do sistema de abastecimento contou com a presença do então presidente, Ernesto Geisel, sendo um evento de grande repercussão interna (Oliveira, 2004).

Entretanto, questões básicas como a saúde pública, ainda eram (e até hoje são) fonte de preocupação da população. O primeiro serviço de saúde de Queimados, o Posto Médico da Pedreira, foi inaugurado a duras penas, na década de 1970, após longos anos de impasse. No final da década de 1950, a Sociedade Eloy Teixeira iniciou a construção de um prédio, em terreno doado pela Prefeitura de Nova Iguaçu, que deveria abrigar o referido serviço de Saúde. A construção foi financiada com recursos próprios, arrecadados por meio de festas e vários outros eventos que se revelaram, porém, insuficientes para levar as obras até o fim. O chamado “esqueleto” permaneceu inacabado por mais de uma década, sem que a própria Sociedade Eloy Teixeira ou o poder público o concluíssem. Assim, os moradores de Queimados que precisassem de atendimento médico continuavam, até a década de 1970, tendo de se deslocar até Nova

Iguaçu para serem atendidos. Havia um binômio a ser equacionado: o manifesto progresso, que as principais lideranças pró-emancipação ressaltaram, não condizia com o tratamento dispensado a Queimados pela administração iguaçuana (Torres, 2004).

Ainda segundo o historiador Nilson Henrique de Araujo Filho (2014), a década de 1970 chegava ao fim e os protestos pela abertura política e a redemocratização se intensificaram pelo país. Essa abertura refletiu uma retomada nos movimentos de emancipação, que permaneceram latentes durante os anos do regime de exceção e, sob esse aspecto, começam a ser delineadas as bases sobre as quais se assentaram os discursos a favor da autonomia queimadense. Em 1981, ainda neste contexto histórico, as fortes chuvas que castigaram a Baixada Fluminense, particularmente Queimados, funcionaram como um catalisador das reivindicações da população por um governo que, ao menos, possa dar mais atenção aos anseios e às necessidades do lugar. Esse episódio foi apropriado de maneira a ressaltar o abandono aos moradores do então Segundo Distrito de Nova Iguaçu que, segundo consta, ficou “alagado e entregue à própria sorte”. Segundo Manoel Simões:

Nas áreas próximas ao centro do distrito sede e nos centros dos demais distritos, os investimentos públicos garantem a existência de áreas com alto grau de atendimento das necessidades sociais (...). No entanto, à medida que nos afastamos destas áreas, a falta de investimentos públicos deixa como resultado, um espaço onde a carência de infraestrutura determina um baixo grau de atendimentos das necessidades sociais e, consequentemente, uma baixa qualidade de vida para os seus moradores (Simões, 2004, p. 82).

Assim, os cidadãos viviam numa dicotômica relação que se expressava através do vislumbre do dito progresso (ferrovia, rodovia e o parque industrial) e, paradoxalmente, todas as mazelas (alagamentos, lixo, falta de emprego, saúde precária, falta de escolas) de um governo negligente, que não cuidava devidamente da cidade. Ainda devemos citar os discursos de valorização de um passado ideal, que se desejava resgatar. Era como se um saudosismo pairasse no ar sem muita clareza do que se realmente desejava para este lugar (Prado, 2000). Um povo sempre desprestigiado, sem escolas para todos, sem saúde pública de qualidade, sem ao menos água de qualidade para beber, vivendo às margens da sociedade, via-se obrigado a buscar como sobreviver na capital do Rio de Janeiro. Nascia a chamada cidade dormitório, onde por causa das inúmeras horas do translado de casa ao trabalho e do trabalho para casa, chegava-se ao lar apenas para dormir. Sem contar com os inúmeros casos de trabalhadores que dormiam no próprio serviço devido a esta realidade e a negativa dos patrões de pagar o valor correspondente ao transporte, alegando a distância. Outrossim, devemos considerar também que os trabalhos destinados a essa população não escolarizada era de lavadeiras, passadeiras, porteiros,

carregadores, serviços domésticos em geral, com salários aviltantes, subalternizando-os (Araújo Filho; Costa, 2019).

No bojo deste paradoxo entre a pobreza e a abertura política na busca pela retomada da democracia, o país ganhava uma nova Constituição. Queimados, aproveitando assim este momento, motivada por um grupo de mulheres trabalhadoras e políticos da região, realizava um plebiscito para decidir a autonomia do local. O resultado do plebiscito foi negativo. Houve um alto índice de abstenções atribuídas aos eleitores de Engenheiro Pedreira e Japeri. Contudo, no fim da década de 1980, ano da primeira eleição para a Presidência da República após o regime militar, formou-se a Associação dos Amigos para o Progresso de Queimados (AAPQ) e o Movimento De Mulheres de Queimados liderados por Dona Dalva, mulher preta que veio de Minas para o Rio de Janeiro na perspectiva de uma mudança de vida e envolveu-se na luta contra todas as formas de desigualdade na cidade (Martins, 2023).

A despeito do apagamento que observamos do protagonismo das mulheres, sobretudo das mulheres pretas na história do município de Queimados, encontramos no livro *Mulheres Pretas de Fé* registros importantes que nos ajudam a honrar as escravivências das filhas e netas de várias mulheres que lutaram na Baixada Fluminense e, dentre elas, a militante do movimento social e mestra em educação Sonia Maria Martins. Coordenadora da Casa Dalva, relata como o sentimento de inconformidade de Dona Dalva consegue articular vítimas de violências, organizando rodas de conversa em que as mulheres traziam suas demandas. Os encontros eram realizados na Paróquia de São Francisco de Assis (Martins, 2023). Destacamos aqui a insubordinação dessas mulheres que criaram estratégias para se manterem juntas e fortalecidas:

A estratégia colocada era a seguinte: agendar uma reza na casa escolhida, levar a bíblia, livro de cântico, vela, e a imagem de Nossa Senhora. Arrumava a mesa e iniciava a reza. No meio da reza lia-se um texto bíblico e juntas tentavam entender o texto a partir da realidade e pra isso era preciso que cada uma falasse sobre o que estava passando. Neste momento era a porta de entrada para aprofundar as experiências de violência doméstica. O esposo quando chegava via apenas um altar montado e não desconfiava que junto ali se falava da violência doméstica, onde a vítima era a sua esposa (Martins, 2023, p. 76).

No decorrer dos anos, Dalva e as mulheres concluíram que precisavam ir para além da troca de experiências e ajuda mútua. É quando Dalva e outras companheiras pensam na criação de um movimento de mulheres que pudesse ser uma referência de escuta, como também uma ferramenta política que servisse como um canal de busca de equipamentos capaz de responder às demandas dessas mulheres. No mês de novembro de 1987 é criado o Movimento Comunitário de Mulheres de Queimados (MCMQ). É muito importante trazer para a centralidade uma contribuição tão significativa para a história da transformação social do

território queimadense, afinal, a década de 1990 é marcada pelo processo emancipatório de Queimados, onde na sua primeira eleição para o poder executivo e legislativo, Dalva candidata-se a vereadora. É um momento efervescente a discussão coletiva sobre as políticas públicas para as mulheres. Neste contexto Dalva articula junto ao MCMQ o alinhamento com as Mulheres dos municípios de Nova Iguaçu, Belford Roxo e Mesquita (Martins, 2023).

É válido destacar que a então governadora Benedita da Silva, primeira governadora negra a assumir o governo do Estado do Rio de Janeiro, implantou o Núcleo Integrado de Atendimento à Mulher (NIAM), sob a gerência do Movimento Comunitário de Mulheres de Queimados. É de igual modo relevante registrarmos que nesse mesmo período, implementa-se a Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) em Nova Iguaçu. Dalva atuou plenamente na composição da comissão que acompanhou todo o processo dessa implementação. Era uma comissão com representatividade de Queimados, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Nilópolis e Mesquita (Martins, 2023). O funcionamento dessa política pública, bem como as demandas que se anunciam com a emancipação da cidade de Queimados foi acompanhado pelos movimentos de mulheres, mostrando que a história não era apenas de “escravos, leprosos, imperadores”. É como nos ensina Lélia Gonzalez (2020): Urge que nos organizemos!

2.1 **Queimados: “Nossa história é de luta”**

Nós, mulheres negras, somos a vanguarda do movimento feminista nesse país; nós, povo negro, somos a vanguarda das lutas sociais deste país porque somos os que sempre ficaram para trás, aquelas e aqueles para os quais nunca houve um projeto real e efetivo de integração social.

(Sueli Carneiro)

Em 1992 Queimados elege o seu primeiro prefeito Jorge Pereira. Iniciam-se os trabalhos com muitas dificuldades, tendo em vista que seus municípios vinham à cidade só para dormir, haja vista que o lugar não tinha emprego para todos. Sem escolas para suas crianças e adultos não escolarizados, sem hospital. Em 2024, a cidade tem cerca de 140.523 habitantes, distribuídos por 76,7 Km² (IBGE, 2024). Limita-se ao norte com o município de Japeri, ao sul, com Nova Iguaçu e Seropédica. A oeste, Seropédica e a Leste, Nova Iguaçu. O comércio e a

indústria são as principais atividades do município. Esta última atividade representada pelo já citado Parque Industrial, instalado às margens da Rodovia Presidente Dutra, em 1978. Há muito que as laranjas ficaram somente na lembrança das pessoas mais velhas da cidade. Os antigos canaviais também estão na memória de muitos. A ferrovia, no entanto, continua sendo, mesmo com o passar de mais de um século, um dos principais meios de transporte entre Queimados e cidades vizinhas, bem como com o Rio de Janeiro, apesar da precariedade do serviço prestado mesmo com todas as mudanças de concessão (Torres, 2004).

Retomando os estudos da minha dissertação, afirmo que a emancipação econômica infelizmente não veio com a emancipação política, pois em pleno século XXI, o município estrategicamente posicionado entre as duas maiores metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro e São Paulo, ligadas pela Rodovia Presidente Dutra, ainda sofre com a falta de um hospital para atender aos seus municíipes, ainda não há emprego para todos e, quando há oportunidades os cidadãos não estão preparados, tendo em vista que não há escolas para todos e nenhum curso de formação específica. Observamos muitos esforços a fim de realizar obras de urbanização, como saneamento e asfaltamento de ruas em diversos bairros, imprimindo assim, a concepção de uma cidade moderna. Contudo, ainda há problemas do século passado como o não letramento da população, os alagamentos, haja vista o estado de emergência que tomou conta da cidade em dezembro de 2013, com inúmeros bairros atingidos pelas enchentes, fazendo muitos desabrigados e inúmeras perdas materiais, sem contar o dano emocional dos municíipes que veem as suas histórias em parte sendo levadas pelas águas e a sua identidade manchada pela lama que restou no pós-enchentes (Santos, 2014).

Em 2024, no dia em que esse trabalho passava pela apreciação da banca de qualificação, a cidade foi assolada mais uma vez pelas fortes chuvas e, o dia seguinte que deveria ser de comemorações por mais uma mulher negra queimadense em fase de conclusão para se tornar uma doutora em educação, seguiu-se a saga de mais de quatro décadas: captação de recursos, abrigamentos provisórios, busca por água potável, dentre outras ações. Não teve festa. A celebração mais uma vez foi adiada, pois nós, moradores da cidade de Queimados junto com os demais municípios da Baixada Fluminense, estávamos desolados. Nessa conjuntura, pensamos em Nascimento (2022) quando nos diz que é preciso criar uma possibilidade de ser feliz junto ao nosso quilombo. Ele, o quilombo, é o nosso canto da paz e é onde nos fortalecemos para a luta. Sigamos. Falaremos mais profundadamente do quilombo como possibilidade de fuga em oposição ao aniquilamento da esperança no capítulo seguinte, celebrando a escrevivência de Beatriz Nascimento (2015).

Na última década a administração do município de Queimados divulgou exaustivamente em jornais de circulação local e estadual, os resultados de investimentos nas áreas supramencionadas (colocar jornal). O Parque Industrial é apresentado como o maior trunfo da cidade. A Educação de Jovens e Adultos oferece vagas, mas apenas em três escolas e, mesmo assim, não há nenhum outro incentivo para que os alunos permaneçam na escola e nem mesmo seus professores. A SEMED fomenta a inscrição das/dos jovens e adultas (os) no Centro de Educação Distância de Queimados (CEADQ), contrariando o que historicamente se conquistou para o efetivo direito da EJA como um lugar de encontro dialógico para a construção coletiva dos aprendizados. Durante o ano de 2024, por exemplo, não observamos nos registros do Fórum Estadual de EJA nenhuma representatividade do município de Queimados e não acessamos nenhum projeto ou programa permanente, contínuo e recorrente em se tratando de leitura literária para as sujeitas e sujeitos da modalidade. À propósito, a Escola Municipal Carlos Pereira Neto¹² postou em suas redes sociais os livros danificados pela água suja do “rio” que é vizinho da escola e que hoje se transformou em um valão.

Observamos a triste cena dos materiais de leitura, o pouco que se oferece à população, em meio à lama junto com a nossa alma e a calma. Considerando que estamos promovendo um fio-tese que busca apresentar a literatura negra como possibilidade de transformação e fortalecimento na luta, trazemos uma poesia que escrevemos em um desses momentos de escrita-sangria:

Sons
Passos
Corridas
Rastejadas
Engatinhadas
Tropeçadas
Solavancos

Você não sabe como estão as pernas no de cada um
Você não sabe os caminhos que foram percorridos
Você não sabe de nada

¹² A Escola Municipal Carlos Pereira Neto fica situada no bairro de São Roque. O bairro é onde o projeto Mulheres do Ler começou na igreja do evangelho quadrangular, que também já foi inundada e perdeu todo o seu acervo mais de uma vez.

Você não sabe.
É preciso respeitar os trôpegos

Sons
Passos
Lágrimas
Paradas
Muletas
Empurradas
Solavancos
Colo

Você não sabe como estão as pernas de cada um
Vocês não sabem os caminhos que foram percorridos
Vocês não sabem de nada
Vocês não sabem.
É preciso respeitar os trôpegos

Prosseguindo com a análise do panorama na cidade de Queimados realizadas por Santos (2014), para os demais níveis de escolarização são enfatizadas as parcerias entre os governos municipal e estadual, no intuito de proporcionar à cidade cursos técnicos e profissionalizantes, como o Centro Técnico de Educação Profissional (CETEP) e o Centro Vocacional Tecnológico (CVT). Outro destaque é a implantação de um campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na cidade. O que algumas moradoras chamam de “lenda urbana”, haja vista que isto nunca se efetivou. Contudo, é importante também refletir, caso um dia o campus venha, em como se dará a inserção dos moradores da cidade nestes espaços, se não observamos nenhum movimento a fim de mobilizar condições efetivas de participação social local, pois a educação de jovens e adultos não apresenta nenhum plano de trabalho que conte com a profissionalização.

No âmbito da saúde pública, a situação ainda continua precária. Não há hospital na cidade e nem atendimento de urgência ou emergência. Há uma Unidade de Pronto Atendimento-24 horas, programa instituído pelo governo estadual. As obras dos setores de emergência e ambulatório do que seria o Hospital Geral, funciona o Centro de Tratamento de Hipertensão e Diabetes (CETHID).

Apesar de sabermos que a construção social é um processo contínuo e, sob esta perspectiva, consideramos que ainda há uma longa trajetória para que a identidade queimadense se consolide, constatamos ainda que a cidade de Queimados possui um número relativamente pequeno de equipamentos culturais: apenas um teatro-escola com estrutura física boa, mas com graves problemas de manutenção e apenas uma biblioteca pública em fase de dinamização. Não há museus, cinema ou outros ambientes que desenvolvam o patrimônio da cidade. Muito além de significar o permanente deslocamento da população para municípios próximos, dotados de tais equipamentos, a ausência de espaços como museus ou centros culturais, por exemplo, deixa entrever, também, a ausência de uma perspectiva de educação como processo mais amplo de formação que vai para além dos muros da escola. É importante destacar também que o direito constitucional é mais uma vez sonegado, tendo em vista que a Constituição Federal preconiza o direito à cultura e ao lazer. A memória local, deste modo, acaba ficando sem um acervo oficial que garanta a História do seu povo, já que não há na cidade nenhum espaço governamental que abriga lugares de referência, onde os signos identitários sejam visualizados, revisitados e etc.

Neste panorama, podemos observar que os mais pobres ficam sempre relegados e que se confirma a análise de Jessé de Souza quando afirma que “tudo na realidade social é feito para que se esconda o principal: a produção de indivíduos diferencialmente aparelhados para a competição social desde seu nascimento” (Souza, 2009, p. 21).

De acordo com a pesquisa de Santos (2014), perceber a forma particular que um lugar como Queimados foi constituído; é ver o que a falta de investimentos que afeta a formação das pessoas, trabalha para reduzi-las, minimizando-as à condição de classe a ser explorada. Observar a História e dirigir a lupa para as políticas de educação e trabalho nesta cidade é não encontrar direcionamento que vislumbre a articulação entre os processos de organização do espaço e a possibilidade de formação humana, haja vista que nem mesmo esta história de constituição social e política da cidade faz parte do currículo da Educação de Jovens e Adultos e muito menos do currículo de formação continuada de seus trabalhadores docentes (SEMED, 2012). Entretanto, parafraseando Paulo Freire, não podemos deixar que o medo do difícil nos paralise, cabendo repensar o papel da Educação de Jovens e Adultos na cidade, ajustando a nossa lente para os movimentos coletivos que semeiam mudanças ao longo dos anos, o que será visto no desdobrar deste trabalho.

2.2 Queimados: “não importa a sua origem”

Não deixe que nada nem ninguém viole os direitos fundamentais para que você viva uma vida com dignidade.

(Beatriz Nascimento)

Com mais esse fragmento do hino municipal, somos compungidas a voltar nosso olhar para a questão na qual este estudo se propõe: possibilidades de luta e de transformação social do território pela leitura e pela escrita de mulheres negras e pobres.

A vida dos moradores de Queimados mudou se comparada às famílias que, nas décadas passadas, deram origem à cidade quando um grande número de migrantes, principalmente das regiões norte e nordeste, veio para trabalhar nas lavouras de laranja, café, cana e também ajudar na construção da estrada de ferro. O sentimento de pertencimento a este lugar foi evoluindo a partir do desenvolvimento do município, da construção de novas fábricas e das gerações que foram se formando com o nascimento das filhas e filhos que, por sua vez, já encontraram uma nova cidade, uma nova forma de viver, um novo ritmo de vida ditado pela atividade comercial que tomou conta das terras queimadenses. O crescimento socioeconômico, no entanto, não acompanhou o populacional, fato que levou os moradores a continuarem procurando trabalho e uma melhor formação escolar fora da cidade, ocasionando um grande movimento de ir e vir todos os dias para a cidade do Rio de Janeiro e para municípios vizinhos em busca de melhores oportunidades e de sobrevivência (Oliveira, 2004).

O universo escolar de Queimados contava com uma relação de 14 escolas municipais, de ensino fundamental, herdadas pelo município quando se emancipou de Nova Iguaçu, sendo que muitas delas se encontravam em total estado de abandono, chegando ao estado de ruína. Ao se analisar as falas do ex-prefeito Jorge Pereira, eleito pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), cujo período de governo foi 1993-1996, percebe-se que Nova Iguaçu não direcionava, investimentos suficientes para o seu antigo distrito e, em relação à Educação destinada a Jovens e Adultos as experiências eram restritas às escolas estaduais que ofereciam no noturno o chamado supletivo. Fora isso, nada acontecia na cidade a não ser movimentos realizados terreiros (colocar referência) e pelas igrejas evangélicas e católicas, destinados apenas à alfabetização (Martins, 2023).

A Prefeitura Municipal de Queimados, em 1999, através da sua Secretaria Municipal de Educação assinou uma parceria com o Colégio Bennett, que mediava o trabalho entre as

prefeituras e o governo federal, oferecendo o Programa Alfabetização Solidária (PAS), que no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso foi a principal ação direta da União para a área e apregoava “coordenar ações sociais de combate à pobreza”. O programa era executado por meio de parcerias entre os poderes públicos de instância federal e municipal, organizações da sociedade civil, instituições de ensino superior (públicas e privadas) e empresas. As atividades de alfabetização eram organizadas em módulos (com duração de seis meses) e este formato, proposto pelo PAS, previa a seleção e a “capacitação” de novos alfabetizadores. Cada parceiro tinha um papel bem definido na operacionalização do PAS, onde o acompanhamento do trabalho desenvolvido nos municípios, então, a seleção e capacitação de alfabetizadores, orientação do trabalho e acompanhamento das turmas cabia à Universidade Bennett; já ao município cabia garantir a infraestrutura (espaço, mobília etc.) onde o programa aconteceria. A empresa parceira, ao “adotar” municípios, passava a responder pelas despesas financeiras, tais como: remuneração dos alfabetizadores (sob a forma de bolsa), alimentação dos alfabetizandos etc. Desta forma, o Conselho do “Comunidade Solidária” ficava com a responsabilidade, por meio da coordenação executiva do PAS, de articular as entidades envolvidas e mobilizar novos parceiros (Santos, 2014).

É importante destacar o impacto do programa Alfabetização Solidária no que se refere à captação de recursos públicos, nas palavras da pesquisadora Lucia Neves os “programas de educação e desenvolvimento em 27 estados, dois mil municípios e nove regiões metropolitanas, contavam com grande número de agentes multiplicadores e estabeleciam significativas parcerias e articulações em rede” (Neves, 2005, p. 94).

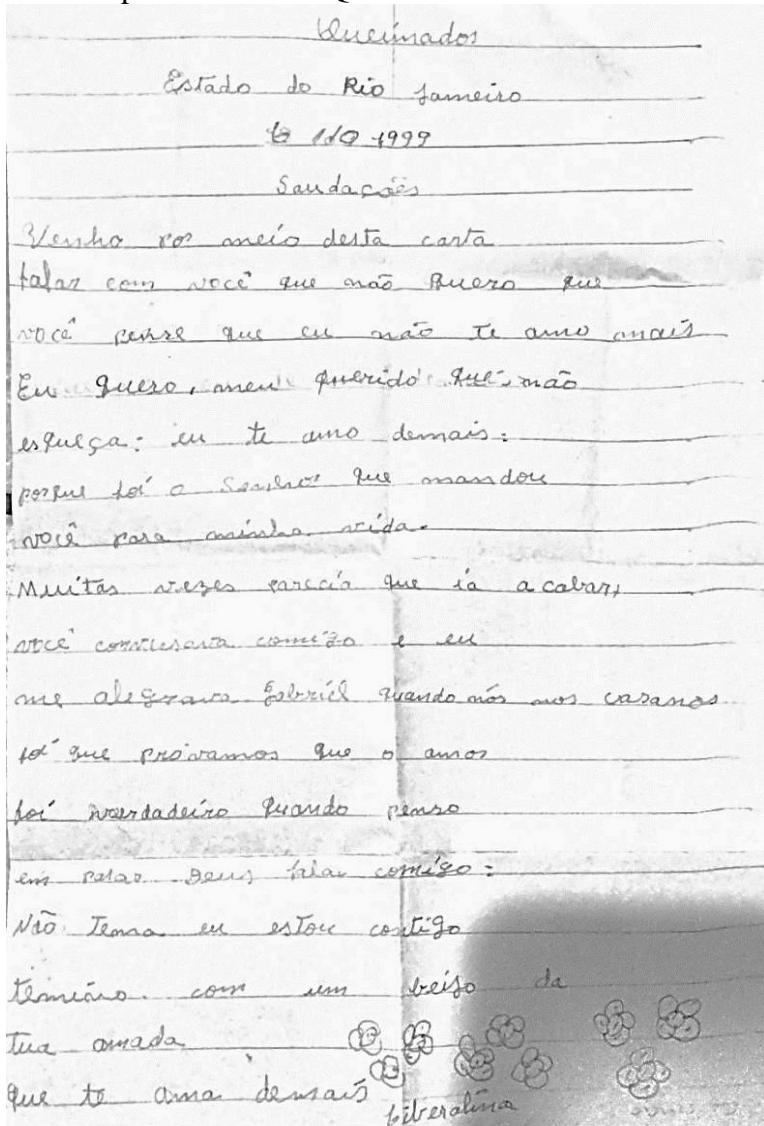
Observamos que a lógica da “solidariedade” mobiliza as pessoas e o poder público a cada dia ia se afastando do seu papel como garantidor da Educação. Afinal, é difícil discutir neste patamar quando de forma piegas se apela para valores, tais como: solidariedade, amor, caridade etc. Inclusive a História está repleta de exemplos de momentos em que muitos educadores foram agregados (e o são até hoje) em nome desta “contribuição” com a sociedade.

Em 2004, o Programa Alfabetização Solidária chegou a receber o mais importante prêmio internacional de alfabetização da UNESCO, o Prêmio Rei Sejong de Alfabetização. Segundo os avaliadores, o Programa foi escolhido por demonstrar uma surpreendente capacidade de mobilizar diferentes parceiros a fim de cooperar para que alunos jovens e adultos aprendessem a ler e escrever. O Alfasol, como o programa ficou conhecido, agregava especialmente o setor privado e os cidadãos, que eram envolvidos por campanhas inusitadas que solicitavam a “adoção” de analfabetos, com contribuição financeira. A organização recebeu, em 2004, o Prêmio da Rede Inovemos (Rede de Inovações Educacionais para a

América Latina e Caribe), que é uma das ações articuladas pelo OREALC (Escritório Regional para a América Latina e Caribe) da UNESCO (Santos, 2014).

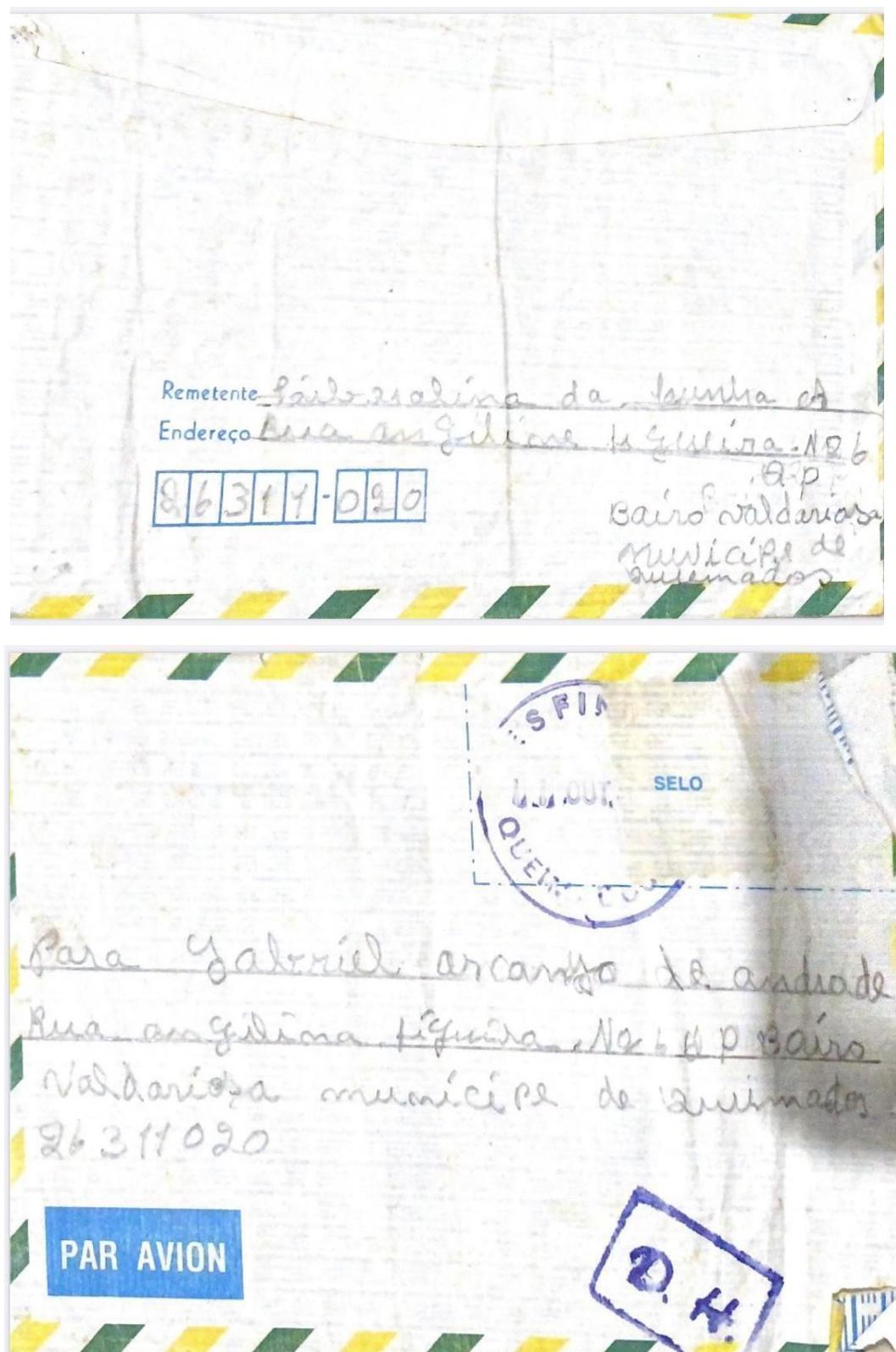
O município de Queimados, em 1999, desenvolveu o Programa Alfabetização Solidária formando dez turmas iniciais – tendo nove alocadas em escolas municipais e uma na igreja evangélica local. Os professores eram indicados pelos vereadores da comunidade local sendo, na maioria das vezes, recém-formados que tinham sido (eles próprios e familiares) cabos eleitorais dos vereadores eleitos. Ressalta-se que do quadro docente apenas eu não era indicada e estava concluindo a formação em Pedagogia, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os professores participavam de um grupo de Formação Continuada onde, além de adquirirem conhecimentos pertinentes, também organizaram o planejamento semanal e socializaram experiências (Santos, 2014).

Figura 2. Atividade feita pela aluna PAS Queimados: Estado do Rio de Janeiro 1999



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

Figura 3. Envelope: Ecos de outros Brasis



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

Legenda: Registro da atividade Ecos de outros Brasis, a partir do filme Central do Brasil, desenvolvida com a Dona Lina Cunha, minha mãe.

Por ocasião da pesquisa do mestrado na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio FIOCRUZ, Santos (2014) observa a sequência cronológica dos acontecimentos pertinentes ao campo da Educação em 2000, onde uma nova fase da Educação de Jovens e Adultos se desenha, pois a Prefeitura de Queimados, a fim de receber os alunos que saiam do Programa Alfabetização Solidária, atendia o que a mobilização popular exigia e instituiu em algumas escolas da rede municipal a alfabetização e os anos iniciais do ensino fundamental, e ainda que com muitas dificuldades, começou no município um embrião da proposta especial para a EJA. Segundo dados da própria SEMED a Educação de Jovens e Adultos no município de Queimados foi regulamentada no ano 2000 com os objetivos de:

- Modificar a situação educacional do município, oferecendo acesso a turmas de EJA àqueles que não tiveram oportunidade de frequentarem a escola na idade própria;
- Garantir o acesso e permanência dos alunos na escola;
- Resgatar valores sociais e culturais, possibilitando aos alunos a formação de cidadãos críticos e conscientes do seu papel social;
- Criar e propiciar situações que ampliem os conhecimentos de alunos e professores (SEMED, 2012, p. 3).

Os documentos que regiam a EJA na cidade correspondiam a uma Proposta Curricular e às diretrizes nacionais que preconizam que a Educação de Jovens e Adultos se desenvolva em um processo dialógico e democrático entre docentes que atuam na EJA e representantes da Secretaria de Educação. Sugeria também discussão coletiva em plenária, sempre que houver propostas de reformulação referida a esta modalidade. Segundo disposto no Ato nº. 32 da Secretaria Municipal de Educação na Resolução 01/2012 a Educação de Jovens e Adultos em Queimados está organizada em períodos letivos que têm equivalência com o Ensino Fundamental.

Quanto à avaliação das turmas da Educação de Jovens e Adultos no município de Queimados, encontra-se o seguinte registro nos documentos:

[...] é nosso objetivo organizar um processo para gerar alternativas de novas buscas e orientar ações que venham melhorar a competência do ato de aprender. Os alunos deverão ser envolvidos no processo avaliativo de forma participativa, sendo informadas as finalidades das tarefas solicitadas e negociados procedimentos, a fim de gerar autonomia, desenvolver o diálogo e promover a autoconfiança. A partir desse pressuposto a avaliação deverá ser concebida como emancipatória, mediadora, participativa, democrática, dialógica, construtivista, dentre outras designações.

Valorizando o respeito, a transparéncia, a liberdade de comunicação e a interação: avaliador e avaliando (SEMED, 2012, p. 5).

Desta forma, retomamos ao subtítulo deste capítulo e percebemos que, de acordo com as análises da pesquisa dialogando com os dados dos últimos resultados do atlas da desigualdade (acrescentar a referência de 2024), o fragmento do hino da cidade que o nomeia não corresponde à realidade, pois a origem importa sim. Percebemos uma educação para poucos.

3 UM COLETIVO LITERÁRIO NA CIDADE: “QUEIMADENSES, EIA AVANTE!

A Terra é o meu quilombo.
 Meu espaço é meu quilombo.
 Onde eu estou, eu estou.
 Quando eu estou, eu sou.

Beatriz Nascimento

A mestra vó Irene e o professor Paulo Freire nos ensinaram que as pessoas são capazes de se moverem na direção das possibilidades, de fazeres que reencontrem o sentido ontológico da natureza das pessoas. Ela e ele, sujeitos pronunciantes, mostram para todas nós que revisitar a História na perspectiva de romper a mera constatação dos fatos é ir além. Doravante, apesar de todo o panorama descrito até aqui, é preciso ser tomado por uma esperança, por uma crença de que é possível fazer algo. Contudo, essa esperança não é um cruzar de braços. Não é esperar. É mover-se. Os movimentos coletivos movem a cidade, criam outros fios na teia e saltam a esterilidade dos currículos e seus projetos de conformação (Freire, 1996).

Beatriz Nascimento convida-nos à reflexão quanto a ideia de um corpo que trabalha para guardar a memória e as sujeitas (os) do Coletivo Mulheres do Ler trazem esse corpo negro que se espelha entre si e se reconhece pelas diferenças e pelo movimento. Isto quer dizer que o corpo se desloca e carrega consigo o quilombo. No entanto, a autora também nos provoca a pensar sobre que assim como o “quilombo é onde estamos”, a senzala também pode estar onde estamos. É preciso se libertar “na cabeça” e no caminho. É na caminhada para a saída que nós nos fazemos livres. Para Beatriz Nascimento (2015),

Não podemos aceitar que a História do Negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa História, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os enganando. Só assim poderemos nos entender e fazer-nos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa História é outra como é outra nossa problemática (Nascimento, 2015, p. 52).

Aprendemos também com Beatriz Nascimento que um quilombo é uma história. Deste modo, tecemos esse trabalho com as palavras semeadas por essas mulheres desse quilombo chamado Mulheres do Ler. É fundamental compreender que o quilombo nos traz mais que a noção de um território geográfico. E o coletivo Semeando Sorrisos vem nesta perspectiva de

um lugar de abraço, um lugar onde mulheres possam se sentir mulheres; mulheres com direito a ocupar um espaço no país que moram (Nascimento, 2015). Precisamos trazer para fazer parte desta história mais uma vez a figura do sergipano Gabriel Arcanjo, conterrâneo de Beatriz. Pastor da igreja onde funcionava o projeto à época, este homem “germinado em chão preto e feminino”, aprendeu cedo o que era quilombo. O seu corpo em movimento saiu de Aracaju em 1967 e veio para Queimados ser educado pelas mulheres pretas, tecendo um comprometimento com as vulnerabilidades a partir de vivências e andanças. Educou a sua menina-poeta, que hoje escrevive um trabalho acadêmico junto com as outras Mulheres do Ler, a fim de que possamos afirmar tal qual Maria Beatriz do Nascimento (2006, p. 50) em seu poema Antirracismo:

Ninguém fará eu perder a ternura
 Como se os quatro besouros
 Geração da geração
 Vôo de garças seguro
 Ninguém fará
 Ninguém fará eu perder a doçura
 Seiva de palma, plasma de coco
 Pêndulo em extensão
 Em extensivo mar – aberto
 Cavala escamada, em leito de rio
 Ninguém me fará racista
 haste seca petrificada
 Sem veias, sem sangue quente
 Sem ritmo, de corpo, dura
 Jamais fará que em mim exista
 Câncer tão dilacerado

Maria Beatriz do Nascimento

O percurso da poeta Beatriz Nascimento também sofreu umas curvas viventes interessantes, bailando com a poesia, pesquisa e militância. Isto posto, descrevemos a trajetória do Coletivo Semeando Sorrisos na multiterritorialidade, ou seja, um olhar sobre a formação dos fios-gente que nos permita ver a contemporaneidade do pensamento da historiadora.

Dona Lina Cunha, que não teve a oportunidade de conhecer o conceito de quilombo lendo os estudos da pesquisadora e não experienciou a pesquisa de uma das maiores

historiadoras que o Sergipe nos frutificou ensinou desde pequena a sobreviver em coletivo, visto que as leitoras e leitores já tomaram conhecimento desse processo de formação, detalhadamente, acompanhando a leitura da apresentação deste trabalho. Minha outra Lina, a VitaLINA, sequer teve o direito de aprender a escrever o seu próprio nome:

Figura 4. Identidade Dona VitaLINA: avó da autora



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

Contudo, esta mulher que curiosamente nasceu na mesma data em que, anos depois, nasceria o seu conterrâneo e patrono da educação brasileira Paulo Freire, também compreendeu o sentido do quilombo e plantou no coração do seu vigésimo segundo filho uma semente poderosa que brotou com raízes tão profundas que arrebentou com os concretos racistas e misóginos que formavam muros para separar as mulheres negras de seus sonhos. Afinal, quem tece os fios desta tese é a sua neta, que se pretende doutora em educação, apresentando a trajetória de formação de coletivo de mulheres que ousaram ser do LER. Entretanto, não é possível fazê-lo sem antes fazermos a apresentação do Projeto Semeando Sorrisos, onde foi organizada a primeira turma de alfabetização de mulheres, por incentivo do pastor Gabriel Arcanjo, o filho da Dona VitaLINA, na Igreja do Evangelho Quadrangular do São Roque, na cidade de Queimados.

3.1 Semeando Sorrisos: um fio-semente que cria outros mundos possíveis

Esse projeto de aquilombamento, nasceu da constatação de que na comunidade religiosa na qual eu fazia parte desde 2004, muitas mulheres ainda não eram alfabetizadas. bell hooks, em seu livro *Ensinoando a transgredir: educação como prática de liberdade*, afirma que é um processo de aprendizado romper com o sistema de dominação. Ser livre é um caminho que exige consciência. Quando nos damos conta do projeto no qual estamos inseridas e como a esfera do feminino encontra na sociedade, na escrita, seja acadêmica ou literária, um espaço de subalternização e reprodução de imagens estereotipadas, insurgimos (hooks, 2017).

Nos capítulos anteriores, já falamos das características socioeconômicas do território que sofre com as vulnerabilidades causadas pelo processo histórico que exclui pobres, especialmente se esses pobres são mulheres e negras. Era preciso criar uma ação que contribuísse para a mudança desta realidade, pois a escrita não podia continuar funcionando como um mecanismo de manutenção de poder, como afirma Djamila Ribeiro (2019).

Os encontros de alfabetização de mulheres aconteciam às quartas-feiras nos fundos da igreja, em mesas e cadeiras improvisadas, o que mudou logo depois quando recebemos doações de carteiras universitárias, cedidas pela professora Aline Santos, diretora da Creche Iracema Garcia. Considero importante afirmar que já contávamos com inúmeras parceiras ao longo de décadas de trabalho nas comunidades da cidade e as mulheres negras sempre sendo a maioria nesta teia de ajuda mútua. É como Lélia Gonzalez já escreveu sobre a mulher negra, em *Festas Populares no Brasil*, único livro publicado exclusivamente por ela como autora: “taí, mais firme que nunca, trabalhando como sempre e, como sempre, muito cheia de axé” (Gonzalez, 2024, p. 35).

O Coletivo Semeando Sorrisos desenvolvia, a princípio, atendimentos na perspectiva de autocuidado: maquiagem, cabelo, turbantes, tranças, roda de terapia comunitária integrativa, bazar solidário, dentre outros. Tudo isso com a parceria de algumas mulheres voluntárias, dentre elas psicólogas e pedagogas das regiões próximas. Logo depois, passa-se a organizar rodas de conversas, a fim de analisar criticamente a situação da violência contra mulheres na cidade e perceber como a experiência compartilhada entre elas as fortalecia mutuamente, bem como o desdobramento no território.

Assim, outras mulheres em processo de letramento literário se aproximaram do grupo. Começamos uma turma para diálogos diversos sobre autoconhecimento, letramento racial, feminismo negro e diversos temas que emergiam das conversas mensais.

Conceição Evaristo diz que quando escrevemos fazemos uma espécie de vingança. Entretanto, ela também diz que escrever é incomodar. É criar linhas-golpe que produzem algumas dores na cabeça daqueles que se constituíram poderosos. É fazer também com que aqueles que são privilegiados e ainda tem ações constantes e recorrentes impregnadas pela colonização orquestrada pela casa-grande, pensem em como as nossas irmãs e irmãos estão vivendo. Pensamos que não há condições de dizer-se antirracista, fazendo escrevivência etc, se em seu trabalho, seja na educação básica ou na academia não se percebe explicitamente a preocupação com a condição Evaristo (2020) salienta.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: ‘a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos’ (Evaristo, 2020, p. 30).

Assim, com essa escrita que incomodava, a partir dos encontros alguns temas foram surgindo, tais como: empoderamento feminino, cidadania, violência doméstica, trabalho, afroafetos, territorialidade, racismo, dentre outros. A cada mês uma nova mulher se aproximava das rodas de conversa, tendo em vista a reflexão que alguma participante levava para o seu local de trabalho, estudo e vivência. Isto nos remete a bell hooks quando diz que “quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes” (hooks, 2020, p. 118). A força do amor hokkeano é o que fortalecia a movimentação dessas mulheres e que começara a abrir uma reflexão sobre o quanto seria importante que as escrevivências delas fossem publicadas.

Salientamos que o movimento de teia se dava exatamente pela maneira com que os fios-mulheres chegavam. Ainda que não pré-determinado metodologicamente, acontecia uma abordagem denominada bola de neve, onde a participante trazia uma outra participante (Martins, 2020). Desta maneira, o grupo crescia a cada mês com a chegada, por exemplo, da mãe de uma aluna, a babalorixá de outra, a vizinha daquela. Vivenciamos ali o que bell hooks (2019) chamou de uma realidade coletiva.

A politização do eu pode ter como ponto de partida um desbravamento do pessoal no qual o que é revolucionado é, primeiro, a maneira como pensamos sobre o eu. Para começar a reformulação, devemos reconhecer a necessidade de examinar o eu a partir de um ponto de vista novo e crítico. Tal perspectiva insistiria no eu como um lugar para a politização e, do mesmo modo, insistiria que simplesmente descrever a experiência de exploração e opressão não é tornar-se politizado. Não é suficiente conhecer o pessoal, mas sim conhecê-lo e falar dele de uma maneira diferente. Conhecer o pessoal significaria nomear espaços de ignorância, lacunas no conhecimento, lacunas que tornam incapazes de vincular o pessoal com o político (hooks, 2019, p. 223).

3.2 “Bellas, recatadas e do lar?” Um fio-conversa que provoca Mulheres do Ler

O processo de desconstrução da ideologia que privilegia os homens brancos e insiste em marcar um lugar de subalternização para as mulheres negras, a discussão proposta pelas “mulheres que leem” se fortalecia e, em meio ao isolamento social provocado pela pandemia, surge um movimento de rodas de conversas virtuais através das redes sociais e outras plataformas, objetivando propor um diálogo sobre o fortalecimento das ações em rede e a desmistificação do que é o lugar da mulher na escrita, sobretudo da mulher negra que sempre foi tomada como servil.

Conceição Evaristo afirma que “escrevivência possa ser também um operador teórico para se pensar em uma nova escrita da história da literatura brasileira” (Evaristo, 2023, p. 47). Ao considerar que

A sociedade atual precisa e deve debater coletivamente sobre o racismo em todas as esferas, conhecer suas consequências e trabalhar de maneira sistemática e profunda na construção de uma comunidade antirracista. Essa é uma tarefa árdua, que exige um permanente movimento de se reinventar e montar novas estratégias de enfrentamento. Djamila Ribeiro (2019) em “Pequeno Manual Antirracista” nos sinaliza que o racismo é estrutural, é um sistema de opressão que nega direitos e cria desigualdades latentes e profundas no nosso povo. Compreender e agir contra esses elementos é algo fundamental e urgente (Cunha; Fumero, 2020, p. 64).

Ainda segundo Djamila Ribeiro (2019, p. 75), em “Lugar de fala”: “os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias”. Justifica-se, portanto, a nossa escolha teórico-metodológica, pois na obra de Conceição Evaristo observamos a história das crianças, jovens, idosas, gays negros que dialogam constantemente com as vidas ficcionais enraizadas na realidade e relidas pela escritora com um olhar sensível e técnico ao mesmo tempo que vai reposicionando as mulheres.

É oportuno retomarmos o trecho da entrevista que Conceição Evaristo concede ao editor Vagner Amaro:

E eu vou repetir o que eu disse mais ou menos em Paris, por ocasião do Salão do Livro, em que participei no ano passado e também já afirmei para a Revista Raça. É esperado que a mulher negra saiba cozinar, cuidar de uma casa, cuidar de criança enquanto babá...espera-se também que ela seja boa de cama, que ela saiba dançar e cantar, mas que ela saiba escrever, ainda é um imaginário que não compõe o pensamento brasileiro (Evaristo, 2023, p. 48).

Na perspectiva de refletirmos neste trabalho sobre a saída da mulher desse lugar de subalternidade, trazemos para o diálogo a autora Grada Kilomba, quando em Memórias da plantação – episódios do racismo cotidiano, caracteriza o lugar da mulher negra no jogo da alteridade:

A mulher negra só pode ser o outro, e nunca a si mesma. [...] Mulheres brancas têm um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro (Kilomba, 2019, p. 124).

Pensar esse lugar de protagonismo da mulher com e pela escrita é o caminho construído por esse grupo de mulheres, questionando a agenda política que visa sonegar da população mais vulnerável o direito à palavra, perpetuando as vozes da Casa Grande. Todavia, as obras de Evaristo e demais autoras elencadas neste trabalho podem auxiliar à formação de um novo olhar que abrace a ideia de um novo lugar. Este lugar não é o lar que alguns preconizam como representação da subserviência e de um modelo de mulher respeitável. Portanto, as práticas desenvolvidas pelas Mulheres do Ler que iremos conhecer no próximo capítulo indicarão algumas possibilidades, contudo, não perderemos de vista o que bell hooks (2017) alerta:

Para que o movimento feminista revitalizado tenha um impacto transformador sobre mulheres, a criação de um contexto em que possamos entabular diálogos críticos e abertos umas às outras, onde possamos debater e discutir sem medo de entrar em colapso emocional, onde possamos ouvir e conhecer umas às outras nas diferenças e complexidades das nossas experiências a criação de um tal contexto é essencial. O movimento feminista coletivo não poderá avançar se esse passo não for dado. Quando criarmos esse espaço feminino onde pudermos valorizar a diferença e a complexidade, a irmandade feminina baseada na solidariedade política vai passar a existir (hooks, 2017, p. 149).

Das inúmeras atividades que o Projeto Semeando Sorrisos desenvolveu as mulheres, destacamos duas: o Cinafro e o encontro das princesas, devido a centralidade dos objetivos ser a construção de uma autoimagem positiva entre as participantes. O Cinafro tinha como objetivo pensar sobre a negritude com todas os seus potenciais. Abaixo o registro da Sessão *O menino que descobriu o vento*, seguido do debate sobre as descobertas científicas de pesquisadores negros e negras, bem como toda a contribuição cultural e na construção do Brasil e do mundo.

Figura 5. Vanda Cristina e Lina Cunha na Sessão: O menino que descobriu o vento



Fonte: @coletivosemeandosorrisos.bxd

Quanto ao desenvolvimento do Encontro das Princesas bimestral organizado bimestralmente pelas Mulheres do Ler, a atividade vinha de encontro ao trabalho que se propunha contribuir com a desmistificação da figura das princesas. Princesas brancas produzidas pelo sistema patriarcal e costumeiramente veiculadas nas mídias diversas ao longo da História, a fim de construir no imaginário social de quem era “a bela”. Quanto ao recatamento, a figura das princesas sempre estava atrelada àquelas com gestos modestos e que davam a ideia de “pessoas educadas”. É importante destacar um movimento que promove o empoderamento das mulheres e, especialmente, das mulheres negras. bell hooks (2020) nos ensina a transgredir quando diz

Se mulheres querem uma revolução feminista-nosso mundo está gritando por uma revolução feminista, devemos, então assumir a responsabilidade de unir as mulheres em solidariedade política. Isso significa que devemos assumir responsabilidade por eliminar todas as forças que separam mulheres. Racismo é uma dessas forças. Mulheres, todas as mulheres, são responsáveis pelo racismo continuar a nos separar. Nossa disposição para assumir a responsabilidade por eliminar o racismo não precisa surgir de sentimentos de culpa, responsabilidade moral, vitimização ou fúria. Pode brotar de um sincero desejo de sororidade e a percepção pessoal e intelectual de que racismo entre mulheres enfraquece o potencial radicalismo do feminismo. Pode brotar de nosso conhecimento que racismo é um obstáculo em nosso caminho e deve ser removido (hooks, 2020, p. 248-249).

O Encontro das Princesas organizado na periferia de Queimados, apresentava-se como uma possibilidade de conhecer a realeza da mulher negra, a História de rainhas e princesas que, ainda que tomadas à força, trouxeram de todos os países de África a beleza de toda a sua

intelectualidade. A atividade era organizada com tapete vermelho para que as participantes passassem após oficina de turbantes, tranças, danças, música e projeção de imagens ancestrais de poder. Investigar as vidas de homens e mulheres em escravização é bem complexo. A fragmentação dos dados impõe o cruzamento de outras fontes para criar uma imagem positiva da nossa negritude, pois o apagamento é um projeto que deu certo por muito tempo. É um exercício significativo apresentar a nossa ancestralidade a partir da herança da nobreza africana.

Como já foi amplamente desenvolvido ao longo deste trabalho, o Coletivo começou a ser desenvolvido durante a crise pandêmica mundial do coronavírus, na qual a principal medida para a diminuição da curva de contaminação foi o isolamento social. Contudo, para além do desencorajamento daquele que deveria ser a principal figura de poder, o Presidente da República Federativa do Brasil em 2019, também houve ironia à doença e à humanidade dos patriotas, cidadãos brasileiros e brasileiras que perderam as suas vidas. Com pesar, precisamos afirmar que os líderes religiosos que presidião a sede da instituição onde era desenvolvido o Coletivo Mulheres do Ler (COMLER) se aliançaram ao governo genocida e, lamentavelmente, soltaram o documento oficial que determinava a abertura das igrejas e a normalização das atividades. O Coletivo, fiel a sua ideologia progressista, não retomou as atividades presenciais e pediu desligamento, perdendo consequentemente a sua sala e sofrendo também a represália comum nos tempos de ódio. Contudo, as sujeitas deste trabalho são fios de amor hookeano e continuam tecendo uma teia que ensinava comunidade e parte desta trajetória foi registrada no informativo Radar Saúde Favela covid-19 da Fiocruz.¹³

¹³ Disponível em <https://radarsaudefavela.com.br/mulheres-do-ler-porque-as-nossas-escrevivencias-importam/>

Figura 6. Convite para o IV Seminário étnico-racial 2022



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

Por conseguinte, como também já podemos ver nas linhas tecidas na tese, o cumprimento da quarentena foi um momento efervescente de arte e cultura, onde foram potencializadas as formas de comunicação remota do Coletivo e, através das redes sociais, construiu-se um espaço potente formação e socialização, como afirma a professora doutora Neuza Oliveira (2023).

No início do isolamento, houve uma pressa para matrículas em cursos online, para aprender novos hobbies, vídeos de yoga e lives de música - aos montes, artistas começaram a fazer videoconferências ao vivo nas redes sociais para cantar suas canções, às vezes com produções elaboradas, às vezes na simplicidade de suas casas na presença de um instrumento e da câmera do celular (Oliveira, 2023, p. 102).

3.3 Criar teia é exercício: os fios-mulheres formam a teia dos livros Mulheres do Ler

A participação da mulher negra na luta para construir outra História sempre aconteceu. Podemos citar desde a atuação das mulheres escravizadas na compra das alforrias até a criação dos primeiros coletivos autônomos de mulheres negras no Brasil em 1979, por exemplo. É importante estarmos aqui em 2024 escrevendo um trabalho que é fruto de fios tecidos pelas mãos de muitas mulheres há décadas e décadas atrás. Não podemos sucumbir ao fatalismo frente a renhida luta por direitos, afinal:

Tecer é uma arte
 Criar teia é um exercício
 Uma linha aqui
 Outra ali

Tecer é uma arte
 Criar teia é paciência
 Um movimento
 Um coletivo

 Um
 Um
 Um
 Teia não é pra hoje

Trabalho coletivo é uma arte
 Criar teia é cansativo
 Eu
 Tu
 Um
 Mais
 Um
 Teia não é pra amanhã¹⁴.

Doravante, os versos que nascem desta revisita à teia de luta de mulheres no Brasil, pretendemos que nos auxiliem no entrelaçar de fios com as mulheres do Coletivo Mulheres do Ler, a fim de percebermos como eles nos contam sobre uma esperança, sobre como a “nossa visão do amanhã é mais vigorosa quando emerge das circunstâncias concretas de mudança que vivenciamos agora” (hooks, 2021a, p. 48). As mulheres do agora são alicerces importantes para estruturação do pensamento antirracista. Muito se ouve sobre a célebre afirmativa da filósofa feminista americana Angela Davis quando menciona o que o movimento de mulheres negras é capaz de provocar. Davis nos convoca a uma reflexão, mais que isso, ela conclama à

¹⁴ Minhas escrevivências pensando sobre o trabalho com as mulheres ainda em 2019 é registrado no livro Coração em Palavras.

responsabilidade de não permitir que apaguem os resultados que isto traz à sociedade: abalos estruturais. Muito se tem falado também sobre as estruturas do racismo e isso é importante no estudo que propomos até aqui, no sentido de que a pirâmide social está alicerçada nessas mulheres negras. Sendo assim, desestabilizando essa estrutura misógina e racista, balançamos a base acachapante do capitalismo. Vejamos:

O feminismo negro emergiu como um esforço teórico e prático de demonstrar que raça, gênero e classe são inseparáveis nos contextos sociais em que vivemos. Na época do seu surgimento, com frequência pedia-se às mulheres negras que escolhessem o que era mais importante, o movimento negro ou o movimento de mulheres. A resposta era que a questão estava errada. O mais adequado seria como compreender as intersecções e as interconexões entre os dois movimentos (Davis, 2018, p. 21).

De acordo com a análise realizada até aqui, o projeto de alfabetização Mulheres do Ler não foi apenas mais um fio desta teia tecida pelas queimadenses; configurou-se em um conjunto de ações de letramento literário que, via práticas de leitura de textos da escritora mineira Conceição Evaristo, desenvolveu potencialidades epistemológicas, compreendendo a possibilidade de reunir os textos literários que denunciassem racismo, misoginia, classismos e outros ismos indicativos de exclusão. Todavia, interessa-nos em demasia perceber os anúncios a partir desse processo. Considerando que escrever pressupõe um respeito à dinâmica própria de cada sujeita da escrita, criando um ambiente favorável (e isto não se refere apenas a espaço físico), um espaço onde ela se auto inscreva, em um movimento que historicamente transgrida a ideia de um lugar ocupado pela cultura das elites. Escrever, para essas mulheres, adquire um sentido de insubordinação (Evaristo, 2007).

Figura 7. II Encontro virtual Mulheres do Ler 2020



Fonte: arquivo COMLER, 2020.

Figura 8. Mulheres do ler e artesãs Andréia Araújo e Isabel Almeida: conclusão da formação pelo SEBRAE



Fonte: arquivo COMLER, 2024.

Conceição Evaristo e bell hooks dialogam com as Mulheres do Ler quando utilizam as palavras insubordinação e transgressão, pois rasuram uma História que deseja nos mostrar que há uma classe social eleita. Como diria Jessé de Souza (2020) o resto é ralé brasileira. Uma ralé que não foi escolhida como produtora de conhecimento, uma espécie de gente que não marcou o seu tempo, pois é relegada à condição de coadjuvante da sua própria vida. Roubaram a autoria das mulheres e, em especial, das mulheres negras. Os livros e demais materiais aos quais as alunas que tiveram experiências escolares anteriores acessaram, quando mostravam as mulheres, a apresentavam como alguém subalternizada e marcada pelo estereótipo de “Mulher do Lar”.

Conceição Evaristo (2017b) afirma que em sua casa sempre esteve rodeada de palavras, porém não de livros. A desigualdade social nos explica o porquê desta afirmativa. bell hooks, em seu livro *Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade*, afirma que é um processo de aprendizado romper com o sistema de dominação. Ser livre é um caminho que exige consciência. Quando nos damos conta do projeto no qual estamos inseridas e como a esfera do feminino encontra na sociedade, na escrita, seja acadêmica ou literária, um espaço de subalternização e reprodução de imagens estereotipadas, insurgimos (hooks, 2017).

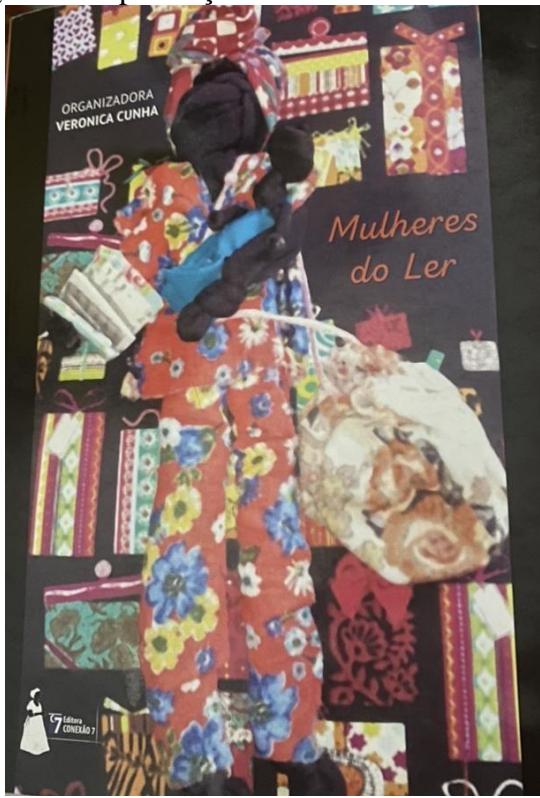
Apresentarei o processo de construção de suas escritas iniciado na turma de alfabetização e letramento ou no decorrer dos anos de atividades com as demais. Haja vista o desdobramento deste processo em cinco volumes na série homônima *Mulheres do ler*, utilizamos como critério para a escolha, mulheres que tenham histórico com a Educação de Jovens e Adultos, seja como aluna ou educadora, elas também dialogam conosco na perspectiva de apresentar o movimento vivido e anunciar possíveis teias que nos ajudem a não morrer (Evaristo, 2018). Outrossim,

A ideia era conhecer, debater e potencializar ações que fossem relevantes nas suas localidades, disseminar a poesia como instrumento de troca de sentimentos, valorização da cultura afro-brasileira, além de impulsionar estratégias de resistência e de novas formas de posicionamento na sociedade. Essas mulheres, como grupo, mostram que as pessoas que se unem por uma causa e estabelecem direcionamentos no seu meio social. Isto é, [...] é relevante perceber e acompanhar a constituição de um coletivo de mulheres negras, que tem como objetivo comum a implementação de uma sociedade com direitos mais igualitários, que grupos ainda classificados como minoritários alcancem visibilidade e assumam mudanças nesse estado de coisas. Faz-se necessário que nos comprometamos com um ato de ler e escrever vinculado a uma forma de se inscrever no mundo (Rocha; Vinolo, 2023, p. 143).

Portanto, reunimos 26 mulheres que foram convidadas ao desafio de reunir os escritos e organizar uma coletânea chamada *Mulheres do Ler*, honrando o nome da turma inicial e trazendo a provocação de que agora elas ocupam muitos outros espaços e um deles é a escrita.

A pergunta instigadora do volume 1 foi “Que mulher sou eu? ”, tendo como inspiração a afirmativa da escritora Carolina Maria de Jesus (2015, 36-37) “[...] quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”. Desejávamos discutir com as mulheres e ouvi-las sobre como se sentiam na condição de mulher na sociedade. Quais os paradoxos com que viviam, afinal essa era a mesma Carolina que afirmava que “modificaria o mundo”. Fazemos eco nesse grito-escrita e percebemos que há muitas Carolinas no que tange a inquietação e não imobilismo frente às dificuldades postas pelas injustiças sociais a que são submetidas essas mulheres todos os dias em busca da sobrevivência. Faz-se necessário que educadores e educadoras se comprometam com um ato de ler e escrever vinculado a uma forma de se inscrever no mundo, de se emocionarem com a leitura, com o conhecimento delas mesmas e a reconstrução de um novo mundo possível e necessário.

Figura 9. Capa Edição I do livro *Mulheres do Ler*



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

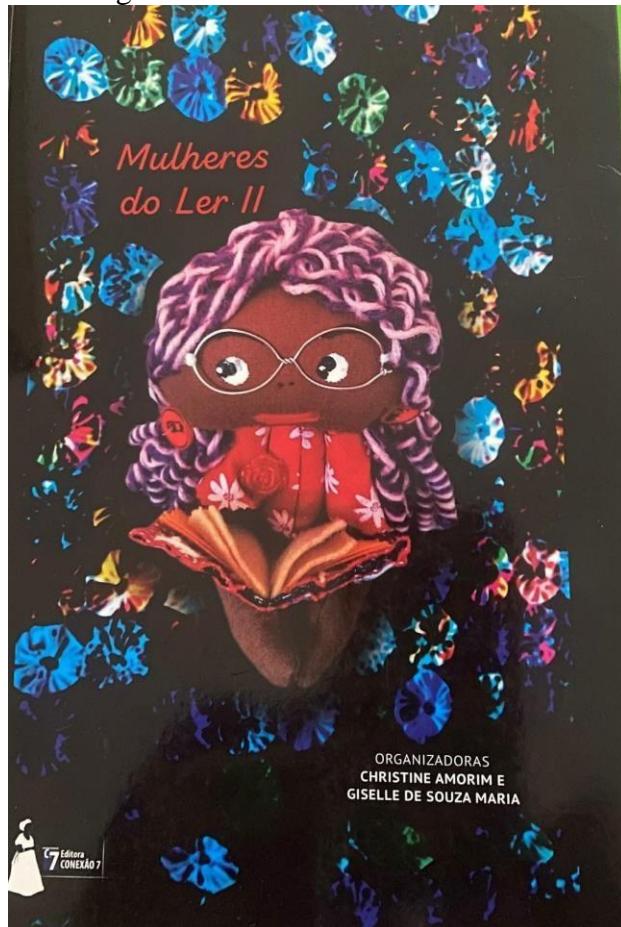
É importante destacar o assombro que as mulheres demonstraram ao serem convidadas para a publicação do livro, afinal:

Eu vou repetir o que eu disse mais ou menos em Paris, por ocasião do Salão do Livro, em que participei no ano passado e também já afirmei para a Revista Raça. É esperado que a mulher negra saiba cozinhar, cuidar de uma casa, cuidar de criança enquanto babá... espera-se também que ela seja boa de cama, que ela saiba dançar e cantar, mas que ela saiba escrever, ainda é um imaginário que não compõe o pensamento brasileiro (Evaristo, 2023, p. 48).

Entretanto, em meio à alegria de se tornar uma escritora, os planos de lançamento do livro com festa e muitos abraços, surge o anúncio da pandemia de covid-19 e somos todas confinadas, devido ao decreto de isolamento social, por ocasião da pandemia da covid-19. As mulheres começaram a tomar conhecimento de como utilizar as ferramentas virtuais e, com a ajuda de filhas (os) e netas (os), criaram as redes sociais do grupo. Dentro de uma dessas reuniões remotas, imbuídas mais do que nunca do que o mestre Paulo Freire nos ensinou sobre ESPERANÇAR, surge a ideia de implementar mais robustez às quartas de afroafetos e, então, elas são ressignificadas e passam a ser ilhas de amorosidade em um tempo tão sombrio e de tantas incertezas. As mulheres do Coletivo passam a se encontrar regularmente nas *lives* do Instagram, desdobrando conversas já iniciadas no grupo de *WhatsApp* e recebendo convidadas para falar da sua experiência de autoria dentro do coletivo.

Em um entrelaçamento de fios de esperança, não aquele de esperar acontecer, mas sim aquele que traz uma esperança propulsora de ações transformadoras, as mulheres começam um movimento tão cheio de boniteza que as poesias e contos são chamamentos para a luta, no sentido de mostrar que acreditamos umas nas outras e fazemos acontecer. Fala-se pela primeira vez em Coletivo. Elas não se entendem mais apenas como um grupo que foi convidado para escrever um livro. Compreendem o ato político que estão construindo e desejam ampliar a discussão, promovendo um novo livro. Assim, decidem que o pensador brasileiro a ser estudado para a próxima edição seria Paulo Freire e a pergunta-motivadora é “O que te faz esperançar?”

Figura 10. Livro Mulheres do Ler II



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

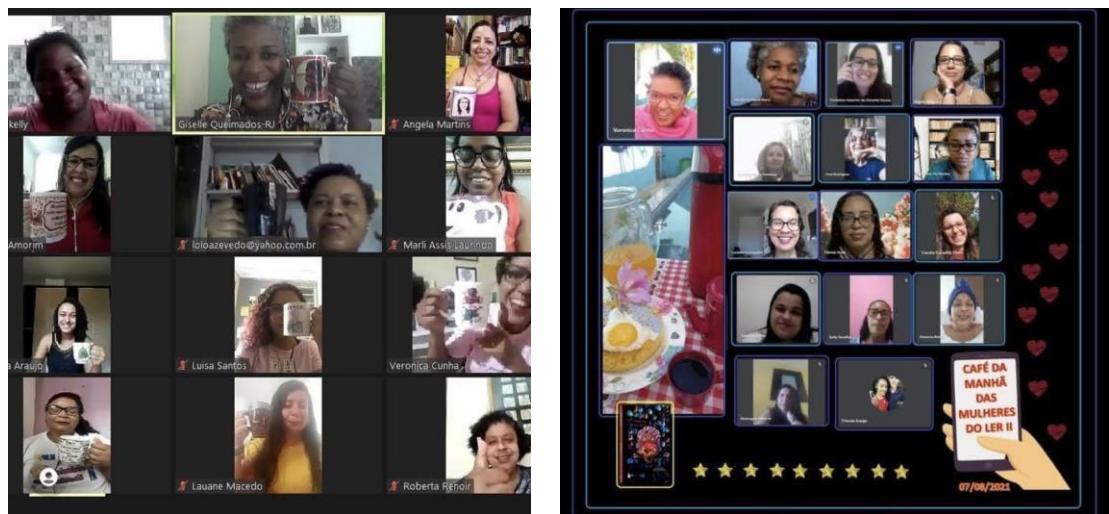
Em um período complexo onde o desgoverno permitiu que inúmeras vítimas fossem levadas pelo vírus, mais uma vez a História nos mostra que:

A esperança é, então, necessidade ou exigência ontológica dos seres humanos. Mas, por outro lado, na medida mesma em que, seres históricos, mulheres e homens se tornaram seres de relações com o mundo e com os outros e não de contatos com o suporte, sua natureza histórica se acha condicionada à possibilidade de concretizar-se ou não. Não há sinal nem fado em nada a que se remeta a natureza humana como em nada nela anunciado. A esperança na libertação não significa já a libertação. É preciso lutar por ela, dentro de condições historicamente favoráveis. Se estas não existem, temos de pelejar esperançosamente para criá-las, viabilizando, assim, a libertação(...). Por isso que quanto mais submetido e menos possa sonhar com a liberdade mais além dos limites que lhe são impostos poderá homem e mulher, grupos ou classe social enfrentar os desafios que os esmagam (Freire, 2020, p. 50-51).

Nesta perspectiva freireana, as Mulheres do Ler seguiram o seu trabalho. Apoiando umas às outras não apenas intelectualmente, mas também produzindo condições materiais para que muitas delas conseguissem sobreviver com as suas famílias, haja vista que algumas delas eram autônomas ou desempregadas e, devido ao isolamento, não poderiam ganhar os seus salários e sustentar a si mesmas e os familiares sob a sua responsabilidade. Foram organizadas

inúmeras atividades junto ao Coletivo Semeando Sorrisos e outros parceiros da cidade de Queimados e outras cidades do Rio de Janeiro, a fim de apoiar essas mulheres. Vendas *online*, entrega de comida, rifas, vaquinhas solidárias, foram ações recorrentes entre elas. Outro dado relevante deste movimento de aquilombamento foi a assistência emocional a partir da parceria com profissionais da saúde mental local, bem como da assistência social; que entregava alternadamente o que as sujeitas do Coletivo chamavam de “mimos”.

Figura 11. Cafés literários virtuais do COMLER



Fonte: Arquivo COMLER

Figura 12. Lançamento Mulheres do Ler



Fonte: arquivo COMLER

bell hooks (2021a) nos ajuda na compreensão deste movimento quando diz:

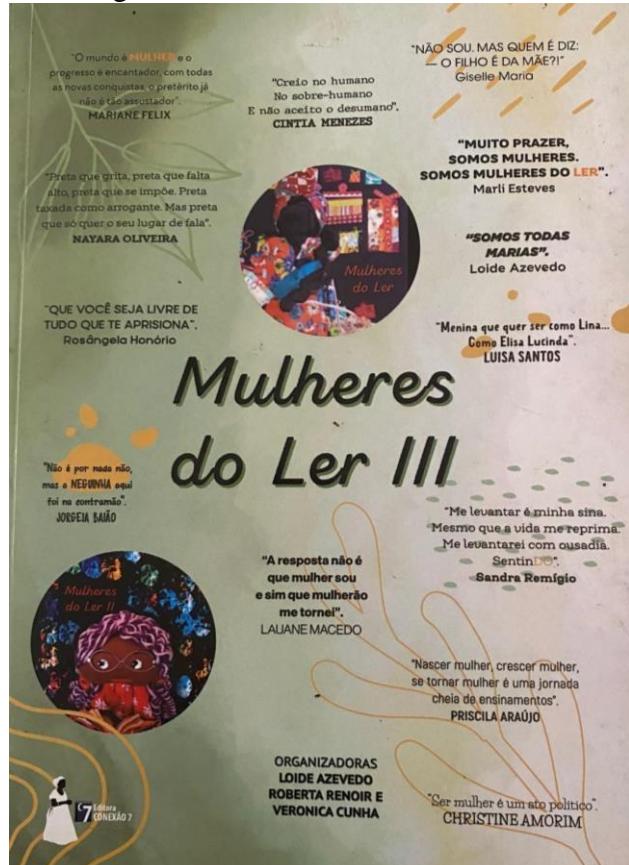
A disposição para se sacrificar é uma dimensão necessária da prática do amor e da vida em comunidade. Nenhuma de nós pode ter tudo do jeito como queremos o tempo todo. Abrir mão de alguma coisa é uma maneira de sustentar um compromisso com o bem-estar coletivo. Nossa disposição de fazer sacrifícios reflete nossa consciência da interdependência. Ao escrever sobre a necessidade de diminuir o abismo entre ricos e pobres, Martin Luther King Jr. pregou: “Todos os homens [e mulheres] estão envolvidos em uma rede inescapável de mutualismo, unidos em uma mesma vestimenta do destino. O que afeta um indiretamente afeta todos os outros”. Esse abismo é reduzido pelo compartilhamento de recursos. Todos os dias, indivíduos que não são ricos, mas que são privilegiados materialmente, fazem a escolha de compartilhar com os outros. Alguns de nós fazem isso por meio do dízimo consciente (doando regularmente uma parte de nossos ganhos); outros, por meio de uma prática diária de bondade amorosa, dando para os necessitados com quem nos encontramos ao acaso. Doar mutuamente fortalece a comunidade (hooks, 2021a, p. 174).

Após toda a discussão e caminhos percorridos com o estudo das obras de bell hooks, em especial o livro *Tudo sobre o amor*, acordou-se que ela seria a homenageada do ano de 2022. A proposta defendida é que cada mulher entrevistasse uma outra mulher negra e perguntasse para ela como o amor existe em sua vida e como ele a encoraja nas ações, se fez diferença em sua trajetória. A análise sobre o amor na visão hookeana, que o define como um conjunto de

cuidados e não uma abstração, foi fundamental para o crescimento do Coletivo enquanto fortalecimento de vínculos (hooks, 2022).

Mulheres do Ler III: “Amar é um ato de coragem” foi lançado no teatro Delcy e reuniu 46 autoras. Foi o primeiro lançamento presencial, tendo em vista que todo o trabalho ainda estava acontecendo virtualmente devido a pandemia. É extremamente relevante um lançamento na cidade de Queimados, haja vista o panorama apresentado ao longo desta pesquisa. Uma periferia que consegue lotar um auditório, em mais um dia caótico de enchentes na cidade do Rio de Janeiro dá um recado importante: As mulheres leem, as mulheres escrevem e as mulheres são lidas. Afinal, foram mais de 200 livros distribuídos com a ajuda da Lei Aldir Blanc, movimento de conquista para a cultura da e na periferia, em especial.

Figura 13. Livro Mulheres do Ler III



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

No ano de 2023, a autora escolhida foi a filósofa Lélia Gonzalez. Após três anos de trabalho, foi decidido reconhecer a importância de uma intelectual como Lélia Gonzalez, considerada uma das principais autoras nos estudos e debates sobre o feminismo negro no Brasil e uma referência nos estudos e debates interseccionais, que trazem para o centro da discussão gênero, raça e classe por todo mundo. Importante também, em especial, o conceito do

pretuguês, mas não como uma pseudo linguagem. A coordenação colegiada considerou fundamental que as sujeitas do Coletivo conhecessem o poder de uma professora que esteve à frente do seu tempo, rompendo paradigmas e nos ajudando a compreender os nossos falares e, consequentemente, “escreveres”.

Assim como no jeito de falar, Lélia usava e abusava da economia linguística em seus artigos: pra (para), tava (estava), tamos(estamos), cumé (como é). Utilizava expressões como a gente em vez de nós. Encontramos muitas gírias em seus escritos. Várias delas eram relativas a grupos jovens e passaram a ter uso mais geral: papo (conversa), sacar (compreender), mancada (falta), lance (situação). Algumas têm muitos sentidos: “esses baratos todos”, “o barato da ideologia do esbranquiçamento”, “deve negro assimilar e reproduzir tudo que é eurobranco? Ou só transar o que é afronegro? Ou somar os dois? Ou ter uma visão crítica de ambos? ” Nem é preciso dizer que não era “recomendado” que uma acadêmica de renome se expressasse dessa maneira com tanta frequência (Ratts, 2010, p. 73).

A quebra de paradigmas estigmatizantes é um grande momento para as escrevientes do Coletivo. O desafio que as Mulheres do Ler assumiram dessa vez foi pensar: quais “as faces de Lélia em mim? ”, a partir de um período de formação e discussão sobre a obra. A riqueza do trabalho de Lélia, como ativista do Movimento Negro, cofundadora do Movimento Negro Unificado (MNU), do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e do o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga, dentre tantas outras frentes, pode ajudar as mulheres a refletirem sobre o legado da antropóloga e, sobretudo, olharem para as suas próprias vidas e escolhas na organização das escrevivências.

Consideramos um trabalho extremamente urgente, pois como dizia a própria Lélia Gonzalez ainda em 1988 e não superado, é preciso escancarar o “racismo disfarçado” em que vivemos:

Racialmente estratificadas, dispensaram formas abertas de segregação, uma vez que as hierarquias garantem a superioridade dos brancos enquanto grupo dominante (Da Matta, 1984). A expressão do humorista Millôr Fernandes, ao afirmar que “no Brasil não existe racismo porque o negro reconhece o seu lugar”, sintetiza o que acabamos de expor (Gonzales, 1988). Por isso mesmo, a afirmação de que todos são iguais perante a lei, assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades. O racismo latinoamericano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação (Gonzalez, 1988, p. 73).

Desse modo, o livro Mulheres do ler IV: “As faces de Lélia em mim” reuniu 56 autoras e foi lançado no Teatro-Escola da cidade de Queimados e em uma grande festa com a presença de muitas mulheres, inclusive ex-alunas de Lélia, que marcaram a luta feminista negra. Destacamos a participação de Lenny Blue, militante do movimento negro e cofundadora do MNU e de tantas outras se empoderando pelo conhecimento da sua negritude.

É bem como diz a professora doutora Lílian do Carmo Cunha:

Quando “uma neguinha” atinge a compreensão de ser uma mulher negra, todos os significados se reconstroem. As violências, negações, subjetivações, subalternizações impostas ao longo da sua vida se transformam em uma espécie de mola propulsora para a projeção de outras formas de ser ver, agir, falar, se vestir. Nós só conseguimos nos livrar do “lugar social de uma neguinha” quando compreendemos que somos parte significativa e majoritária da sociedade e se conseguimos nos deslocar, por mais que as estruturas não se rompam, elas se desorganizam e se abalam. Nos destinar a um lugar social é uma tentativa de nos confundir em nossas identidades e nos prender a uma imagem do passado. Nos entendendo como mulheres negras, aprendemos a nomear processos e ressignificar nossas feridas, não às esquecendo, mas compreendendo que estas não são nossas, e sim marcas projetadas pelos “outros” (Cunha, 2023, p. 101).

Figura 14. Livro “As faces de Lélia em mim”



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

No final do ano de 2023, surge a proposta de fazer um livro de cartas para a escritora Conceição Evaristo. Ela seria a grande homenageada da edição V do livro Mulheres do Ler.

Nesta fase mais amadurecida do Coletivo e com a chegada de novas integrantes, considerou-se que seria importante fechar o ciclo de cinco anos de trabalho, revisitando o primeiro livro lido pelas mulheres ainda na época da turma de alfabetização e letramento: *Olhos D'água*. Foram organizadas, assim como nas outras edições, encontros formativos a fim de as sujeitas do Coletivo pudessem conhecer melhor o conceito de escrevivência e mais obras da escritora Conceição Evaristo.

O gênero carta foi escolhido devido ao caráter de pessoalidade e complexidade que ele imprime. O desejo de escrever cartas também se movimenta na perspectiva de reencontrar e dialogar com as propostas de final de curso de alguns projetos de educação de jovens e adultos dos quais temos conhecimento no Brasil. É uma tentativa de ressignificar a carta e retirá-la deste lugar de comprovação “de programa bem-sucedido”. É deslocar-se. É sair desse lugar de prestação de contas para um lugar de comunicação e não é uma comunicação formatada, é uma maneira de produzir conhecimento e nos afastar da pretensa objetividade científica. A teia de nossas experiências pessoais, carregadas de tantas linhas de outras mulheres negras; como já vimos ao longo do trabalho, se entrelaça com corpo negras vivas e causa fendas estruturais nas relações onde uns podem mais e outros podem menos ou quase nada.

Através de sua coordenação colegiada, o COMLER havia entrado em contato com a assessoria da escritora Conceição Evaristo, a fim de convidá-la para prefaciar o livro, mas ela não conseguiu atender o pedido devido a intensa organização de sua agenda de agosto. Entretanto, ao tomar conhecimento através da rede social do Programa de Pós-Graduação de Ensino Básico em Educação Básica CAP/UERJ que a escritora estaria conferindo a aula aberta de encerramento da disciplina Práticas PSI: oralidades e subjetividades na Universidade Federal Fluminense, oferecida pelas professoras Jonê Baião e Luiza Oliveira, as mulheres do Coletivo se organizaram, alugaram um transporte alternativo e participaram do evento, inclusive tendo a oportunidade de entregar o livro *Cartas para Conceição Evaristo: Mulheres do ler V* nas mãos da homenageada. Uma das organizadoras, Isabel Cristina Almeida, fez um discurso emocionado contando sobre a sua trajetória de empregada doméstica a escritora com as Mulheres do Ler, afirmando que aquele era um dia histórico para todo Coletivo, podendo ouvir de Conceição a resposta:

Eu acho que isso tudo comprova que a escrevivência não é uma escrita narcísica. O nosso espelho é um espelho que está aí para várias mulheres e para várias pessoas. E quanto a você chorar no trem [...] e aí a escrita como forma de sangramento, eu falo que a escrita é um modo de sangrar. Às vezes as pessoas falam pra mim: A gente só faz escrevivência daquilo que a gente viveu? Só se eu fosse uma pessoa com várias personalidades. O que eu tenho dito sobre escrevivência na área de literatura é que, por exemplo, como você está em *Becos da Memória*; nada do que está escrito em

Becos das Memória é verdade e nada do que está escrito em Becos da Memória é mentira. Então as pessoas escolhem aí em que campo elas querem se situar. Mas, toda a minha escrita, o sumo, o local da minha observação, o local da minha escrita é a vida e não precisa ser a minha vida, na particularizada, mas é a vida das pessoas. E que pessoas são essas? São pessoas que por várias instituições estão cruzando a minha vida através das experiências, seja na crítica literária, seja no processo criativo da literatura, é basada, está contaminada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. Se você chorou no trem, não precisa ficar com vergonha, tá? [...] há cenas que eu também escrevo chorando.¹⁵

Figura 15. Mulher do ler Isabel Cristina representando o COMLER na UFF-Niterói



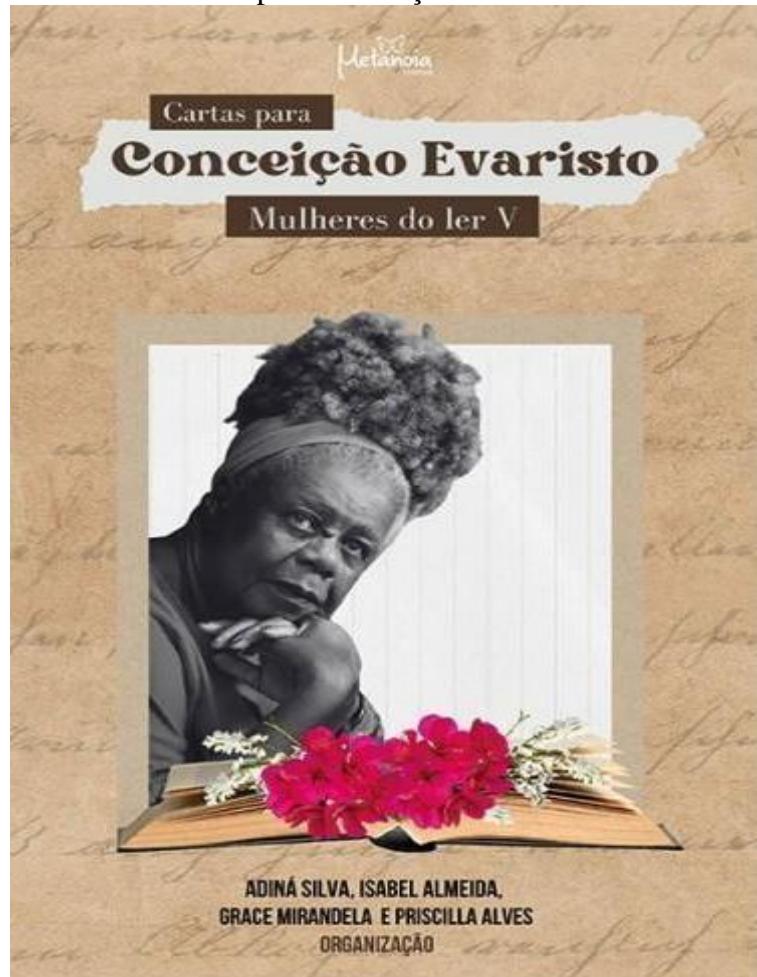
Fonte: @mulheresdoler

Como disse a professora doutora Fernanda Felisberto da Silva, na cerimônia de lançamento do livro Mulheres do ler V: cartas para Conceição Evaristo, que floresceu o Teatro Sesc Nova Iguaçu reunindo mulheres de diversas partes do Rio de Janeiro presencialmente e tantas outras dos estados do Brasil e da Suíça, por meio da transmissão *online*: “É preciso construir novas latitudes teóricas como uma reparação epistemológica e uma verdadeira revolução”.¹⁶

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/wyzTV8y8AD0?si=rk8XTQHU5fjFs3Oo>

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C-NulrpJZB2DFtr0hjaUb1t2xuIBgm1WM56jMg0/?igsh=MWkwbTVvbml3dTVxNA==>

Figura 16. Livro Cartas para Conceição Evaristo: Mulheres do ler V



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

O capítulo que veremos a seguir, lança-se sobre o desafio de perceber nos fios-texto do Coletivo Mulheres do Ler quais são as teias criadas na perspectiva transgressora de transformação com e pela escrita de mulheres negras na cidade de Queimados, sem desconsiderar toda a trajetória de vários movimentos que pavimentaram o caminho na cidade de Queimados, tais como o Grupo Afro Cultural 20 de novembro, onde atuaram mulheres muito importantes na luta, tais como: Maria Elvira de Oliveira, professora aposentada da rede estadual e do Colégio Militar do Rio de Janeiro, hoje, membra do COMLER (Oliveira, 2023).

4 “MUITO PRAZER, SOMOS MULHERES DO LER”: A TEIA

Assim, em meio a silêncio e conservadorismos, esse conjunto de textos coloca nova luz em novas formas de produção científica, localizada nos saberes de mulheres negras. Conhecimentos ligados à memória, oralidade, histórias, trajetórias familiares e demais narrativas das classes trabalhadoras, desqualificadas pela *mainstream*.

(Giovana Xavier)

Apesar de tecermos conversas com o Coletivo Mulheres do Ler durante toda a tese, escolhemos como fios para a teia de diálogos deste capítulo, quatro mulheres. O critério utilizado para a escolha perpassou pela autodeclaração de negritude, a atuação delas como alunas ou profissionais na educação de jovens e adultos e, para além disso, utilizou-se o critério de ser moradora da cidade de Queimados ou atuante em algum espaço formativo local, tendo um entrelaçamento com a minha vida durante a jornada de tessitura de luta por uma educação como prática de liberdade.

É importante destacar que utilizaremos o nome próprio de cada autora, pois a escolha metodológica permite-nos tal decisão. Consideramos que é relevante dialogarmos com a autoria e com a emancipação que o nome próprio imprime no texto. Não faz sentido defender uma tese que afirma a escrevivência, a autoria negra como possibilidade de transformação social, deixando-as no anonimato. Ressaltamos que cada mulher ao enviar o seu texto para ser submetido ao colegiado do Coletivo, a cada ano de chamada para publicação, recebe o edital onde consta as regras para o trabalho e deixa explicitado que o texto, caso aceito, estará disponível para pesquisa e, acordando, a autora assina o termo de consentimento.

Para além dos protocolos formais e necessários de uma pesquisa, é relevante afirmar que a cada trabalho desenvolvido dentro do Coletivo, consolida-se a importância de uma trajetória transformadora entre as autoras que o integram. Em um país construído com bases colonialistas é importante “ter o que dizer”. As mulheres não são mais objetos de pesquisa, elas se veem como participantes. Escrevem junto com a pesquisadora que também se vê como copartícipe e não como aquela que vê de fora. Não é um exercício fácil porque fomos treinados para uma pseudoneutralidade na pesquisa e, para além disto, também somos confrontadas

ininterruptamente pelos ecos do racismo que não nos deixa ouvir a voz da nossa intelectualidade e da nossa sensibilidade para criar caminhos epistemológicos escurecidos.¹⁷

4.1 Eu escrevivo: fio-Veronica Cunha

Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia.

Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução.

Eu escrevo o meu diário.

(Carolina Maria de Jesus)

Ainda que estivesse desenvolvendo um trabalho com mulheres negras há anos, era como se a minha caminhada acadêmica fosse uma e a trajetória de militância na cidade fosse outra. Apenas quando comecei a participar da Associação de Pesquisadores Negros (ABPN), (o que recomendamos expressamente a toda pessoa negra pesquisadora) e participei do primeiro COPENE nacional, remotamente na pandemia, os meus olhos se abriram para a falsa dicotomia que o academicismo branco impunha a minha escrita-vida. Contudo, ainda assim, quando submeti o meu projeto de pesquisa, utilizava um referencial teórico que não contemplava aquilo que realmente eu gostaria de fazer no doutoramento.

É como já nos provocava a professora doutora Lilian do Carmo Cunha (2023), quando afirma que não poderia se conformar com o uso de sua fala para validar pesquisas da branquitude e apagar a sua narrativa, permanecendo no lugar de objeto. Para a Dra. Lilian, precisamos romper com as abordagens teóricas que nos colocam nesse lugar e caminhar em direção ao deslocamento do lugar de objeto para o lugar de sujeita, autora da própria história. Para os autores decoloniais este movimento de se colocar na contramão dos padrões de racionalidade ocidental presente na academia e do mesmo modo compreender a nossa identidade como uma identidade social e política, está dentro da perspectiva da desobediência epistêmica (Mignolo, 2008, p. 13).

Lembro como se fosse hoje e é como se pudesse ouvir a voz do Dr. Renato Pontes, à época professor substituto da UFRRJ dizendo: “Coloca as mulheres negras nesse projeto! Cadê as mulheres negras, Veronica? Traz a mulherada pra cá! ” De imediato não compreendi. Mas

¹⁷ O termo ‘escurecidos’ é uma ação ideológica contra o racismo na língua. Usamos o termo na construção linguística, a fim de contrapor como algo bem explicado, comumente chamado de esCLARcido.

pensei bastante e decidi mergulhar nas leituras e lembro do meu companheiro ficar assustado com cada livro que chegava à casa.

Lembro também de uma fala do Professor Gustavo Fischman, por ocasião da aula remota da disciplina optativa Pesquisa e Mobilização do Conhecimento em Educação de Educação de Jovens e Adultos, oferecida em parceria com a minha orientadora Professora Doutora Sandra Sales: “você já leu tudo isso que está aí atrás na estante que vejo ao fundo? ” Eu sorri e disse sim. Ele replica: “Então, agora escreva! Escreva, menina! ” Não obstante o que essa afirmação me causou vinda de um homem branco argentino e que atua no EUA, ainda na correção de um dos meus trabalhos da disciplina, o professor Gustavo sugere que a questão da minha pesquisa já estava posta: A transgressão das mulheres negras. Eu escrevia sobre As Mulheres do Ler. Em outro ponto do trabalho afirmei, o que Chimamanda Ngozi Adiche (2019) já havia nos ensinado, que a história não poderia ser única. No que o professor Fishman me provocou: “é única por quê? ” Prontamente respondi: “porque é racista, classista e patriarcal”. Ele riu e disse que eu devia confiar naquilo que desejava fazer. Afinal, segundo ele, eu já sabia o que fazer.

bell hooks (2020, p. 189) nos ajuda a compreender a importância desses diálogos quando afirma que “escutar não significa simplesmente ouvir outras vozes quando elas falam conosco, mas aprender a ouvir a voz de nosso próprio coração, assim como a nossa voz interior”. E eu trago essa trajetória a fim de sinalizar o quanto o racismo marca a vida da gente. Não importa o quanto caminhemos, sempre estamos com aquela dúvida plantada pela construção do “nossa lugar” na escrita, especialmente nos relacionando com homens brancos. Contudo, bell hooks vem nos ajudar mais uma vez quando nos convoca dizendo que

Somente quando confrontarmos as realidades de sexo, raça e classe, as maneiras como nos dividem e nos opõem, e trabalharmos para reconciliar e resolver esses problemas, é que seremos capazes de participar da realização da revolução feminista, da transformação do mundo. Imerso no comprometimento com a revolução feminista está o desafio de amar. O amor pode ser e é uma importante fonte de empoderamento quando lutamos para confrontar questões de sexo, raça e classe. Ao trabalhar juntos para identificar e enfrentar nossas diferenças — enfrentar as maneiras como dominamos e somos dominados — e transformar nossas ações, precisamos de uma força de mediação que nos apoie para que não nos quebremos no processo, não nos desesperemos. Mulheres e homens precisam saber o que está do outro lado da dor experimentada na politização. Precisamos de relatos detalhados sobre como nossas vidas são mais plenas e ricas quando mudamos e crescemos politicamente, quando aprendemos a viver cada momento como feministas comprometidas, como companheiras trabalhando para acabar com a dominação. Ao redefinir e reformular estratégias para o futuro movimento feminista, precisamos nos concentrar na politização do amor, não somente no contexto de falar sobre vitimização em relacionamentos íntimos, mas em uma discussão crítica, na qual o amor é compreendido como uma força poderosa que desafia e resiste à dominação. Quando trabalhamos para sermos amados, para criar uma cultura que celebra a vida, que torna

o amor possível, nós nos movemos contra a desumanização, contra a dominação (hooks, 2019, p. 69).

Preciso retomar a nossa caminhada hookeana, pois “quando penso no que escrever, sempre trabalho a partir do lugar da experiência concreta, escrevendo sobre o que acontecia na minha vida e na vida das mulheres e homens que me rodeiam (hooks, 2019, p. 9). O meu saudoso pai branco, nordestino e pobre foi o primeiro professor em minha vida e com ele aprendi, além de inúmeras outras coisas, a dialogar com homens brancos na luta antirracista

Portanto, sim. Eu já sabia o que fazer: escreveria junto com as minhas irmãs do inhame.

Escrever é ‘dominar o mundo’, conclui Clarice. Não tenho a experiência de domínio algum. A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência (Evaristo, 2020, p. 34).

Trago também para a teia da minha escrevivência, o encerramento da disciplina “oralidades e práticas PSI” ofertada pelas professoras Jonê Baião e Luiza Oliveira na Universidade Federal Fluminense, onde consegui enxergar em um momento de profunda dor que, mais uma vez, a escrita vinha ao meu encontro para que eu “tivesse alguma coisa”. Finalmente, o grande dia: a presença de Conceição Evaristo na aula de encerramento. Na ocasião a colega doutoranda Lilian do Carmo faz a denúncia-questão: “como podemos evitar que nossas produções, nossas epistemologias continuem sendo usurpadas pela branquitude, “ressignificadas” à luz de teorias que objetivam o apagamento da intelectualidade negra? ” Evaristo responde: “Escrevam! Continuem produzindo nossas escrevivências! ”

Figura 17. Mulheres do Ler no CIEP 341 de Formação de Professores - Queimados



Fonte: @mulheresdoler

Obedecemos. Veremos aqui as escrevivências dos fios-mulheres do ler na teia do Coletivo, pois ainda que ainda continuemos no enfrentamento às bases do pensamento ocidental, eurocêntrico, somos capazes de escrever o mundo e a nós mesmos por outras penas. Lélia entrou na luta de várias formas e uma delas foi no campo discursivo. A antropóloga faz um trabalho comprometido e corajoso ao utilizar a linguagem para criticar contundentemente um sistema que sempre fez com que nós, mulheres negras, tivéssemos os nossos “falares” cerceados. Lélia já ousadamente colocava luz à importância de um pensamento que considerasse as interseccionalidades e assinalasse o nosso conhecimento produzido ao longo da história:

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação da psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o ato de falar com todas as implicações. Exatamente por que temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque que falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (Gonzalez, 2018, p. 193, **grifos meus**).

Assumimos a nossa fala. O lixo vai falar de novo. Quantas vezes quiser e for preciso. Não temos, tal qual Conceição Evaristo, a pretensão de “dominar o mundo”. Mostrar que estamos vivas e escrevendo já nos faz transgressoras e transformadoras de mundos. Convidarei quatro escrevientes do/no Coletivo Mulheres do Ler para dialogarem conosco na perspectiva

de transgressão em bell hooks e da transformação social em Lélia Gonzalez. Escreviveremos com as mulheres do ler a partir da leitura dos textos produzidos por elas e que compõem os livros *Mulheres do Ler de I a V* e, após a visita às escrevivências dessas mulheres, trazemos quatro escrevientes com atuação na cidade de Queimados, negras, com idades entre 27 e 60 anos e que ainda atuem em atividades consideradas subalternizadas dentro do contexto de desigualdade social, perfil definido para esta pesquisa, para comporem a teia que buscamos tecer.

Visitamos também o IGTV do Coletivo, buscando mais elementos que nos ajudassem a compreender como as autoras desenvolveram o movimento com e pela escrita em suas vidas, tendo como categorias de análise os conceitos de escrevivência, transgressão e transformação social, em Conceição Evaristo, bell hooks e Lélia Gonzalez, respectivamente. São elas: Isabel Cristina, Maria Jussara Evaristo, Marli Esteves, e Vânia Cristina, mulheres que em algum momento tiveram os seus fios entrelaçados com os meus na teia da Educação de Jovens e Adultos, seja como alunas ou educadoras.

4.2 **Escrevivendo com o fio-Isabel Cristina Almeida**

Conheci Isabel Cristina em um trabalho social na cidade de Queimados há mais de 20 anos. Sempre admirei a garra da sua mãe, dela mesma e de suas filhas posteriormente, pois a reencontrei em uma escola municipal na qual eu era orientadora educacional. Mãe presente, sempre acabávamos conversando pelas ruas da cidade sobre as potências das meninas, mas sobre as vulnerabilidades da cidade de Queimados também. Isabel Cristina, ainda que encarando a “minhoca de metal”, como já dizia o Rappa¹⁸, sempre conseguia um tempo para participar das demandas que urgiam no território.

Isabel Cristina Almeida (2022) se apresenta em sua biografia para compor o livro *Cartas para Conceição Evaristo-Mulheres do Ler V*:

Sou uma mulher negra, cristã, casada, mãe de duas lindas filhas. Pedagoga, artesã, confeiteira, em constante transformação! Faço parte dos coletivos Semeando Sorrisos, Mulheres do Ler, Amor em Ação e Ciclo de Economia Solidária. Idealizadora do Projeto Oficinas IEQC, educação aberta para pessoas em situação de vulnerabilidade no município de Queimados, Baixada Fluminense RJ com o objetivo de desenvolvimento pessoal, resgate da autoestima, incentivo ao empreendedorismo e autonomia econômica e social (Almeida, 2022, p. 60).

¹⁸Disponível em: <https://www.letras.mus.br/o-rappa/79783>.

A escreviente, uma sujeita pronunciante como diria Freire, escreve com P maiúsculo a sua nova formação. Como vimos em sua fala ao encontrar pessoalmente a autora Conceição Evaristo, ainda é uma mulher que presta serviços de apoio às atividades domésticas. Contudo, a autora tem toda uma atuação comunitária no território, como também podemos observar na sua apresentação, bem como atua em várias frentes a fim de garantir a sua subsistência. Isabel Cristina Almeida afirma em sua carta que ao ler o Conto Olhos D'água lembrou de sua mãe, dos olhos de sua mãe. Conceição Evaristo afirma que a sua literatura “é um lugar onde as mulheres se sentem em casa”. E, neste caso, é uma casa que tem uma mãe negra também. Uma Maria trabalhadora, Aparecida, que não era de dizer que amava, mas demonstrava o seu cuidado, na comida, na mesa que preparava para o café (Almeida, 2023).

bell hooks nos ajuda nesta reflexão quando em seu livro Tudo sobre o amor diz que o amor é esse conjunto de cuidados. No entanto, como somos educadas em um sistema dominante que coloniza mentes, aprendemos desde cedo que o amor é aquela coisa do “comercial branco de margarina”¹⁹. Não aprendemos a identificar em nosso cotidiano o amor. Desta maneira, muitas de nós crescem sem perceber o quanto fomos amadas e protegidas por nossas mães. Eu mesma só me reconectei com a minha quando, a partir dos estudos de autoria negro-feminina tomei conhecimento da nossa herança afro-civilizatória. bell hooks (2021b, p. 67) afirma que “para desmistificar o significado do amor, da arte e da prática de amar, precisamos usar definições claras de amor”.

Isabel Cristina Almeida (2022) continua a sua escrevivência dizendo:

Eu cresci nos empregos da minha mãe. Ela trabalhava o dia todo [...] mesmo depois de grande aceitavam ela com uma filha, coisa de Deus. Ou mão de obra mesmo. Eu ficava no quartinho lendo, vendo TV. Depois passei a ajudar secando louças, recolhendo roupas e dobrando. Pequenos serviços. Eu digo que somos sobreviventes (Almeida, 2022, p. 206).

Conceição Evaristo dialoga com Isabel quando questiona o porquê da subalternização da mulher negra. Não se pode naturalizar que uma criança more em um quartinho e faça “pequenos serviços”. O que seria um serviço pequeno para uma criança? É um projeto de produção, como a própria Isabel afirma, de formação de mão-de-obra. Repare que Isabel se equilibra entre “coisa de Deus” e “mão-de-obra”, ao narrar a situação que os becos de sua memória trazem. Conceição tem esse poder e Isabel Cristina deixa isso bem explícito na carta. A doutrinação sobre um Deus que criou um *script* para negras e brancas escamoteia a

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/SaudadesDaMinhaEpoca/videos/comercial-margarina-qualy-1991/1217190942617230/>

desigualdade social e mais ainda o racismo. É uma forma perversa de conformação a fim de que as mulheres negras não transgridem. Não por acaso o nome que se convencionou dar ao trabalho domiciliar prestado de doméstico. Assim como as “Silvas” são selvagens, as empregadas são “domésticas”. Como não bastasse a violência da e na língua que não é imparcial e neutra, ainda se chama as casas de “casas de família”. Por acaso todas nós não temos família?

Outro dado que consideramos importante trazer para a nossa escrevivência é a afirmação de Isabel Cristina Almeida (2022, p. 206) quando diz: “e, sem palavras, ela deixava claro que eu daria conta de qualquer coisa que eu fizesse. Sempre tive isso claro: assuma as consequências! ”. As mães negras que precisam passar por todo esse negro drama²⁰, usavam uma pedagogia para educar as suas filhas. É uma responsabilização que navega entre a violência e a ousadia de passar para as meninas que “a noite não adormece nos olhos das mulheres” (Evaristo, 2017a, p. 26). Roubam a infância das meninas negras e constroem em seus imaginários a ideia de que a casa grande são os bairros nobres e a senzala o lugar onde moramos, como nos fricciona a personagem Maria Nova (Evaristo, 2017a).

Figura 18. Mulher do Ler Isabel Almeida recebendo, das mãos da Coordenadora de Igualdade Racial Gisele Maria, a Moção de Aplausos na Câmara Municipal de Vereadores de Queimados



Fonte: @mulheresdoler

²⁰Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/negro-drama.html>.

Entretanto, há transgressão. “O avesso do mesmo lugar” nos mostra isso quando Isabel nos conta: “eu tive duas mulheres de coragem na minha vida, minha mãe e minha tia Izabel. O nome delas era amor e o sobrenome coragem. Eu não seria o que sou hoje se não tivesse ao lado delas”. Um novo mundo possível foi e está sendo construído a partir do que Conceição Evaristo chama de não se desvincilar do corpo, um corpo negro marcado por todo o racismo sofrido, mas também e, sobretudo, por toda rede de amor que nos circunda. É muito importante percebermos nas linhas-vida das Mulheres do Ler e na autoria negro-feminina uma verdadeira ode às mulheres da família que nos sustentam e nos movem. Paulo Freire (2020) em seu livro *Educação como prática da liberdade* já nos dizia que amar é um ato de coragem.

Voltemos à carta de Isabel. Ela diz a Conceição: “eu estava responsável por comprar materiais para a formação do Coletivo Mulheres do Ler III”. Para nós mulheres negras, ainda que estejamos em um Coletivo que promova a formação pela via do empoderamento de autoria negra, é sempre muito difícil sair desse lugar de subalternidade. Não sabemos bem como lidar com a possibilidade de deslocamento de lugar e é um processo mais complexo a construção de outras rotas. É muito relevante percebermos o movimento de Isabel Cristina ao abrir o livro que era seu. Afinal, o fomento da lei Aldir Blanc foi concedido ao Coletivo Mulheres do Ler do qual Isabel faz parte. No entanto, como o livro Mulheres do Ler III, onde estaria a entrevista que ela concedeu, ainda não tinha sido publicado, pois ainda estávamos em fase de formação e organização, Isabel Cristina ainda não se sentia pertencente.

O processo de pertencimento é uma via progressiva e dolorida, por vezes. Por que ela quase que se desculpa por abrir o livro que ainda estava no prelo. A denúncia que é feita quando Isabel diz “Das séries iniciais ao ensino médio não fui apresentada a autoras negras” no fundamental e médio dialoga com o que já trouxemos ao longo desta pesquisa no que diz respeito ao epistemicídio doloso, quando há intenção de matar. É um projeto de extermínio de negras pelo conhecimento, é um sequestro de mentes. Quando apagam os nossos saberes nos colocam de novo em “navios negreiros”. Desta vez, somos alimentadas precariamente com livros embranquecidos e atividades impregnadas de mensagens desenhadas primorosamente para que compreendamos a nossa incapacidade. Não temos conhecimento, temos folclore. Não temos inteligência, temos força. E como ficamos, na melhor das hipóteses, oito anos de nossas vidas na escola, vamos “morrendo” aos poucos a cada dia. Não desejamos ter uma escrita desesperançosa, a esta altura da tese os nossos leitores e leitoras já foram capazes de perceber isto. Freire já nos dizia que “a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo

problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História" (Freire, 1996, p. 81).

Figura 19. Isabel Cristina no 1º Fórum Municipal de Artesãos de Queimados



Fonte:@mulheresdoler

Fazendo referência à Feira Literária de Nilópolis, onde as Mulheres do Ler foram participantes como autoras, Isabel escreve no Livro Cartas para Conceição: "ao lhe ver pessoalmente em 2023 na Flip Nilópolis senti uma grande emoção, ao ouvi-la declamar Olhos D'água me fez lembrar os olhos de minha mãe que pareciam que sempre estavam prontos para desaguar" (Almeida, 2022, p. 61). Isabel Cristina afirma que me senti revisitando "memórias que eu não sabia que tinha". Consideramos importante refletir neste momento sobre a representatividade para além da cor da pele. É um episteme. A mulher negra reconhece uma forjaria de conhecimentos, de modos de viver na escrevivência.

Isabel continua: "cada personagem me trazia a lembrança de uma tia, uma vizinha ou uma situação presenciada. Latas e baldes enfileirados na mina, o único lugar que gotejava água na favela e para onde todos se dirigiam para lavar vasilhas, roupas e até dar banho nas crianças. Isso eu vivi" (Almeida, 2022, p. 61). A obra literária de Conceição Evaristo se volta para uma nova forma de olhar as identidades, considerando as enunciações negras como denúncias de um "sono injusto", mas também traz o anúncio de que não é somente uma escrita sobre negras. É com elas que se escrevive.

Isabel ainda materializa esse movimento: “eu nunca li um livro que ilustrasse nossa vida com tantos detalhes. [...] Cada linha me prendia a atenção, mas fiz questão de não correr com a leitura, queria saborear como há muito tempo não tinha esse prazer” (Almeida, 2022, p. 61).

A menina ora “trancada no quarto”, conclui: “Casei, tive filhas maravilhosas e passados alguns anos, as filhas crescidas, voltei a estudar. A vida precisava de um novo rumo e, às voltas com artigos teóricos, um mundo novo, agora me tornara graduanda em pedagogia”. Deixou os “pequenos serviços” e está “às voltas com artigos teóricos”. Sim. É um mundo novo. Um mundo não tão novo assim para quem veio antes e pavimentou o caminho. Ele já existia naquelas que nos sonharam.

No decorrer da pesquisa, Isabel torna-se Pedagoga de direito, pois de fato ela já era há algum tempo ao trabalhar com as mulheres de sua comunidade e desenvolver um processo educativo emancipatório. Sentimos em sua escrita o que Lélia Gonzalez (2020, p. 243) chamou de um movimento político onde “a nossa etnia toma consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só deste país, como na de muitos outros das Américas”.

Mulheres negras, geradas na luta, se comprometem. É de uma boniteza indelével ler quando Isabel escreve: “eu precisava entender que educadora eu seria, precisava do termo escrevivência e compreender que sou capaz de escrever minha história. E o melhor, ser protagonista” (Almeida, 2022, p. 62).

Que educadora Isabel quer ser? Ela nos dá várias pistas ao longo do que não gostaríamos de chamar de análise na tese, mas de entrelaçamento de fios na grande teia da vida. Parece-nos que Isabel nos dá a pista-mor quando afirma que “precisava do termo escrevivência”. Compreendemos a sua assertiva quando Isabel rejeita o que Lélia Gonzalez chamou de “psicologia da jabuticaba”, não é preta por fora e branca por dentro, assumindo uma ascensão individualizante. Rejeita a ideia do “subir na vida” e a lavagem cerebral do branqueamento, ainda que tenha convivido anos e anos nas “casas de família”. Isabel Cristina de Almeida também tinha e teve família, uma rede de mulheres negras escrevientes que fizeram dela a organizadora da edição V de Mulheres do Ler e, como já apresentamos no capítulo anterior, representou o Coletivo Mulheres do Ler, entregando à própria escritora Conceição Evaristo um exemplar. Neste momento, olham-se nos olhos. As duas têm Olhos D’água.

Isabel Cristina de Almeida (2022) é uma escrevivente. É mais que uma sobrevivência como afirmou na carta. E diz:

Me pego como Maria Nova: impossível que tudo se acabe assim, pensou a menina. ‘É preciso, não sei como, arrumar uma nova vida para todos’. Depois de Becos da Memória, não parei mais de ler seus livros e também comecei a escrever. Nunca me disseram como uma menina que eu poderia ser escritora. Foi no Coletivo Mulheres do Ler que eu aprendi sobre Lélia Gonzalez, bell hooks, Carolina Maria de Jesus e sobre você, Conceição. E quem diria que um dia eu teria essa oportunidade de lhe escrever (Almeida, 2022, p. 62).

4.3 Escrevivendo com o fio-Vanda Cristina Damasceno

Vanda Cristina (2022, p. 115) apresenta-se assim na minibiografia no livro Mulheres do Ler V: Cartas para Conceição Evaristo: “meu nome é Vanda, nasci no estado do Rio de Janeiro. Tenho 8 filhos, sou casada, tenho 58 anos e sou moradora do município de Queimados, RJ. Faço parte do Coletivo Mulheres do Ler”.

É muito interessante ver a Vanda afirmar “faço parte do Coletivo Mulheres do Ler”. Ela ainda está se apropriando dos signos linguísticos e, mesmo que tenha se envolvido com a produção dos livros desde o primeiro volume, só agora na edição V e com a mediação solidária de Isabel Almeida, Vanda se encorajou na publicação da sua escrevivência. Lélia Gonzalez (2020, p. 103) já nos auxiliava na reflexão quando diz que “nesse sentido, o feminismo negro possui sua diferença específica em face do ocidental: a solidariedade, fundada numa experiência histórica comum”.

Figura 20. Neta e filha de Vanda Cristina na Oficina Belezinha Negra



Fonte: Rede Social Semeando Sorrisos no *Instagram*

A solidariedade também entrelaçou a minha vida com a vida da Vanda há alguns anos. Conheci primeiro a Jéssica, filha dela e do seu companheiro Luiz, dois sobreviventes neste mundo racista e transbordante de desigualdade social. Jéssica era atendida pelo Coletivo Semeando Sorrisos e foi uma criança alegre e participativa ainda que tivesse um problema de coração congênito e muitas vezes chegou ofegante à sede do projeto. Não conseguia respirar. Para além da debilidade de saúde, Jéssica e sua família não conseguiam respirar de várias outras maneiras. Muita gente não consegue respirar no Brasil e por todo mundo. O projeto de exterminar negros e negras foi muito bem construído e permanece eficaz no que tange à invisibilização da conquista de si.

Entre luzes e sons, só encontro o meu corpo antigo. Velho companheiro das ilusões de caçar a fera. Corpo de repente aprisionado pelo destino dos homens de fora. Corpo-mapa de um país longínquo que busca outras fronteiras que limitam a conquista de mim. Quilombo-mítico que me faça conteúdo das sombras das palmeiras. Contornos irrecuperáveis que minhas mãos tentam alcançar (Beatriz Nascimento no Filme *Orí*, 1989).

Na perspectiva de trabalhar para a diminuição das desigualdades sociais na cidade de Queimados, inicialmente o projeto atendia apenas crianças e adolescentes. Mas, quando conhecemos mulheres negras como Vanda, compreendemos que precisávamos fazer alguma coisa para elas e, sobretudo, com elas. Quando Jéssica veio a falecer, estávamos fazendo um atendimento domiciliar em sua residência e, sem dúvida alguma, foi uma das experiências mais intensas de toda a minha vida. O telefone tocou e era do hospital, pedindo pra levar roupas e documentos. Na periferia, entendemos na prática o que é coletivo e, imediatamente, surgiram crianças de todos os lados e o quintal, que já comportava 5 famílias, floresceu com boa parte dos atendidos e atendidas por nós nas ações semanais naquele bairro. Abraçamo-nos e acolhemo-nos. Não havia por hora outra coisa a fazer.

Quando, umas com as outras, compartilhamos formas de processar a dor e o luto, nós, mulheres negras, desafiamos os velhos mitos que nos fariam reprimir nossos sentimentos para parecermos ‘fortes’. Nós, mulheres negras, devemos nos perguntar individualmente: onde em nossa vida nós temos espaço para reconhecer nossa dor e expressar o luto? Se não podemos identificar esses espaços, então precisamos criá-los (hooks, 2023, p. 122-123).

Por conseguinte, as questões chamadas de práticas urgem. É quase sempre assim com os mais pobres. Desta maneira, os voluntários precisaram levar as roupas para que Jéssica fosse sepultada, após os trâmites do denominado “enterro social”. Levei as roupas da minha filha. A partir desse entrelaçamento doloroso e necessário, os anos se passaram e Vanda começou também a ajudar no projeto e se torna uma incansável colaboradora, atuando em todas as ações possíveis. Exímia cozinheira, iniciou a sua escrevivência colocando, como diria Rubem Alves,

seus saberes com sabor. Organizamos almoços comunitários e lá estava Vanda Cristina, toda sorridente com as suas panelas.

De fato, para muitas pessoas exploradas e oprimidas, a luta para criar uma identidade e nomear a própria realidade é um ato de resistência, pois o processo de dominação - seja a colonização imperialista, o racismo ou a opressão machista - tem nos esvaziado de nossa identidade, desvalorizado nossa linguagem, nossa cultura, nossa aparência (hooks, 2019, p. 226).

Ainda que não estejamos discutindo pelo invés da identidade, consideramos importante refletir com hooks, à medida que nos convida à reflexão sobre um processo de nomear a realidade e trata esse processo como um ato de resistência. O movimento pelo qual Vanda é constituída e constitui, traz em seu bojo uma teia complexa cujos fios são de apagamento. Começamos a compreender melhor isto quando nos aproximamos mais e percebemos o constrangimento de Vanda por não conseguir assinar os relatórios do projeto de voluntariado quando terminava uma ação. “Sempre faltava-lhe um óculos”. Nasce assim a primeira turma de alfabetização do Semeando Sorrisos, pois havia outras “Vandas” voluntárias que estavam conosco no Semeando Sorrisos. Rosana Ferreira²¹ foi uma das primeiras e Dona Maria Edeuzuíta foi uma das primeiras alunas. Esse processo, posteriormente, daria início ao Coletivo Mulheres do Ler.

Figura 21. Vanda Cristina na aula de Alfabetização da igreja



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

²¹ Rosana Ferreira, professora da rede municipal de ensino, foi a primeira voluntária do Projeto Semeando Sorrisos na comunidade.

Na carta escrita com o auxílio de Isabel Cristina, Vanda Cristina (2022, p. 115) diz: “comecei a trabalhar com 9 anos para ajudar meus pais, minha mãe pegava todo meu dinheiro, né”. É importante ressaltar que não podemos romantizar a maternidade negra. São inúmeras as violências sofridas pelas Vandas do Brasil e seria realmente surpreendente se elas não reproduzem isto. Contudo, Vanda Cristina (2022, p. 115), essa mulher “que trabalha de segunda a segunda” afirma que “e em vista do que era antes, hoje sou bem mais feliz”. O que nos faz equilibrar sempre os sentimentos? Que mundo é esse em que mulheres negras trabalham desde os 9 anos de idade? Que mundo é esse onde crianças estão cuidando de crianças? Que mundo é esse onde trabalhar de segunda a segunda é possível?

Cabe aqui um fato importante da nossa realidade histórica: para nós, amefricanas do Brasil e de outros países da região - e também para as ameríndias -, a consciência da opressão ocorre antes de tudo por causa da raça. A exploração de classe e a discriminação racial constituem as referências básicas da luta comum de homens e mulheres pertencentes a um grupo étnico subordinado. A experiência histórica da escravidão negra, por exemplo, foi terrível e sofridamente vivida por homens e mulheres, sejam crianças, adultos ou idosos. E foi dentro da comunidade escrava que se desenvolveram formas político-culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular pela liberação (Gonzalez, 2020, p. 147).

Trazemos aqui uma situação vivenciada durante as aulas de alfabetização, onde não raras vezes Vanda Cristina pegava no lápis e dizia que preferia a colher de pau na cozinha. A pergunta que desejamos fazer é: o que nós, mulheres negras, chamamos de preferência? Os modos de vidas que nos impõem, os lugares pré-estabelecidos condicionam as nossas vidas e nos fazem acreditar que fizemos escolhas. Quando temos que buscar um fazer e lutar pela sobrevivência, não há muito o que escolher.

E quando negros não usufruem de uma escolarização completa, quando não podem consumir bens culturais como livros, ida à teatro, cinema, concertos musicais, etc... E quando negros não estão em lugares de ponta nas universidades, nas grandes multinacionais, nas empresas particulares, nos cargos políticos... E quando negros compõem a grande maioria das favelas, das periferias das grandes cidades e são grande parte das vítimas de um descuido ou de uma violência do Estado... Não há um caráter profundamente racista da sociedade brasileira? A pobreza no Brasil tem cor (Gonzalez, 2020, p. 141).

Desejamos destacar que a turma de alfabetização na qual Vanda Cristina fazia parte também teve a ajuda da Karolaine, uma jovem negra da comunidade que se dedicou muito ao projeto. Ainda que não fosse professora, atuava com seriedade e se mostrava solícita a cada movimento das alunas. Nesse processo, também voltou a estudar, concluindo o ensino médio. Infelizmente, seu esposo que também era um voluntário nas oficinas de panificação e confeitoria, foi uma das inumeráveis, vítima da covid-19 e Karol, como era chamada pelas alunas, precisou deixar o projeto e reorganizar a sua vida. Retomando ao que hooks (2023, p.

123) fala sobre “reconhecer a nossa dor”, devo dizer-lhes que Gilcimar, companheiro de Karolaine, era o meu sobrinho-filho de apenas 24 anos.

Voltemos à carta de Vanda Cristina que compõe o livro *Cartas para Conceição Evaristo-Mulheres do Ler V*. Repare na declaração dela quando diz “em Queimados conheci a Verônica, ela é uma irmã” (Cristina, 2022, p. 115). É preciso descolar a ideia que os coletivos tecem junto com as suas membras uma relação piegas e assistencial, com uma metodologia vertical. Quando nós ajudamos não é em um formato colonial do “eu tenho, você não tem”. É uma maneira transgressora que diz: se eu tenho você também tem. Em *Irmãs do Inhame*, bell hooks (2023) nos chama à atenção para o que a vida em comunidade pode trazer-nos. Segundo a autora, juntas conseguimos lidar com os vazios da vida e comprometermo-nos em um processo de recuperação e libertação mútua. Viver em comunidade seria um espaço de cura e “o foco na construção de uma comunidade necessariamente desafia uma cultura de dominação que privilegia o bem-estar individual em detrimento do esforço coletivo” (hooks, 2023, p. 179).

Quando Vanda Cristina começa a conhecer as autoras negras e a se perceber como uma Mulher do Ler, ela começa a compreender as contradições que o seu dia a dia impunha. Começa a trazer para as aulas e reuniões mensais do grupo algumas questões tais como: eu preciso me cuidar também né. Porque eles (esposo e filhos) me esperam pra fazer a comida? Já não basta tudo o que cozinho fora!?

O movimento feminista teria sido, e será, mais apelativo para as massas de mulheres abordando os poderes que as mulheres exercem, mesmo quando chama a atenção para a discriminação sexista, para a exploração e para a opressão. A ideologia feminista não deveria encorajar as mulheres (como o sexismo encoraja) a acreditarem que são impotentes. Deveria explicar às mulheres o poder que exercem diariamente e mostrar-lhes formas de utilizar esse poder para resistirem ao domínio e à exploração sexista. O sexismo nunca tornou as mulheres impotentes. Não suprimiu a sua força, nem a explorou. O reconhecimento dessa força, desse poder, é um passo que as mulheres, juntas, podem dar no sentido da libertação (hooks, 2019, p. 75).

Vanda Cristina começou a construir uma revolução entre os seus. Acompanhando as filhas na escola, na renovação de matrícula ia, como era de costume, colocar o dedo na almofada de tinta. Quando é interpelada por uma das funcionárias da escola que, segundo ela, conhecia a trajetória do coletivo Mulheres do Ler: Vanda, soube que você aprendeu no Coletivo a escrever o seu nome. Ela nos conta com um sorriso de canto de boca: “a moça falou vamos com calma, no seu tempo. Hoje você vai assinar a renovação de matrícula da sua filha”. Vanda fala sobre a situação com uma mistura de lágrimas e risos. A partir daí, percebemos como a postura dela mudou. A escrita com lápis e papel reposiciona as pessoas. Com o passar das semanas, dos meses, ela se familiariza com o lápis tanto quanto se familiarizou com a colher de pau. Ela aprendia junto com a autoria negro feminina que a colher também escrevia. Escrevia junto com

ela as escrevivências de uma mulher negra que sabia onde queria chegar. Vanda escrevia outras histórias para a filha e “um dia, e agora ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria - Nova, um dia escreveria a fala de seu povo” (Evaristo, 2020a, p. 161).

Ao concluir a sua carta para Conceição Evaristo, Vanda Cristina (2022) fala de ver os seus filhos “na presença do Senhor”. Precisaríamos dialogar com ela e pesquisar o que realmente essa afirmativa quer dizer, no entanto, sabemos que para a classe popular, em especial, esse espaço da religião, ainda que com todas as suas contradições, tem ocupado um lugar de relevância na vida de muitas pessoas. A ausência do Estado, o que a nossa pesquisa bem mostra ao longo dos fios na teia desta tese, abre brechas de possibilidades que podem ser preenchidas pelo fundamentalismo religioso e fazer vítimas, como vimos acontecer com o próprio Coletivo, haja vista que o grupo perdeu o espaço físico de atuação dentro de um sistema que se mostrou racista e misógino. Para mulheres negras como Vanda, “estar na presença do Senhor” ainda é a via que poderá fazer com que menos meninos e meninas negras entram na estatística, como mais um “guri”²².

Vanda Cristina é uma mulher do ler que sempre cuidou das pessoas da comunidade. Ainda que tenha sido analfabetizada por um Estado omissو que invisibiliza os mais pobres e pretos, ela é uma mulher que não sucumbiu, como também afirma Elza Soares²³, ainda que tivesse que reprimir muitos sentimentos.

A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem (hooks, 2010, p. 3).

No ano de 2021, quando sondada pela secretaria de educação e a coordenadoria de promoção da igualdade racial na cidade de Queimados, a coordenação colegiada do Coletivo não hesitou em indicar a Sra. Vanda Cristina Damasceno dos Reis.

Figura 22. Vanda Cristina recebendo uma Moção Honrosa, das mãos da Coordenadora de Relações Etnicorraciais Sandra Remígio, na Câmara Municipal de Vereadores de Queimados

²² Acesso à música Guri do Chico Buarque lindamente interpretada por Elza Soares.

²³ Acesso à música Libertação de Elza Soares.



Fonte: Rede Social COMLER

É como nos alerta Souza (2021),

Para acolhê-los, é preciso reconhecer o sofrimento coletivo por um direito negado, contribuir para nomear a injustiça e a dor impostas a esses grupos sociais, auxiliando-lhes a se compreenderem como vítimas e não como culpados pela ausência da escolarização, isto é, reconhecê-los como sujeitos que foram analfabetizados por um Estado infrator e que, por isso, possui uma dívida social e histórica com eles (Souza, 2022, p. 10).

Ainda que em sua carta à Conceição Evaristo Vanda Cristina exalte a importância do trabalho coletivo em sua vida, enfatizando a importância da nossa atuação ao afirmar “[...] sabe tratar as pessoas e na hora que eu mais precisei, ela estava com as mãos estendidas e o pouquinho que eu sei ler, aprendi com ela. Me sentia envergonhada por não saber ler e escrever meu nome e ela, com toda a paciência do mundo, me ajudou” (Cristina, 2024, p. 115), são só dela os créditos de seus avanços. Vanda Cristina, assim como as personagens de Conceição Evaristo, é a imagem da sujeita negra que, mesmo com as marcas da exclusão inscritas na pele, atravessando passado e presente, com muita coragem reescrevem uma história de resistência. Uma História que não foi feita para elas, mas, como o título do livro de Beatriz Nascimento, é possível uma história escrita por mãos negras. Vanda faz a sua escrevivência e “borra a História”. É como afirma Conceição Evaristo (2021),

Pensar a Escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos

na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte de sua condição de escravizada. E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”. E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subiaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (Evaristo, 2021, p. 30).

Figura 23. Vanda Cristina no Lançamento do Livro Mulheres do Ler V



Fonte: Rede Social COMLER

A professora doutora Fernanda Felisberto (2011, p. 22) alerta-nos sobre esse processo complexo ao trazer a importante pergunta em sua tese: “como falar de produção textual específica de um grupo que ainda segue da própria margem tentando legitimar todos os seus saberes?”. Não temos a pretensão da resposta, mas seguimos com as pistas oferecidas pelas Mulheres do Ler.

Figura 24. Mulheres do COMLER com Vanda Cristina: A história de uma mulher são os escritos de muitas



Fonte: Rede Social COMLER

O Coletivo Mulheres do Ler prossegue com a missão: mais mulheres de cabeça erguida e caneta na mão, ajudando umas as outras.

E só
Não mais só
Recolheu o só,
Da outra, da outra, da outra ...

Fazendo solidificar uma rede
De infinitas jovens linhas
Cosidas por mãos ancestrais
E rejubilou-se com o tempo
Guardado no templo
De seu eternizado corpo.

Conceição Evaristo

O trecho transcrito acima do poema “Da mulher, o tempo...” mostra-nos como Conceição Evaristo em sua poética ressalta a solidariedade feminina. Por isso insistimos durante todo esse estudo no diálogo entre as ideias de bell hooks e Conceição Evaristo. A estudiosa afro-americana argumenta sobre as práticas de solidariedade e Conceição Evaristo traz uma poética da solidariedade. Ambas ecoando possibilidades de “balançar o mundo”,

contribuindo para a “autorrealização e o sucesso [feminino] sem dominar umas às outras” (hooks, 2019, p. 39).

4.4 Escrevendo com o fio-Marli Esteves

Marli Esteves é uma mulher que atuou na cidade de Queimados por muitos anos. Nas enchentes já citadas ao longo deste trabalho, foi incansável. Tomamos conhecimento das suas escrevivências pelas redes sociais. Sempre fazia os seus textos e convocava as mulheres à reflexão. No entanto, quando surge o convite para integrar o primeiro livro *Mulheres do Ler*, ela se assusta. Afirma que tem uns escritos guardados, mas que lançar livro “já era demais para ela”. Percebemos que o projeto de invisibilizar mulheres negras segue executado com sucesso. Não nos vemos como capazes de produzir a nossa própria literatura e isto atinge tanto as mulheres mais pobres e não escolarizadas, quanto aquelas que já conseguiram alcançar alguns níveis de formação. Marli Esteves (2020, p. 88) se apresenta na primeira edição de *Mulheres do Ler* da seguinte maneira: “sou formada em Letras (Português e Espanhol). Hoje leciono português no CIEP 396 Luiz Peixoto em Queimados e espanhol na E.M. Boa Esperança, no município de Paracambi. E nas horas vagas, eu sou uma escrevinhadora”.

Nota-se que Marli não se autodenomina escritora. É mulher que entra na faculdade aos 46 anos, após criar os filhos e torna posse aos 52 em uma matrícula estadual como professora e se sente orgulhosa ao integrar o Coletivo e colocar no papel as reflexões que a acompanharam por um longo tempo. Podemos perceber as inquietações nas afirmações assertivas apontadas ao longo de seu texto e Lélia Gonzalez (1984) analisa os processos de silenciamento e domesticação das mulheres, sendo sempre colocadas no lugar “das faladas por todos”, mas sem o direito de falar por si mesmas. No entanto, é muito difícil a “libertação” quando vivemos por longos anos de apagamento.

A institucionalização do sexismo e do racismo no Brasil se consolidaram com a colonização e está como uma nova ordem social e política. As categorias de raça e gênero se entrecruzam e as práticas discursivas nos textos literários que integram o Coletivo denunciam essa construção, ainda que Marli seja uma mulher negra de pele clara (hooks, 2019). Escrever pressupõe um quebrar de grilhões e a autoria aqui representada pelo dinamismo da sujeita da escrita, proporcionando-lhe sua autoinscrição no mundo como produtora de saberes e dona da sua própria história, adquire um sentido de insubordinação. O ato de transgressão apresentado por Marli, denuncia o fenômeno e anuncia o quanto ele pode ser modificado e questionado, construindo novas linhas escritas por sujeitas autorais, sujeitas do gesto da inscrição no mundo,

da ação de escrever se vendo. É o aprofundamento do exercício de falar de si mesmo e sabendo-se muitas como propõe Evaristo (2007).

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar ou inserir para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares, eu inventava um outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra (Evaristo, 2007, p. 20).

Lélia Gonzalez (2020) nos ajuda a pensar sobre essa construção quando apresenta a compreensão de que a população negra em diáspora aqui no Brasil é colocada a todo tempo sob uma condição particular de opressão, pois afeta não somente sua realidade direta, mas também as estruturas sociais. A antropóloga observa que “o movimento feminista ascendeu nos debates relativos à sexualidade, violência, classe social e outros, os colocando em pauta perante as massas, mas deixando de lado um dos temas centrais quando devemos pensar a transformação social do Brasil: a raça”²⁴.

Trazemos neste momento a transcrição de uma conversa com Marli Esteves que pode ser acessada na íntegra no perfil @mulheresdoler no *instagram*²⁵:

Eu sempre escrevi, sempre escrevi alguma coisa, sempre guardava num cantinho, já perdi muita coisa que eu escrevi, sempre gostei de colocar meus sentimentos no papel. E é muito assim do nada, sabe? E eu nem gosto quando tem um compromisso assim que tem que escrever ou coisa assim, e isso me retrai um pouco. Outra coisa que me retrai também é o computador. Eu gosto de caneta e papel, de preferência lápis porque eu posso apagar e tal e também o computador não me inspira.

Quantas “Marlis” estarão pela cidade de Queimados, pelo Brasil e o mundo guardando os seus escritos em “um cantinho”? São mulheres que seguem colocando os sentimentos em um papel, no computador “do nada”. Escrevendo “sem compromisso” e com tamanho comprometimento, dando preferência ao lápis de escrita negra e apagando uma história feitas pelas mãos da branquitude. Marli Esteves continua

E eu sempre fui de escrever mesmo e perdi muita coisa que eu escrevi, e veio a Veronica né, pra me tirar da zona de conforto, sempre ela, né? “Você não quer escrever um texto? Participar e tal?”, mas ela nunca tinha lido nada meu, e eu pensei

²⁴ Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2023/07/25/a-luta-internacional-das-mulheres-negras-um-dialogo-entre-lelia-gonzalez-e-angela-davis/>

²⁵ Disponível em:

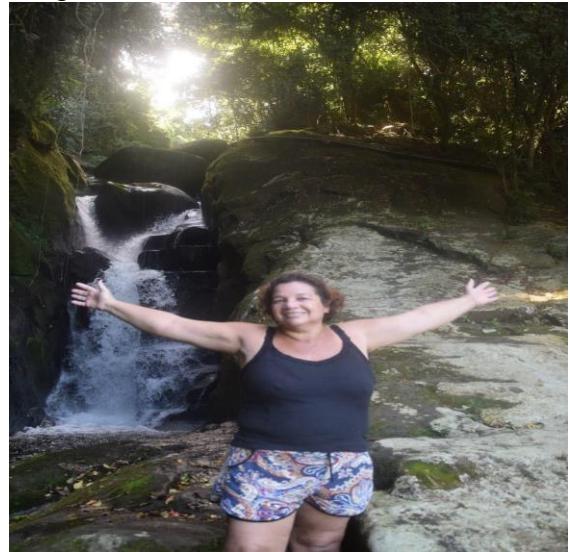
https://www.instagram.com/tv/CLsYkzQgS4NuLyu8yaDoneAsJdenOHZ3_rC4sc0/?igsh=MXQ2ZW52bWdlMGlnNA==

bom, à toa não foi, né? Nada acontece por acaso. Então eu resolvi topar, né e eu tenho escrito muita coisa a partir daí.

Figura 25. Mural Lambe-lambe na Praça CEU



Figura 26. Mulher do Ler Marli Esteves



Fonte: Rede Social COMLER

Neste trecho da entrevista Marli Esteves fala mais uma vez sobre a surpresa ao ser convidada para a primeira edição Mulheres do Ler. Pensamos que o sentimento de não capacidade vem de uma sociedade organizada também para a competição entre as mulheres. O movimento do Coletivo sempre foi de aquilombamento e isto é transgressor em um tempo forjado para o sucesso de um pelo aniquilamento do outro. Marli Esteves desenvolvia no salão de festas em sua própria casa um serviço social que atendia muitas pessoas vulnerabilizadas e foi fundamental para os inúmeros casos de enchentes que assolaram a cidade de Queimados e as suas escrevivências, a partir de denúncias e anúncios na rede social, foram o passo que deu início ao seu entrelaçamento de fios na teia Mulheres do Ler.

bell hooks (2023, p. 17) fala sobre o nosso processo de cura quando diz que “embora muitas pessoas entre nós reconheçam a profundidade de dores e feridas, nós costumamos nos organizar coletivamente e de forma contínua para encontrar e compartilhar maneiras de nos curar”. É nesta perspectiva que consideramos transgressora a ruptura proposta pelo Coletivo desse modelo capitalismo que isola e mata.

Marli afirma que desde a entrada no Coletivo tem “escrito muitas coisas”. Ousamos dizer que, talvez, esta seja uma das grandes transformações sociais tecidas pelo Coletivo Mulheres do Ler: ser aquele mobilizador de potencialidades. Trabalhar para que as mulheres silenciosas e silenciadas que constituem as cidades, no caso deste estudo na cidade de Queimados, tenham as suas vozes ouvidas por muitas pessoas, especialmente por elas mesmas.

Vejamos a afirmação de Marli Esteves quando diz: “mas também nunca tenho segurança pra publicar, eu nunca acho que tá bom, fico pensando: tanta gente boa nesse livro e eu vou fazer o feio? Então eu resolvi topar, né”. Consideramos de grande relevância discutirmos sobre o processo de publicação de autoras negras no Brasil e a construção da autoestima das mulheres, sobretudo, negras e pobres. Para maior compreensão, Conceição Evaristo (2020) nos provoca quando diz que tem percebido que mulheres como ela encontram no ato de ler uma forma de apreensão do mundo. No entanto, elas se percebem no mundo no ato de escrever. Ele, o bailado das letras que contam outras histórias, ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Para Evaristo, o ato de escrever “pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo” (Evaristo, 2020, p. 35).

Figura 27. Mulher do Ler Grace Kelly representando o COMLER na inauguração da Biblioteca Luiz Gonzaga de Macedo em Queimados



Fonte: Rede Social COMLER

Vejamos o poder de eternização da publicação, haja vista que retomamos aqui na tese o texto da autora Marli Esteves, uma das inumeráveis²⁶ vítimas da covid-19, que marcou a história

²⁶ Disponível em: <https://inumeraveis.com.br>.

do Coletivo Mulheres do Ler ao ter coragem de colocar a sua escrevivência para o mundo, a partir do volume 1 do livro que abre a série e que chega a quinta edição no ano de 2024, publicando textos de cerca de 85 mulheres, autoras com textos inaugurais.

Segue parte de um diálogo provocador sobre etarismo e outras questões, publicado por Marli Esteves (2020, p. 63) e que nos convoca:

Vejo você passar todos os dias, o que está fazendo?

Eu: Faculdade

Agora? Pra quê?

Eu: Pra morrer culta.

Onde estuda?

Eu: Na UNIG

Aaah, não é federal! Qual é o seu curso?

Eu: Letras

— Aaah, mas então você vai ser professora? (cara de piedade)

Enfim, me formo aos 46 anos de idade. Aos 50 anos, tomo posse na primeira matrícula, aos 52 na segunda. Bem na contramão da história: minhas amigas se aposentando.

Quantas camadas existem no diálogo apresentado pela nossa escrevivente? É um relato de resistência, mas também pressupõe muita dor. Afinal, as mulheres estão sempre tendo as suas escrevivências colocadas à prova. Elas estão sempre tendo que provar a validade de seus saberes e vontades colocados na sociedade. Conceição Evaristo nos traz uma importante contribuição para analisarmos esse processo de “não lugar”. É por isso que a escrevivência nos acolhe tanto. Ela é a experiência teórica e pessoal que faz com que a mulher negra na diáspora, com todas as implicações que isso significa, delineie uma escrita ancestral.

Figura 28. É Natal no São Roque: ação do Instituto Marli Esteves



Fonte: Rede Social COMLER

Não se trata de um mero exercício de escrever a vivência. E também, como nos orienta ainda a pesquisadora Conceição Evaristo, não é a escrita de si que se resolve nela mesma, esgotando-se no próprio sujeito. Marli Esteves traz uma história de não direcionados para as mulheres negras. Aprendemos que a nossa escrevivência não se esgota na pessoa individualizada. Desta maneira, as Marlises vão se achegando ao Coletivo e com elas vão percebendo que a pergunta “Que mulher sou eu? ” é complexa e atravessa todos os volumes, ainda que os livros apresentem outras temáticas centrais.

Um outro ponto que se faz necessário retomar é a mudança de lugar ocupado empreendida atualmente pelo escritor negro, que sai da condição de objeto, de fonte de inspiração de estereótipos, e assume o discurso, (re)significando histórias individuais e coletiva, se preocupando com o resgate histórico de fatos e personalidades rasuradas(os) da história oficial do país, valorizando e reconhecendo a herança africana, assim como em relação à estética negra, às religiões de matrizes africanas e um destaque especial para a representação da figura da mulher negra, entre outros (Felisberto, 2011, p. 76).

São muitos fios nesta teia onde, como afirma Oliveira (2023, p. 86), “sujeitos individualmente construindo uma consciência crítica podem promover um empoderamento dentro de um coletivo, uma vez que uma consciência transformada, engajada, comprometida com o coletivo pode mudar as condições de vida das pessoas”.

Figura 29. Inauguração da Nova FAETEC de Queimados 2022



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

4.5 Escrevivendo com Maria Jussara Evaristo

A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, como afirmo sempre.

(Conceição Evaristo)

Tia Ju, como é chamada pelos alunos e alunas e, agora, pelas Mulheres do Ler, apresenta-se no livro como “merendeira escolar, mulher que ama a Deus, a família e as crianças” (Evaristo, 2021, p. 89). Contadora de histórias foi assim que nos conhecemos: na fila da merenda no refeitório escolar da E. M. José de Anchieta, no bairro Jardim Alzira em Queimados. Eu atuava como pedagoga, na função de Orientadora Educacional e a chamava de coorientadora, devido a postura dela. Sempre atenta e nos passando as especificidades de cada aluno e aluna. “Esse perdeu o pai” e “Essa tem aquele negócio que se corta”. Assim, tecemos os fios de uma teia de ajuda mútua que, como dizia Freire (1996) torna-se imprescindível.

Como educador preciso de ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo ‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra’ (Freire, 1996, p. 90).

Figura 30. Mulher do Ler Maria Jussara Evaristo (Tia Ju)



Fonte: Rede Social do COMLER

Dialogando com a fala de Maria Jussara Evaristo na *live* arquivada no Instagram do Coletivo²⁷, podemos perceber o que Fernanda Felisberto (2020, p. 165) apresenta quanto nos fala da escrevivência como método, como rota de escrita, que visa “romper as amarras das estruturas acadêmicas”, a partir de um processo de dor e cura, que faz com que histórias sejam fundidas a outras histórias. Maria Jussara Evaristo nos convida a pensar a sua escrevivência como um fazer diário que a constitui.

Quando Maria Jussara Evaristo (2021a, p. 51) afirma que “alimenta almas”, ela comprehende que o ato de cozinhar e servir a comida da escola não é algo mecânico, dado. Ela se posiciona como sujeita do seu próprio conhecimento e, mais que isso, ela se coloca no lugar daquela que pode contribuir para o crescimento de outrem com mais um elemento: a escrita, a escrevivência. Pensamos que, talvez, seja essa mais uma contribuição importante do Coletivo Mulheres do Ler: criar situações para que as mulheres se reposicionem na cidade, apesar da dor.

Na edição II do livro *Mulheres do ler*, Maria Jussara Evaristo (2021b, p. 80), ao ser perguntada sobre o que lhe dá esperança, responde: “sempre lembrar daquilo que vai passar”. Pensamos o quanto de filosofia pode estar impregnado na escrevivência de uma mulher que, segundo ela, viveu “coisas muito difíceis na vida”. Maria Jussara Evaristo relata que o amor

²⁷

Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CL-ZWr_gFjDSolsu7u0GJY8GtoazT1AjBA4Fro0/?igsh=MXVtcnA4bW4yMXByMw==

aos filhos, com os quais sempre ficou no término dos relacionamentos, sempre foi a força que a fez continuar. Não raro mulheres precisam “dessa força” para cuidar de seus filhos e filhas após as separações. São os filhos da mãe. Eles não são mais levados como no período da escravização, mas são criados com uma dignidade de mulher que os protege. Não é fácil ser mulher no Brasil, não é fácil ser mulher negra no Brasil, não é fácil ser mulher negra e pobre no Brasil.

Lélia Gonzalez dedicou-se em seus estudos e lutas, a fim de trazer-nos a compreensão sobre o conceito da interseccionalidade, ainda que não utilizasse essa nomenclatura, desenvolvendo uma teoria de interação entre gênero, classe e raça. Trouxe-nos uma compreensão das desigualdades sociais e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade para que pudéssemos conhecer as “Marias Jussaras” em nós e/ou perto de nós. Constitui-se assim uma ferramenta importante de entendimento que faz a diferenciação de como a opressão opera. Não podemos deixar de citar, considerando a análise proposta, o contundente discurso “Eu não sou uma mulher? ”, proferido em 1851, durante a Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em Akron, onde Sojourner Truth denunciou que “ninguém nunca me ajudou a subir nas carroças, nem pular poças de lama [...], eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida pra escravização” (Ribeiro, 2019, p. 1).

Dito isto, voltemos a uma outra marca importante da escrevivência de Maria Jussara, Evaristo (2021b), onde ela nos apresenta o seu processo paradoxal de violência, alegria e pertencimento ao retornar à escola com sua filhinha:

Quando ela estava com dois meses, eu fui chamada para trabalhar na Escola Estadual José de Anchieta. Eu era auxiliar de serviços gerais. Ah, não foi fácil não! Vivi muitos momentos de angústia e medo, pois junto com a esperança de ter um trabalho; também vieram as dificuldades e humilhações [...] quatro anos depois me tornei merendeira escolar. Vocês não imaginam a felicidade de estar na escola da minha infância e onde eu pude terminar o meu ensino médio (Evaristo, 2021b, p. 80).

A escrevivência que Maria Jussara Evaristo apresenta traz em seu bojo uma série de especificidades, haja vista que nos mostra uma mãe solteira²⁸ e que precisa voltar ao trabalho com um bebê ainda tão pequenino e demandando cuidado, a necessidade de trabalho para a sobrevivência e a violência citada, como se não bastasse toda as outras impostas por um Estado que não cumpre o seu papel. Interessa-nos refletir sobre como se dá a “virada de chave” na narrativa, onde Maria Jussara Evaristo fala das humilhações e da felicidade de trocar de função (passa dos serviços gerais para a merenda escolar), bem como da alegria de retornar à escola da

²⁸ Usaremos o termo solteira em contraposição ideológica ao termo mãe solo, a fim de dialogar com a proposta de tese que traz o conceito de escrevivência como uma escrita de nós. Logo, as mães não estão sozinhas, pois estão com várias mulheres em sua jornada, seja ela ancestral e em rede.

infância. Pensamos que Lélia Gonzalez (2020, p. 287) pode nos ajudar nisto quando diz que “a gente não pode estar distanciada desse povo que está aí, senão a gente cai numa espécie de abstracionismo muito grande, ficamos fazendo altas teorias ficamos falando abstrações”.

Figura 31. Maria Jussara Evaristo apresentando as suas duas publicações nos livros Mulheres do Ler I e II



Fonte: arquivo pessoal da autora de Maria Jussara Evaristo, 2024.

Casos como o de Maria Jussara Evaristo são muito comuns em nossa sociedade e, muitas vezes, sonegamos a problematização dos fatos, naturalizando-os. Certo é que não podemos romantizar a escola, mas é alarmante percebermos quanto ela ainda reproduz vários tipos de violências. Doravante a encruzilhada em que somos colocados, é na escola, sobretudo na Educação de Jovens e Adultos como é o caso da escreviente em questão, onde vislumbramos discussões e ações potentes que “balançam as estruturas” do racismo e do sexismo, construindo novas formas de enfrentamento à desigualdade social. bell hooks (2019, p. 203) nos auxilia nesta reflexão quando afirma que “a ação dos movimentos por justiça social, a educação progressista torna-se ainda mais importante, já que ela pode ser o único lugar onde as pessoas podem encontrar apoio para adquirir uma consciência crítica , para assumir algum compromisso com o fim da dominação”.

Maria Jussara Evaristo (2021b, p. 80) declara ainda: “vocês não imaginam a felicidade de estar na escola da minha infância e onde eu pude terminar o meu ensino médio”. Destarte, precisamos nos lançar mais e corajosamente à defesa da escola como direito fundamental, considerando o que Paulo Freire, já nos idos da década de 90 dizia ao evocar como saber

indissociável à prática docente a alegria e a esperança.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professores e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que ela se justaponga. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscassem sem esperança. A desesperança é a negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural, possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História (Freire, 1996, p. 80-81).

Figura 32. Maria Jussara Evaristo na Semana da Consciência Negra - Queimados



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2024.

Maria Jussara Evaristo (2021b, p. 80) continua a sua escrevivência, “freireana por natureza”, quando diz “fiquei 19 anos trabalhando nesta escola: lugar onde aprendi a amar, a respeitar, a cuidar de cada criança e de cada amigo! Amigos esses que eu trago no meu coração até hoje”. A escrevivente busca expressar com toda natureza esperançosa que há complexidade e contradições em seu entendimento sobre o amor. Retomamos, mais uma vez, à forma como bell hooks trata o amor e foi tema do volume III do livro *Mulheres do Ler*. Tanto Maria Jussara Evaristo como a maioria das escrevientes mulheres do ler visitamos nesta pesquisa, leva à reflexão como a modernidade capitalista, religiosa e patriarcal afeta as relações e, não sem enfrentamento, somos todas induzidas a pensarmos mais na ausência do amor do que na presença dele. Doravante as escrevivências de cuidado e as produções outras de existência

construídas pelo Coletivo Mulheres do Ler na cidade de Queimados, elas seguem insistindo no amor ainda que sejam confrontadas cotidianamente com o ódio.

Não iremos nos alongar na perspectiva de família e amor da mulher negra, haja vista que já perpassamos por este tema ao longo do estudo com bell hoohs e Lélia Gonzalez. Entretanto, não podemos nos furtar a afirmação de Maria Jussara Evaristo (2021b, p. 81) quando diz que “nessa escola também conheci o meu atual esposo, onde eu renovei a minha esperança de finalmente ter um casamento feliz. Hoje me encontro casada com ele e sou chamada todos os dias de minha sereia. Isso é ou não é tornar a esperança realidade?”.

Fazemos coro com a declaração de Maria Jussara Evaristo, que não por acaso é Evaristo. Brincamos com o sobrenome da nossa griots Conceição e evocamos a capacidade de tratar as palavras como um poderoso lugar de empoderamento e transgressão, o que tem se mostrado uma característica das mulheres deste Coletivo. Por conseguinte, revisitamos a tese da professora doutora Neuza Oliveira (2023) quando diz:

O Coletivo Mulheres do Ler escolheu ir longe [...], o coletivo ressignifica a vida a partir de uma metodologia negra de se escrever para curar as feridas, escrever para transformar a realidade, escrever para empoderar outras mulheres e traçar caminhos outros para as mulheres que estão por vir (Oliveira, 2023, p. 93).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não me sonharam
Uma criança me perguntou:
Você quando era criança, sonhava
em ser escritora?
Eu rapidamente respondi com grande pesar: Não!
Fiquei reflexiva por um longo tempo
E pensei sobre não me sonhar em ser escritora
Mas a verdade é que não me sonharam
Não me sonharam escritora
Não me sonharam gente
Não me sonharam inteligente
Não me sonharam criança
E nem me sonharam pra ter esperança
Não me sonharam cientista
Não sonharam artista
Aprender a sonhar é reexistência
Aprender a sonhar é liberdade
Aprender a sonhar é luta
Não me sonharam, mas, hoje levo sonhos aos meus
pares
Para que sonhem em seus lares
Para que carreguem em suas bagagens
Os sonhos que nos roubaram
Não me sonharam Conceição Evaristo e Marcelina
Não me sonharam Lélia Gonzalez e Ryane Leão
Não me sonharam Carolina Maria de Jesus e Luisa
Mahin
Não me sonharam Antonieta de Barros e Maria
Firmina
Não me sonharam Esperança Garcia e Tereza de
Benguela
Não nos sonharam!

(Sandra Remígio)

O Coletivo Mulheres do Ler deseja mudar essa história e trabalhar, com aquele otimismo freiriano de esperançar, para que as nossas Marias Novas cheguem nesse lugar dizendo assim: “eu imaginei e eu esperava sim estar nesse lugar! ”. Trabalha-se para que em um futuro próximo outras Veronicas, Jussaras, Jorgéas se pronunciem: “eu me imaginei escritora sim! ” e movimentando-se para construir uma outra cidade de Queimados onde não sejam invisíveis e entendam que o trabalho literário é para o território, com o território e do território.

Carolina Maria de Jesus (2015) disse que não gostava do mundo e que faria o possível para mudá-lo. E conseguiu! Estamos aqui juntando uma série de mulheres potentes que continuam na missão carolinesca. A escritora negra e pobre que saiu do quarto do despejo e adentrou a casa de alvenaria, abriu portas para que todas nós trilhássemos os caminhos pavimentados por ela e por tantas outras intelectuais negras.

Ser cofundadora de um trabalho como o Coletivo Mulheres do Ler, aprender sobre escrevivências com Conceição Evaristo, não precisar de validação para produzir uma tese com o nosso jeito negro de fazer conhecimento e reunir mulheres que, tal qual a minha mestra-vó Lina, consideram a educação tão FUN-DA-MEN-TAL é uma transgressão, como diria bell hooks (2018). Elas se tornaram escritoras e, como se não bastasse: escritoras contra o racismo. Escrever e fazer coro com a escritora Conceição Evaristo durante todo este trabalho é uma espécie de vingança e, nessa perspectiva, o trabalho aqui apresentado reúne boas vingadoras. Mulheres aguerridas que não se colocam como as salvadoras, mas são as protagonistas que rejeitam o *script* planejado. Mulheres que rasgaram o roteiro e escolheram redigir uma história contada sob o ponto de vista daquelas que sabem que a sociedade é racista e sexista. No entanto, não se acomodam com a constatação, mas seguem denunciando e anunciando um novo mundo possível e urgente (Evaristo, 2007).

A escrevivência de Conceição Evaristo é a nossa possibilidade de refúgio. Contudo, mais que isso: é a nossa possibilidade de fortalecimento. É um lugar onde a nossa intelectualidade pode florescer sem medo da comparação. O que as mulheres do COMLER estão produzindo é transgressor porque anuncia uma luta pela libertação. É um anúncio de repositionamento onde não cabe mais ser o objeto de estudo. Elas, nós, somos as sujeitas do conhecimento (hooks, 1995). São mulheres vivas que usam as suas corpas antes invisibilizadas para uma escrita carregada de si e que não se esgota em si. São mulheres negras que se contrapõem à visão cristianizada de Marias, Veronicas e Madalenas. Não são coadjuvantes,

servidoras. Elas são as filhas de Oxum, isto quer dizer, são tecidas africanamente como mulheres capazes de mudar toda uma realidade de racismo e outras desigualdades. São as guerreiras na criação de estratégias, assim como em Palmares e em vários lugares-quilombo (Nascimento, 2022). O Coletivo Mulheres do Ler é um quilombo que nasceu desta visão beatrizesca que nos toma como fazedoras da nossa própria História e nos ajuda a fugir, mas não em uma perspectiva acovardada. Beatriz Nascimento nos apresenta o quilombo como uma “fuga no sentido quase que musical da palavra”²⁹. Uma fuga que não necessariamente faz com que você saia de um espaço geográfico, porém leva você a fugir dentro do próprio espaço por não se reconhecer como sendo propriedade de ninguém. Compreendemos que isto coaduna com a estratégia de organização do COMLER e faz com que as mulheres avancem e transformem os seus mundos.

Quando a mulher do ler Yonis Malacrida recebe um prêmio³⁰, como artista plástica e ex-babá que residente na Suíça declara no volume IV do livro Mulheres do Ler que é preciso ocupar o lugar que deseja o nosso coração, sem seguir um “padrão de vida estabelecido por terceiros” sentimos que os nossos fios da teia de transformação estão se fortalecendo (Malacrida, 2023, p. 163). Ela prossegue afirmando que “muitas como Lélia Gonzalez, abriram caminho para outras. Lembre-se disto: se por acaso, ainda não teve outra mulher preta ocupando determinado lugar, seja você a primeira”. Oliveira (2023) dialoga com as Mulheres do ler dizendo...

A formação do coletivo trouxe e que vai ao encontro dos pensamentos de hooks é a corporificação do conhecimento, e este como um instrumento de emancipação. A corporificação é muito importante na construção do ensino e aprendizagem emancipatórios, uma vez que quando se fala em corpos e como se vive nesses corpos dentro dos espaços acadêmicos se desafia o modo como esse espaço de poder se constitui (Oliveira, 2023, p. 75).

Compreendemos que a autoria de livros, a consciência do nosso trabalho intelectual, a saída do lugar de subalternização não nos tira do lugar social de alvo das vulnerabilidades que todas as mulheres passam todos os dias no Brasil e no mundo. Entretanto, a própria Conceição também nos auxilia nesta reflexão afirmando que entre aquilo que vivenciamos e o que contamos, existe um espaço-tempo que produz a invenção (Evaristo, 2018). É como nos diz a escrevivente Viviane Félix (2020, p. 76) quando afirma que “se permite olhar para traz pra saber de onde veio e que não cansa de olhar pra frente pra saber aonde vai chegar”.

²⁹ Recomendamos ouvir a frase na voz da própria Beatriz Nascimento na entrevista. Disponível em: <https://youtu.be/6VmPjhOTozI?si=kDZvhUzEN0FxApG6>

³⁰ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/artista-plastica-yonis-malacrida-participa-do-projeto-mulheres-do-ler>

A historiadora e escritora Amanda Guerra (2020) já definia de maneira muito sensível e assertiva, respondendo à pergunta: Quem são as Mulheres do Ler?

São mulheres negras da Baixada Fluminense, suas experiências de vida, suas existências e persistências, a forma como lidam com as tentativas de silenciamento, inventando jeitos de se dizer, como a roda de leituras que as uniu, como esse livro as projeta. O fio que borda essas vivências, a tinta que pinta essas páginas é coragem (Guerra, 2020, p. 80).

A ideia de escrevivência é histórica e ancestral. Não é apenas um jogo de palavras. Segundo Conceição Evaristo, a imagem que semantiza essa ideia é um texto libertário de um acúmulo de vozes. Vozes corajosas e organizadas coletivamente e que não sucumbiram ao medo. E o medo não somente da morte física, devido a pandemia mundial e as consequências de um desgoverno, mas o medo da morte de si, de seu pronunciamento no mundo com as escritas de nós (Evaristo, 2020).

A escrevivência diverge de autobiografia, já que autobiográficas são as histórias contadas em primeira pessoa sobre sua vida particular e essas histórias não remetem às histórias de uma comunidade. As escrevivências são narrações em primeira pessoa, nas quais as histórias contadas remetem ou rememoram as histórias de uma comunidade, de um grupo étnico: Mulheres e Homens Negros (Oliveira, 2023, p. 77).

Percebemos que a saída da invisibilidade instigou à produção de novos trabalhos, as mulheres do Coletivo são lidas, relidas e discutidas em muitas outras antologias. Já publicaram livros sozinhas e criaram novos coletivos. Há algumas que ainda não leem e escrevem no formato colonizatório que foi acordado pela branquitude, necessitando de escribas, como Vanda Cristina. Contudo, como baobás civilizatórios, lançam as suas escrevivências e constroem coletivamente outros olhares sobre o mundo, um mundo onde uma conhece a dor do outra, mas que sobretudo, confere ajuda na tomada de consciência da sua potência criativa. As Mulheres do Ler se acolhem, se movimentam em direção ao futuro que já existe dentro de cada mulher negra. As obras que nascem, sejam elas literárias ou não, trazem outra narração. São escrevivências que não aceitam mais uma sexualização e objetificação feminina, não aceitam mais um poder que coroa homens e mulheres em um acordo de branquitude, não aceitam mais relações de subalternização que produzem exclusões e reforçam estereótipos e que, para além de títulos e gavetas eurocêntricas de escolarização, criam teias de transformação pessoal e social; transgridem.

A escrevivente Lóide Azevedo (2024, p. 95) afirma que quando se olha no espelho, vê Lélia Gonzalez, pois “quando olham uma menina preta da cor da jabuticaba, já pensam: vou dar casa, comida, uma cama e faço surgir uma mucama. Doméstica, domesticada”. Porém, Jórgea Baião (2021, p. 80), uma outra transgressora deste Coletivo responde que “não é por

nada não, mas a neguinha aqui foi na contramão”. Considero que talvez seja esta a grande chave do trabalho desenvolvido pelas escrevientes: ir na contramão, pois “a mão” é uma estrada que leva ao apagamento.

A resposta à temerosa provocação da frase “Mulheres belas, recatadas e do LAR” que deu início ao Coletivo, trouxe também o aquilombamento e a oportunidade de contar outras histórias que precisam ser contadas nesta nova via, com mão negra e invertida. O Coletivo Mulheres do Ler reúne muitas mulheres, mulheres diversas, de várias etnias e experiências, com e Histórias de mulheres negras que, lidando com o racismo e o sexism, repensam o papel da mulher na sociedade e reescrevem um outro mundo.

É como nos diz a professora doutora Neuza Oliveira (2023, p. 93), “o Coletivo Mulheres do Ler escolheu ir longe [...], o coletivo ressignifica a vida a partir de uma metodologia negra de se escrever para curar as feridas, escrever para transformar a realidade, escrever para empoderar outras mulheres e traçar caminhos outros para as mulheres que estão por vir”.

Seguindo o inédito viável freireano, crendo que os fios-caracteres tecem mais que um trabalho final de doutoramento: é um processo que salta para o anúncio de que as mulheres de Queimados, Baixada Fluminense podem E VÃO falar a sua palavra, recusando a máscara de Flandres, escrevendo livros e fazendo o que mais quiserem. Como nos convoca a escritora e compositora Lina Veloso, escreviente no e do Coletivo Mulheres do Ler, nas linhas do samba que compôs exclusivamente para o COMLER e que bem resume o diálogo proposto nesta tese.

Mulher Do Ler

Maria do lar, deixou ser
Agora é Mulher do Ler
(Bis)

Deixou sua vida vazia
A louça na pia
A panela e o fogão
Saiu foi para a cidade
Cursou faculdade
Tem anel na mão
Maria não tem mais receio
Largou o freio

Na contramão
 Agora só quer ser doutora
 Pois é professora
 Mestre em educação

Maria do lar, deixou de ser
 Agora é Mulher do ler
 (Bis)

Maria hoje é Carolina
 Azoilda, Firmina
 Dona Conceição
 Defende a vida tão bela
 Levanta a favela
 Contra a opressão
 Agora a preta senhora
 Que fez sua hora
 Com revolução
 Levada pelo sentimento
 Gera conhecimento
 Para a população

Maria do lar, deixou de ser
 Agora é Mulher do ler
 (Bis)

É cheia de objetivos
 E no Coletivo
 É inspiração
 Somada a outras mulheres
 Multiplicam saberes
 Em publicações
 Registram em seus anais
 Memórias, histórias de seus ancestrais

Maria replanta semente
 Transforma o presente
 Das suas iguais

Maria do lar, deixou de ser
 Agora é Mulher do ler
 (Bis)
 (Repete a última parte)
 É cheia de objetivos
 E no Coletivo
 É inspiração
 Somada a outras mulheres
 Multiplicam saberes
 Em publicações
 Registram em seus anais
 Memórias, histórias de seus ancestrais
 Maria replanta semente
 Transforma o presente
 Das suas iguais
 Maria do lar, deixou de ser
 Agora é Mulher do ler.

Lina Veloso³¹

³¹

Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C-tRx_rph7GUM2fwF6BGRl4liJBZeufyYLAxQo0/?igsh=MWsxbG0xdnBxZ2NrNw==

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2021.
- ALMEIDA, I. C. Entrevista. In: AZEVEDO, L.; CUNHA, V.; RENOIR, R. (orgs.). **Mulheres do Ler III: Amar é um ato de coragem**. Ed. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2022.
- ALMEIDA, I. Saudações, querida Conceição Evaristo. In: ALMEIDA, I.; ALVES, P.; MIRANDELA, G.; SILVA, A. (orgs.). **Cartas para Conceição Evaristo: Mulheres do Ler V**. Ed. Rio de Janeiro: Editora Metanóia, 2024.
- ARAÚJO FILHO, N. H. de.; COSTA, C. P. de O. **Queimados: imagens de uma cidade em construção**. Asamih, 2019.
- AZEVEDO, L. Eu e o espelho. In: AMORIM, C.; MARIA, G. de S. (orgs.). **Mulheres do ler II**. 1a. ed. Rio de janeiro: Editora Conexão 7, 2021.
- BAIÃO, J. Viver com prazer. In: CUNHA, V. (org.). **Mulheres do ler I**. 1a ed. Rio de janeiro: Editora Conexão 7, 2021.
- BAIRROS, L. **Havia quem me indicasse o elevador de serviço, lembra ex-ministra negra de época em que viveu no RS**: Entrevista concedida a Jones Lopes da Silva, Zero Hora, 17 jan. 2015. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/01/havia-quem-meindicasse-o-elevador-de-servico-lembra-ex-ministra-negra-de-epoca-em-queviveu-no-rs-4682898.html>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.
- BICUDO, V. L. Conversando sobre Formação. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 13-20, 1989.
- BOTELHO, A. P. **Caminhos entrelaçados na escrevivência: a trajetória de mulheres pretas egressas do PARFOR/UFRRJ**. Seropédica, Nova Iguaçu, 2022. 118 f.: il.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), Brasília, 1996.
- CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. Prefácio: Conceição de Evaristo. Apresentação: Djamila Ribeiro, São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1a ed. Rio de Janeiro, Zahar: 2023.
- CRISTINA, V. Querida Conceição Evaristo. In: ALMEIDA, I.; ALVES, P.; MIRANDELA, G.; SILVA, A. (orgs.). **Mulheres do Ler V**. Ed. Rio de Janeiro: Editora Metanóia, 2024.
- CUNHA, V. **Coração em Palavras**. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2019.

- CUNHA, V. **Lina**: a menina que insistia em poesia. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2020.
- CUNHA, V.; FUMERO, R. R. S. Escrevendo e transformando mundos. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, n. 20, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/55109>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.
- DAVIS, A. **A Liberdade é uma Luta Constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- CUNHA, L. do C. de O. **O lugar social de uma neguinha e a desobediência racial da mulher negra**: sobre discursos, deslocamentos e escrevivências. 2023. 119 f. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação - Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Nova Iguaçu, RJ, 2023.
- DUARTE, L. C.; CÔRTES, C.; PEREIRA, A. R. M. (orgs). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2a ed. Belo Horizonte: Idea, 2018.
- ESTEVES, M. Que mulher sou? In: CUNHA, V. (org.). **Mulheres do Ler**. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2020.
- EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. de B.; SCHNEIDER, L. (Orgs.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia, 2005.
- EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org.). **Representações Performáticas Brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p 16-21.
- EVARISTO, C. **Literatura Negra**: Uma Poética da Nossa Afro-brasilidade. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, Departamento de Letras, 2009.
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1a ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3a ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.
- EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. 3a ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017b.
- EVARISTO, C. **Becos da Memória**. 5a ed., Rio de Janeiro: Pallas, 2020.
- EVARISTO, C. A Escrevivência e seus subtextos. In: **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, M. J. A mulher que alimenta a alma. In: AMORIM, C.; MARIA, G. de S. (orgs.). **Mulheres do ler II**. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2021a.
- EVARISTO, M. J. O que te dá esperança? In: AMORIM, C.; MARIA, G. de S. (orgs.). **Mulheres do ler II**. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2021b.

FELISBERTO, F. **Escrevivências na Diáspora**: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston. 2011. 154 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FELISBERTO, F. Escrevivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (orgs.). **Escrevivência, a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.p. 164-181.

FÉLIX, V. Eu sou a preta. In: CUNHA, V. (org.). **Mulheres do Ler**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2020.

FISCHMAN, G. E.; SALES, S. R. Formação de professores e pedagogias críticas. É possível ir além das narrativas redentoras? **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000100002>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra: São Paulo-SP, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93, 1988.

GONZALEZ, L. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUERRA. O que você poderá guardar em si aqui dentro depois de ler as Mulheres do Ler. In: CUNHA, V. (org.). **Mulheres do ler I**. 1a ed. Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2020.

HOMEM, H. **Cabra das Rocas**. 2a ed. Coleção Vagalume. São Paulo, Ática, 1973.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. **Revista de Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, Florianópolis, UFSC, 1995, pp. 464-478.

HOOKS, B. Vivendo de Amor. **Portal Geledés.** 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. 2a ed. São Paulo: editora WMF, Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **Teoria feminista:** da margem ao centro. Tradução: Reiner Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher?** 4a ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, B. **Ensinando Comunidade:** uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021a.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor.** São Paulo: Elefante, 2021b.

HOOKS, B. **Escrever além da raça:** teoria e prática. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

HOOKS, B. **Irmãs do Inhame:** mulheres negras e autorrecuperação. 1a ed. São Paulo: editora WMF, Martins Fontes, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Características étnico-raciais da população:** classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. 10a ed. São Paulo: Ática, 2015.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação:** Episódios de racismo cotidiano. 1a ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LITERAFRO. 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

LUCINDA, E. **Vozes guardadas.** 1a ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

GOMES, H. T. Formação da literatura afro-brasileira: memória e heranças díspares. **Caderno Seminal**, Rio de Janeiro, n. 46, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/80747>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

MALACRIDA, Y. Ser a primeira não é fácil, mas é satisfatório. In: HONÓRIO, R.; MACEDO, L. (org.). **As faces de Lélia Gonzalez em mim:** Mulheres do Ler IV. 1a. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023.

MARTINS, S. F. **A Educação do Campo como ferramenta pela permanência na terra:** a experiência de Campo Alegre. 2020. 46f. (Dissertação, Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2020.

MARTINS, L. **Performance do tempo espiralar, poética do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, S. Dalva, ou melhor, tia Dalva: uma história a ser lembrada. In: CUNHA, V.; ROSE, G. **Mulheres Pretas de Fé**. 1a ed. Rio de Janeiro, Metanoia, 2023.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MIGNOLO, W. D. Novas reflexões sobre a “ideia da américa latina”: a direita, a esquerda e a opção descolonial. **Caderno CRH**, v. 21, n. 53, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v21i53.18970>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

NASCIMENTO, B. “Por uma história do homem negro”. **Revista de Cultura Vozes**, v. 68, n. 1, p. 41-45, Petrópolis-RJ, 1974.

NASCIMENTO, B. **Todas as distâncias**: poemas aforismos e ensaios. RATTS, A.; NASCIMENTO, B. (orgs.). Salvador: Editora Oguns Toques, 2015.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, M. B. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. RATTS, A. (org.). 1a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, M. B. **O negro visto por ele mesmo**. RATTS, A. (org.). São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NASCIMENTO, B. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NEVES, L. M. W. **A nova pedagogia da hegemonia**: estratégias da burguesia brasileira para educar o consenso na atualidade. São Paulo: Xamã, 2005.

OLIVEIRA, R. da S. **Baixada Fluminense**: novos estudos e desafios. Rio de Janeiro: Paradigma, 2004.

OLIVEIRA, N. M. S. A. de. **Mulheres do ler**: a emancipação de mulheres negras mediada pela leitura e pela escrita. 2023. 112f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

OLIVEIRA, M. E. de. As faces de Lélia em mim. In: HONÓRIO, R.; MACEDO, L. (org.). **As faces de Lélia Gonzalez em mim**: Mulheres do Ler IV. 1a. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023.

ÔRÍ. Direção: Raquel Gerber. Roteiro: Beatriz Nascimento. Angra Filmes, 1989. (93 min).

PAIVA, J. **Educação de Jovens e Adultos**: direito, concepções e sentidos. Tese de Doutorado, UFF, 2005. Disponível em: http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_arquivos/2/TDE-2006-08-11T111132Z303/Publico/UFF_Educacao-Tese-JanePaiva.pdf. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

PRADO, W. de O. **História Social da Baixada Fluminense**: das sesmarias a foros da cidade. Rio de Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2000.

RIBEIRO, E.; BARBOSA, M. (orgs.). *Cadernos Negros* 43. São Paulo: Quilombhoje, 2020.

REIS, D. dos S. “Beatriz Nascimento”. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2022. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/beatriz-nascimento>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIOS, F.; LIMA, M. Apresentação. In: GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020. p. 6-18.

ROCHA, A.; VINOLO, B. (orgs.). **O Despertar das Consciências, tempo de esperançar**. Rio de Janeiro, RJ: Sesc RJ, 2023.

SALES, S. R.; PAIVA, J. As muitas invenções da EJA. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 22, n. 58, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v22n58>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

SANTOS, A. de F. T dos. **Pedagogia do Mercado**: neoliberalismo, trabalho e educação no século XXI, Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012.

SANTOS, V. da C. A. **Concepções de professores de EJA sobre trabalho e formação humana**: estudo exploratório no município de Queimados - Baixada Fluminense. 2014, 90 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro, 2014.

SEMED. **Diretrizes Curriculares para EJA**, Queimados, 2012.

SIMÕES, M. R. Da Grande Iguassu a Baixada Fluminense: emancipação política e reestruturação espacial. In: OLIVEIRA, R. da S. (org.). **Baixada Fluminense**: novos estudos e desafios Rio de Janeiro, Paradigma, 2004.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. Malê. 1a ed., 2022.

SOUZA, M. L. de. **Educação de Jovens e Adultos**: linguagens, alfabetizações e afetos. 1a ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

SOUZA, J. **Ralé Brasileira**: Quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, L. N. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna. **Revista Crioula**, v. 21, p. 25-43, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.146551>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

SOUZA, M. Da invenção do “analfabeto” ao analfabetizado: História, educação de jovens e adultos e população negra. **Revista África e Africanidades**, Ano XIV, n. 42, p. 1-15, 2022. Disponível em: <http://www.africaeafricanidades.com.br>. Acesso em: 7 de novembro de 2024.

TORRES, G. **Baixada Fluminense, a construção de uma história**: sociedade, economia, política. São João de Meriti: IPAHB, 2004.

ANEXO A – Mulheres do ler

Figura 33. Participação do COMLER no ENCCULT - UFAL



Fonte: @mulheresdoler

Figura 34. Lançamento de livro na Editora África e Africanidades



Fonte: @mulheresdoler

Figura 35. COMLER na FLIPA



Fonte: @mulheresdoler

Figura 36. COMLER na FLIPA



Fonte: @mulheresdoler

Figura 37. Sarau COMLER na FLIPA



Fonte: @mulheresdoler

Figura 38. COMLER na Bienal



Fonte: @mulheresdoler

Figura 39. COMLER na UFF - Angra dos Reis



Fonte: @mulheresdoler

Figura 40. Dinâmica no Lançamento do livro



Fonte: @mulheresdoler

Figura 41. Roberta Renoir, cofundadora do COMLER



Fonte: @mulheresdoler

Figura 42. COMLER homenageando Nilma Lino Gomes



Fonte: @mulheresdoler

Figura 43. COMLER no Projeto Consciências SESC



Fonte: @mulheresdoler

Figura 44. COMLER no COPENE Sudeste



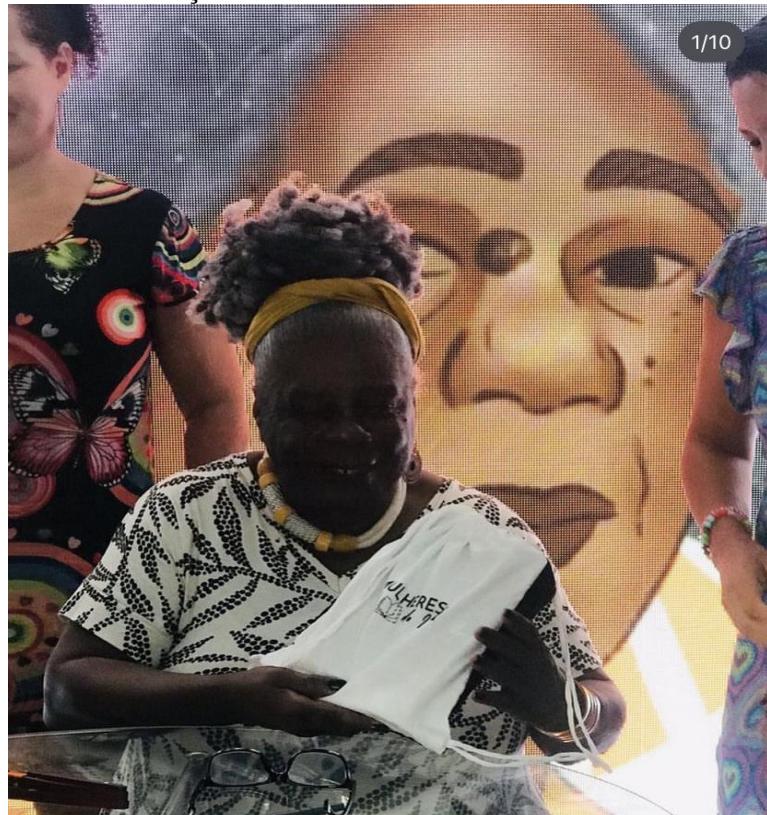
Fonte: @mulheresdoler

Figura 45. COMLER na FLIC BF



Fonte: @mulheresdoler

Figura 46. Conceição Evaristo recebendo os livros Mulheres do Ler



Fonte: @mulheresdoler

Figura 47. Lançamento Edição V Mulheres do Ler



Fonte: @mulheresdoler

Figura 48. COMLER na Bienal



Fonte: @mulheresdoler

Figura 49. COMLER na Marcha das Mulheres Negras RJ



Fonte: @mulheresdoler

Figura 50. COMLER na Foto Histórica SP



Fonte: @mulheresdoler

Figura 51. COMLER na FLIQ



Fonte: @mulheresdoler

Figura 52. COMLER na FLIQ



Fonte: @mulheresdoler

Figura 53. COMLER na FLIQ



Fonte: @mulheresdoler

ANEXO B – Convites para eventos

Figura 54. CONVITE para a FLIPA



Fonte: @mulheresdoler

Figura 55. Roda de Conversa com a Escritora Nilma Lino



Fonte: @mulheresdoler

Figura 56. Participação COMLER



Fonte: @mulheresdoler

Figura 57. Participação COMLER



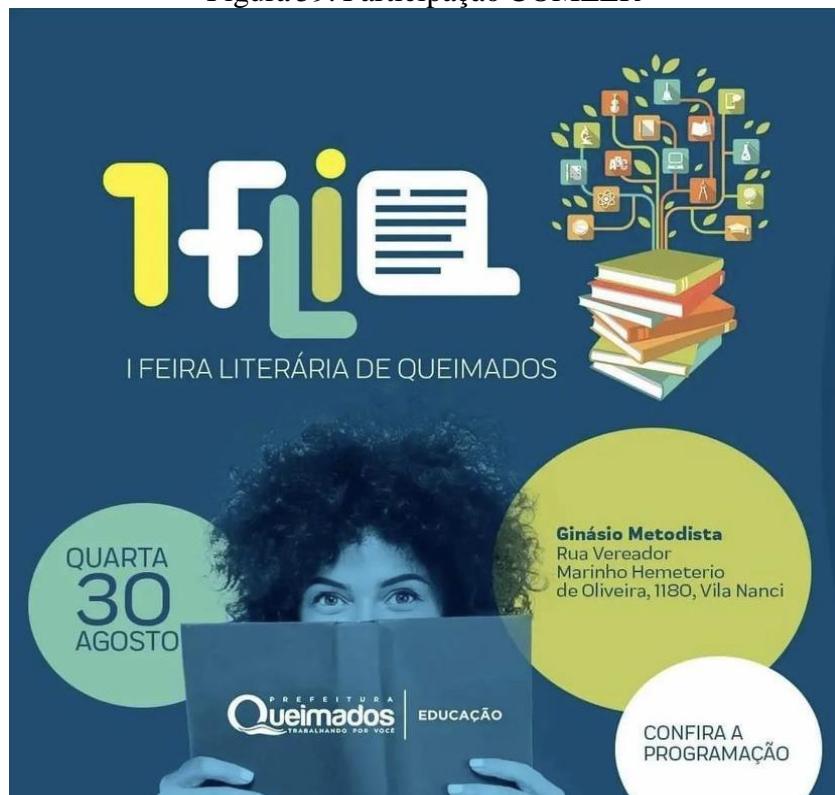
Fonte: @mulheresdoler

Figura 58. Participação COMLER



Fonte: @mulheresdoler

Figura 59. Participação COMLER



Fonte: @mulheresdoler

Figura 60. Campanha 21 dias



Fonte: @mulheresdoler

Figura 61. Convite da pré-marcha das mulheres negras



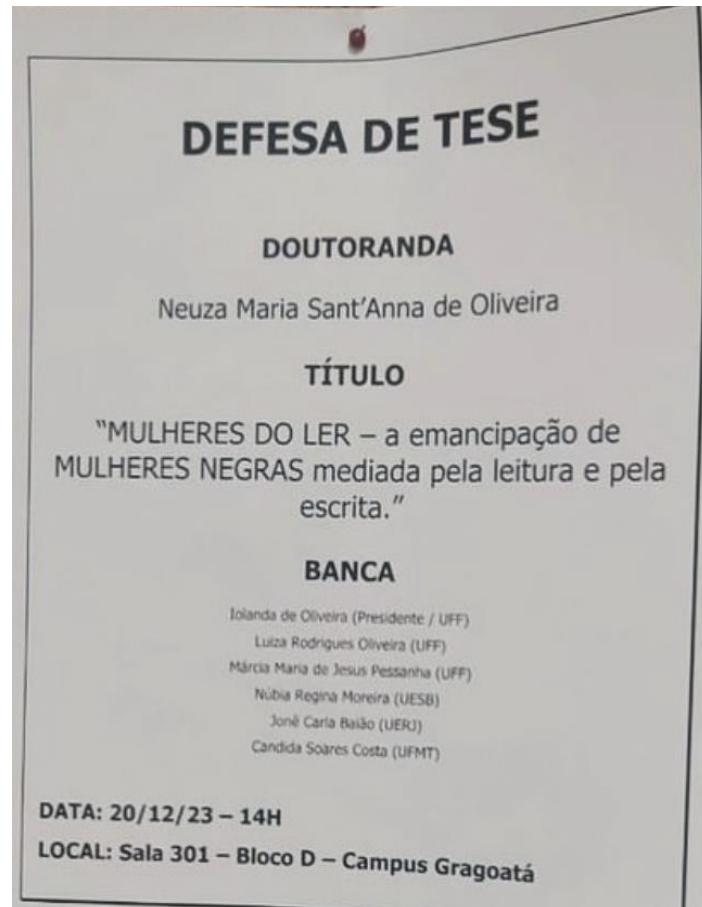
Fonte: @mulheresdoler

Figura 62. Convite Mulheres do ler



Fonte: @mulheresdoler

Figura 63. Dia da defesa de tese da mulher do ler Neuza Oliveira



Fonte: @mulheresdoler

Figura 64. COMLER Dia da Mulher



Fonte: @mulheresdoler

Figura 65. COMLER na Marcha das Mulheres Negras



Fonte: @mulheresdoler

Figura 66. COMLER na roda de conversa com a jornalista Luciana Barreto



Fonte: @mulheresdoler

Figura 67. COMLER na foto histórica Escritoras Negras



Fonte: @mulheresdoler